

UNIVERSIDADE ESTÁCIO DE SÁ

ADRIANA CONDE ROCHA

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM: A VISÃO
DE ALUNOS E TUTORES DE CURSO *ONLINE***

Rio de Janeiro

2008

ADRIANA CONDE ROCHA

**A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM: A VISÃO
DE ALUNOS E TUTORES DE CURSO ON-LINE**

Dissertação apresentada à Coordenação
do Curso de Mestrado em Educação da
Universidade Estácio de Sá como
requisito parcial para a obtenção do grau
de Mestre em Educação

Orientadora Prof^a.Dr^a. Lúcia Regina Goulart Vilarinho

**Rio de Janeiro
2008**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672

Rocha, Adriana Conde

A construção da autonomia na aprendizagem: a visão de alunos e tutores de curso online. / Adriana Conde Rocha.- Rio de Janeiro, 2008.

172 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, 2008.

1.Ensino à distância. 2.Autonomia. 3.Aprendizagem (Educação). 4.Internet na educação. I. Título.

CDD 374.4

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido Vicente pelo apoio, paciência, carinho, estímulo e pontuações críticas, que muito contribuíram para a composição deste estudo.

Aos meus amados filhos, que tanto reclamaram (com razão) a minha falta, mas, ao mesmo tempo me deram muita força e coragem para tentar conciliar tudo e tantos (com muita culpa, admito). Agora vou ter mais tempo para vocês.

À minha querida irmã Sheila por, generosamente, partilhar comigo seus projetos de vida.

À minha querida orientadora e parceira, professora Lúcia Regina Goulart Vilarinho, que com segurança, competência e sensibilidade, me conduziu ao longo do processo de elaboração deste trabalho, compartilhando saberes e afetos.

À doce professora Lina Cardoso Nunes, com quem pude certificar que Paulo Freire estava correto quando afirmava a importância de se querer bem aos educandos.

À Prof^a. Dr^a. Guaracira Gouvêa de Sousa por ter, gentilmente, aceitado o convite para participar da banca examinadora.

A Márcia e Márcio Rondon, o “Casal 20” que tanto me ajudou!

Aos integrantes do Grupo Arteduca, coordenação, tutores, equipe de desenvolvimento, equipe administrativa e de suporte técnico: Suzete Venturelli, Sheila Campello, Márcia Pellissari, Antonio Bianco, Leci Augusto, Kalina Borba, Ângela Faria, Teresa Kátia Albuquerque, Reginaldo Costa, Danielle Lelis, Getúlio Caetano, Acássia Barreto, Fafá Lemos, Sandra Cedraz, Shirley Maia, Luzia Brito, Luzirene Leite, Alexandre Ataíde, Johnny Souza, Ana Lemos, Suzy Araújo, Helio Neto, Stephanie Tete e Sidney Medeiros, pelo apoio técnico e afetivo à minha pesquisa.

Aos alunos do Arteduca, edição 2006/2007, que participaram com tanto interesse da pesquisa que permitiu a elaboração dessa dissertação.

A Ana Paula Nunes, da secretaria do Mestrado, sempre tão solícita e meiga.

Aos colegas do Mestrado, pelos momentos felizes - tão preciosos - que vivenciamos em sala de aula.

Aos professores do Mestrado, em especial, às professoras Alda Judith Alves-Mazzotti, Helenice Maia e Wânia Gonzalez, pelas análises realizadas do meu trabalho, contribuindo para o aprimoramento dessa dissertação.

Finalizo agradecendo ao meu querido pai Nestor, por tudo que fez e faz por mim! Não há palavras que expressem a felicidade de tê-lo comigo nesse momento tão importante da minha vida.

Ao Vicente, marido, companheiro,
parceiro e amor para toda a vida.
Aos meus filhos, Henrique, Isabela e
Paulo, tesouros da minha existência.
Ao meu muito querido pai, Nestor, ainda
meu porto seguro e cais, nas calmarias e
nas tempestades.
À minha amada mãe, Josefa, que entre
tantas outras coisas, me ensinou a alegria de
viver e tão cedo acordou do sonho da vida.

RESUMO

As Tecnologias da Informação e Comunicação, particularmente o computador e a Internet, vêm transformando o espaço educacional, permitindo o acesso, de forma autônoma e inovadora, a múltiplas informações e conhecimentos, derrubando limites espaciais e temporais. No rastro dessa transformação, destaca-se a educação *online* consolidando-se como caminho alternativo para o enfrentamento dos complexos desafios do mundo contemporâneo, entre eles a necessidade de formar cidadãos autônomos, que saibam agir e trabalhar colaborativamente. A relevância dessa formação levou a investigar, segundo a visão de alunos e tutores de um curso *online*, o processo de construção da autonomia na aprendizagem. Foram formuladas as seguintes questões de estudo: (a) qual a proposta do curso no que tange à promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem; (b) como alunos e tutores definem construção da autonomia na aprendizagem *online*; (c) em que medida as práticas pedagógicas contribuíram para a promoção da autonomia na aprendizagem; (d) quais as dificuldades vivenciadas durante o curso e como estas interferem na promoção / ampliação da autonomia na aprendizagem; e (e) como a construção da autonomia na aprendizagem *online* se refletiu na prática pedagógica dos alunos. O campo de estudo foi o curso de especialização *lato sensu* em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, totalmente *online*, oferecido pela Universidade de Brasília, realizado entre julho de 2006 e julho de 2007. Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes procedimentos: observação participante; análise de documentos oficiais do curso; e aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas. Os dados quantitativos, derivados das perguntas fechadas do questionário, permitiram quantificações e o estabelecimento de percentuais. Já os qualitativos, obtidos com a análise do conteúdo das respostas abertas do mesmo instrumento, foram interpretados à luz do referencial teórico da pesquisa e que se centrou nos seguintes temas: autonomia na aprendizagem e práticas pedagógicas favorecedoras da construção da autonomia do aprendiz. Os resultados nos levaram a concluir que a autonomia é um processo que: (a) depende da determinação do sujeito, mas não se concretiza solitariamente; (b) demanda responsabilidade, organização, disciplina, maturidade e compromisso; (c) é favorecido pela mediação pedagógica, o que evidencia a relevância de se investir na formação dos professores por meio de sólida base teórica, de modo que estes possam fundamentar sua prática pedagógica e enfrentar os desafios impostos por uma sala de aula virtual.

Palavras – chave: Educação a Distância, Autonomia na Aprendizagem, Curso *online*.

ABSTRACT

Information and Communication technology, especially the computer and the Internet, are changing the educational area. They are allowing the access to multiple information and knowledge in a new and autonomous way, bringing down barriers of space and time. In the track of this transformation, online education is in a prominent position. It is consolidating itself as an alternative way to face the challenges of a contemporary world which includes the necessity to educate autonomous citizens. The relevance of this type of education led the investigation of the autonomy of learning process construction according to the learners' and tutors' point of view of an online course. The following study questions were formulated: (a) What is the purpose of the course in relation to the autonomy of learning promotion or enlargement; (b) How do learners and tutors define the construction of an online autonomy training; (c) In which way do the pedagogical practices contributed to the promotion of the autonomy of learning; (d) Which difficulties were experienced during the course and how do they interfere in the promotion or enlargement of the autonomy of learning; and (e) How do this autonomy of learning construction was reflected in the learners pedagogical practice. The study area was the Lato Sensu Specialization Course in Arts, Education and Contemporary Technologies. The course was completely online, offered by Brasilia's University, taken from July, 2006 to July, 2007. The data research used the following procedures: participant observation, observation of the official course documents, and questionnaire application containing closed and opened questions. The quantitative data were derived from the questionnaire's closed questions and they allowed to quantify and to establish a percentage. The qualitative data which was obtained from the content analysis received from the opened question, were interpreted in the light of the research theoretical referential. It was concentrated upon the following themes: autonomy of learning and pedagogical practices which allowed the constructions of the learner's autonomy. The results led to the conclusion that autonomy is a process that: (a) depends upon the subject determination, but it does not become concrete by itself; (b) responsibility demand, organization, discipline, maturity and commitment; (c) it is favored by pedagogical mediation, what shows up the investment relevance in the teacher's training by a solid theoretical basis. Therefore, they can substantiate the pedagogical practice and face the challenges imposed by a virtual classroom.

Keywords: Distance Education, Autonomy of Learning , Online Course.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição dos cursistas em relação à região geográfica em que residem.	61
Gráfico 2 – O curso online como primeira experiência.....	62
Gráfico 3 – Presença da Internet em casa.....	62
Gráfico 4 – Acesso à Internet: banda larga e discada.....	63
Gráfico 5 – Atuação em escola.....	64
Gráfico 6 – Modo de conhecimento do Arteduca.....	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página de Acesso ao Curso.....	32
Figura 2 – Página Principal do Curso.....	32
Figura 3 – Fóruns de Trabalho Colaborativo das Equipes do Arteduca.....	34
Figura 4 – Fórum de Apresentação dos Participante do Curso.....	35
Figura 5 – O poder simbólico do signo flecha através dos tempos.....	113
Figura 6 – Feirantes.....	113
Figura 7 – Alegria de Criança.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos alunos em relação à formação acadêmica.....	59
Tabela 2 – Distribuição dos cursistas em relação ao curso de graduação.....	60
Tabela 3 – Distribuição dos cursistas em relação ao Estado em que residem.....	61
Tabela 4 – Frequência do acesso ao curso.....	63
Tabela 5 – Distribuição dos cursistas em relação ao segmento escolar em que atuam...	64
Tabela 6 – Forma como tomou conhecimento do Arteduca.....	65
Tabela 7 – Motivação para se inscrever no curso.....	66
Tabela 8 – Conceitos apresentados pelos alunos em relação aos objetivos do curso.....	68
Tabela 9 – Visão do aluno sobre o atendimento às suas expectativas.....	71
Tabela 10 – Visão do aluno sobre a metodologia do curso.....	75
Tabela 11 – Situações de ensino em que se aprende com autonomia na visão dos alunos.....	79
Tabela 12 – Visão do aluno sobre a contribuição do tutor para a construção da autonomia.....	81
Tabela 13 – Visão dos alunos sobre a contribuição do curso para a aprendizagem autônoma.....	84
Tabela 14 – Visão dos alunos sobre a relação: construção da autonomia na aprendizagem online e prática pedagógica dos alunos.....	87
Tabela 15 – Visão dos alunos sobre as dificuldades/limitações na construção da autonomia na aprendizagem.....	88
Tabela 16 – Visão dos alunos sobre a construção da autonomia na aprendizagem.....	92
Tabela 17 – Distribuição dos tutores em relação ao curso de graduação.....	96
Tabela 18 – Distribuição dos tutores em relação ao Estado em que residem.....	97
Tabela 19 – Visão do tutor quanto à consecução dos objetivos do curso.....	98
Tabela 20 – Visão do tutor sobre a metodologia do curso.....	100

Tabela 21 – Situações de ensino em que se aprende com autonomia na visão dos tutores.....	101
Tabela 22 – Visão do tutor sobre sua contribuição para a construção da autonomia do aprendiz.....	102
Tabela 23 – Visão dos tutores sobre as dificuldades para a construção da autonomia na aprendizagem.....	104
Tabela 24 – Visão dos tutores sobre a construção da autonomia na aprendizagem.....	105
Tabela 25 – Visão de alunos e tutores sobre a construção da autonomia na aprendizagem	120
Tabela 26 – Situações de ensino em que se aprendeu com autonomia na visão de alunos e tutores.....	122
Tabela 27 – Contribuição do tutor para a construção da autonomia na visão de alunos e tutores.....	122
Tabela 28 – Visão de alunos e tutores sobre as dificuldades na construção da autonomia na aprendizagem.....	124

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS.....	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	10
LISTA DE TABELAS.....	11
1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA?.....	14
1.1. INTRODUÇÃO.....	14
1.2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	21
2. O CONTEXTO DO ESTUDO.....	24
3. ABORDAGEM TEÓRICA.....	36
3.1. TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DA APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA À APRENDIZAGEM <i>ONLINE</i>	36
3.2. AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM.....	42
3.3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PROMOTORAS DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM <i>ONLINE</i>	47
4. A AUTONOMIA SEGUNDO ALUNOS E TUTORES DO ARTEDUCA.....	58
4.1. AS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DOS ALUNOS.....	58
4.2. AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS.....	67
4.3. AS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS E PERCEPÇÕES DOS TUTORES.....	95
4.4. A OBSERVAÇÃO DE CAMPO.....	108
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXOS.....	134

1. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA?

1.1 INTRODUÇÃO

A reconfiguração da sociedade contemporânea, impulsionada pela intensa evolução dos meios de comunicação e transportes, tem gerado mudanças no comportamento do homem, que envolvem o seu pensar e agir, aí se incluindo a execução de tarefas simples e cotidianas, a formação orientada para o trabalho, a aquisição e construção de novos saberes. Tal reconfiguração exige que o conhecimento humano não se restrinja a conceitos técnicos e científicos de caráter mensurável e determinístico; ao contrário, demanda sujeitos capazes de compreender as múltiplas relações sociais, as identidades individuais, o próprio cotidiano, ultrapassando a separação sujeito/objeto. Trata-se, pois, de um conhecimento que não se assenta na redução da complexidade (visão reducionista da realidade).

Inúmeros autores vêm chamando atenção para as distorções que advém desta visão. Morin (1990, p.18), por exemplo, admite que o pensamento baseado no paradigma da simplificação (que reduz, disjunta, abstrai, separando o todo das partes), não pode compreender/apreender a realidade, por natureza complexa. Quando o homem se vale deste paradigma, que “não concebe a conjunção do uno e do múltiplo (*unitas multiplex*), ou ainda, unifica abstratamente ao anular a diversidade, ou, pelo contrário, justapõe a diversidade sem conceber a unidade”, ele produz o que Morin designa de “inteligência cega”: uma inteligência que destrói os conjuntos, as totalidades.

Souza Santos (2003, p.20), por sua vez, ao discutir o paradigma dominante, isto é, “o modelo de racionalidade que preside à ciência moderna”, admite que o mesmo tem caráter totalitário na medida em que descarta outras formas de conhecimento que não sejam guiadas por seus princípios epistemológicos e regras metodológicas, entre estas o senso comum e os estudos humanísticos. No paradigma da racionalidade científica se dá a separação entre natureza e o ser humano e, com isto, prevalece o rigor científico aferido por quantificações. Este autor considera que a crise do paradigma dominante (que vem dando margem à emergência de uma nova racionalidade) se dá pela interatividade de uma pluralidade de condições, sociais e teóricas, e nestas últimas destaca as seguintes teses: a totalidade não se reduz à soma das partes; todo conhecimento é estruturalmente limitado, portanto só podemos contar com resultados

aproximados. Em última instância, Souza Santos (*op cit*) está enfatizando a questão da complexidade da realidade. Neste sentido, afirma que o conhecimento emergente não é determinístico, nem descritivo, mas é um conhecimento sobre as condições de possibilidade, portanto, altamente complexo.

Morin (1990, p.20) define a complexidade como um tecido “(*complexus*: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados, que coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”. É o que não atua a partir de ações individuais e isoladas, mas ao contrário, supõe ações inteiras, integradas e interdependentes, nas quais tanto as influências internas como as externas são consideradas e valorizadas. “O pensamento que é complexo não pode ser linear. A complexidade integra os modos simplificadores do pensar e conseqüentemente nega os resultados mutiladores, unidimensionais e reducionistas. [...] Este é o cerne do pensamento complexo, distinguir, mas não separar” (PETRAGLIA, 2003, p.47).

Na visão de Morin, também o sujeito é complexo, não apenas pelas suas diferenças ou individualidades, mas pela sua capacidade de auto-organização e criação de suas próprias determinações e finalidades, sendo capaz de se posicionar como centro de seu mundo. À primeira vista, tal afirmação parece apontar para um posicionamento egoísta e individualista, mas a complexidade individual é tal, que:

quando nos colocamos no centro do nosso mundo, também colocamos aí os nossos: quer dizer, os nossos pais, os nossos filhos, os nossos concidadãos e somos mesmo capazes de sacrificar as nossas vidas pelos nossos.[...] Ser sujeito é ser autônomo, sendo ao mesmo tempo dependente (MORIN, 1990, p.96).

Essa dualidade dependência/autonomia está ligada à condição sócio-histórica do homem, pois, para nos auto-gerirmos, fazer nossas escolhas pessoais, profissionais, intelectuais, afetivas, éticas, dentre outras, enfim, para sermos autônomos em nossas decisões, dependemos do mundo exterior. Assim, dependemos do nosso contexto sócio-cultural para elaborar nossos conhecimentos e construirmos nossas identidades individuais e sociais, desde que tenhamos liberdade de efetuar nossas ações, com consciência. Morin (1990, p.96) nos afirma que “para nos tornarmos sujeitos autônomos dependemos de uma educação, de uma cultura, de uma sociedade”.

A noção de autonomia do homem torna-se bastante complexa nos dias atuais, pois ser sujeito autônomo é condição provisória, passível de alterações em função da realidade em que vivemos, também em constante transformação. Somos uma “mistura

de autonomia, de liberdade e de heteronímia¹ [...].Eis uma das complexidades propriamente humanas” (MORIN, 1990, p.98). Podemos, então, entender o conceito de autonomia na contemporaneidade como uma relação social dialética entre a autorregulação do sujeito (autonomia) e sua dependência do meio externo (heteronomia ou a regulação pelo outro). É deste meio que se alimenta o sujeito e é este sujeito que vai alimentar o meio, sendo ele, portanto, produto e produtor dessa relação.

Dessa maneira, percebemos que a autonomia é peça chave na estruturação de valores socioculturais, econômicos, políticos, educacionais e éticos dessa nova sociedade, pois trata-se da capacidade do homem de

agir com base em normas autodeterminadas, nas quais a autonomia do sujeito não aparece como a afirmação de uma liberdade sem limites, mas mais como o fundamento de uma responsabilidade solidária. Trata-se, pois, de um pacto intersubjetivo, segundo o qual a responsabilidade que cada um está em condições de exercer em relação a si próprio é a condição essencial, não só da responsabilidade do outro em relação a si, mas também do laço social que existe entre dois sujeitos (BARBOT; CAMATARRI, 2001, p.28- 29).

A importância dessa concepção de autonomia está na relação estabelecida entre liberdade com responsabilidade ética coletiva, pois ao seguir suas próprias normas e leis de conduta, o indivíduo estará, também, assumindo as conseqüências dos seus atos e ações perante si e aos outros, seus semelhantes, independentemente desses atos ou ações serem positivos ou não.

Essa compreensão de autonomia contribui para que os sujeitos enfrentem os desafios das mudanças que ocorrem na sociedade contemporânea, favorecendo a apropriação de dinâmicas sociais de forma ética, amorosa e respeitosa. O desenvolvimento da autonomia nesta perspectiva ultrapassa, em muito, um sistema educativo distanciado do cotidiano, preocupado apenas com conteúdo e produto final, onde a fragmentação e hierarquização de saberes e disciplinas se refletem na prática pedagógica, em detrimento do processo de construção do conhecimento.

Tanto o professor quanto a escola (local privilegiado para a aquisição intencional de conteúdos de aprendizagem, que reflete as práticas e os anseios de sua sociedade), não podem ficar desvinculados da realidade histórica. Ao contrário, a escola - seja ela virtual ou presencial- e seus atores devem estar conscientes das influências dos

¹“ Heteronomia refere-se a normas, valores ou éticas de origens diversas, vindas de fora do sujeito, impostas por outras fontes que não a razão” (COTRIM, 2005, p.176).

movimentos sócio-culturais em sua estrutura e organização. Eles não podem desconsiderar o “espírito da época”, ou seja, a forma como as culturas apreendem a realidade num dado momento e que, na atualidade, são decorrentes das grandes transformações que aconteceram e acontecem no veloz mundo da ciência e da tecnologia.

Daí a relevância da formação do professor na Sociedade do Conhecimento², visto que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são uma realidade na vida cotidiana de cada um de nós. Mesmo que estas não se encontrem materializadas na sala de aula, elas se fazem presentes na vida social e econômica dos alunos, dos professores, dos gestores, enfim, de todos aqueles envolvidos no processo ensino-aprendizagem (VEIGA; AMARAL, 2003).

As TIC, em particular o computador e a Internet, vêm transformando o espaço educacional. Antes de sua disseminação, a difusão/elaboração do saber ficava vinculada a determinado tempo e espaço, ou seja, se dava em local físico e fixo, no qual as aulas aconteciam em horário pré-definido. Hoje essa difusão vem se tornando mais flexível; as TIC ensinam, “variadas possibilidades de acesso à informação [...] viabilizam o aparecimento de escolas virtuais, modalidades de ensino a distância para todos os níveis e todos os assuntos” (KENSKI, 2004, p.33).

Nesse cenário, a Educação a Distância (EAD) mostra-se como uma modalidade de ensino que pode ir ao encontro de novas demandas da sociedade; constitui caminho para o enfrentamento de grandes desafios do complexo mundo contemporâneo, entre eles a formação ao longo da vida.

Ao recuarmos em uma linha do tempo, observaremos, no entanto, que a EAD no Brasil, nem sempre foi vista com bons olhos. Por ter sido, inicialmente, destinada às classes sociais menos privilegiadas, que não conseguiam, por variados motivos, freqüentar ou terminar o ensino regular no tempo previsto, passou a ser visualizada como educação de segunda categoria (SOUSA; NUNES, 2003). Hoje, esta visão vem se modificando, e para isto contribuiu a criação, em 1995, da Secretaria de Educação a Distância (SEED) no âmbito do Ministério da Educação (MEC): um órgão oficial do governo responsável pelo desenvolvimento de vários projetos e programas nessa

² A sociedade do conhecimento baseia-se num novo modo de produção e de serviços não mais vinculados à mecanização industrial, mas sim, ao fluxo de informações e conhecimentos via computador, que permite o envolvimento de todos os meios de informação e comunicações anteriores, numa estrutura múltipla que admite processamentos não na forma hierárquica da árvore, mas da rede aberta a conexões, com capacidade interativa (RIVERO; GALLO, 2004; KENSKI, 1998).

modalidade de ensino. Com o surgimento da Internet e o apoio de novas ferramentas, tais como videoconferência e audioconferência, que permitem maior interação entre seus participantes, a EAD começa a ganhar novo *status*. Acreditamos que essa mudança também constitui reflexo da necessidade de constante atualização que os profissionais enfrentam hoje. Afinal, não cabe mais ao homem uma atitude passiva diante dos desafios que lhe são impostos cotidianamente.

O dinamismo das informações e as práticas sociais transformam o conhecimento em moeda muito valorizada no mundo contemporâneo e exige constante atualização/aperfeiçoamento dos saberes do indivíduo, de modo a garantir a inserção na sociedade, repleta de incertezas e competitividade. Segundo Levy e Authier (1995, p.24), “é sobre o conhecimento que repousam a riqueza das nações e a força das empresas. É por suas competências³ que os indivíduos adquirem um reconhecimento social, um emprego, uma cidadania real”.

Assim, uma grande inquietação da educação no mundo de hoje está em oferecer possibilidades de acesso ao conhecimento, por meio de uma aprendizagem constante e permanente, visando promover condições para o indivíduo atuar, participar e modificar sua realidade, acompanhando criticamente as grandes transformações que a revolução tecnológica acarretou (MORAES, 2000).

É este desafio que o professor do século XXI deve enfrentar para que não seja reduzido a um tarefeiro a quem compete realizar um conjunto de procedimentos preestabelecidos. Segundo Kuenzer (1999), em face da complexificação da ação docente, o professor precisará ser um “profundo conhecedor da sociedade de seu tempo, das relações entre educação, economia e sociedade, dos conteúdos específicos, das formas de ensinar, e daquele que é a razão do seu trabalho: o aluno”. Nesta direção, acreditamos na importância de uma formação ao longo da vida, que articule “a prática, a reflexão, a investigação e os conhecimentos teóricos requeridos para promover uma transformação na ação pedagógica” (ALMEIDA, 2000, p.111).

Esse novo docente precisa saber ensinar, saber aprender, saber pensar, pesquisar e elaborar por conta própria, para que possa, não apenas atuar plena e reflexivamente na

³ Segundo Rocha (1995, apud: Deluiz, 1995, p.163), “o modelo de competência que se configurou como um novo modelo de gestão da mão-de-obra consiste, portanto, em induzir ao uso e ao exercício da inteligência, da atenção, do senso de responsabilidade, da antecipação, da autonomia e da imaginação[...] O trabalho em equipe torna-se fundamental, com interdependência de funções e de níveis, ganhando ênfase as capacidades de diálogo, comunicação e integração e a responsabilidade coletiva”.

sociedade contemporânea, mas estar pronto para contribuir no processo de formação de outros cidadãos (seus alunos) para que estes se tornem, como ele próprio, aptos a atuarem crítica e conscientemente.

Para trilhar o caminho da formação continuada, a autonomia apresenta-se como eixo central, pois “só um ser autônomo consegue ser livre e responsável, capaz de responder plenamente por suas ações (e omissões)” (SOUSA; NUNES, 2003, p.135).

A educação a distância, notadamente a *online*, pode ser uma trilha promissora para a educação ao longo da vida, na medida em que expande e flexibiliza as possibilidades de tempo, por meio das redes telemáticas e de seus múltiplos recursos, ignorando barreiras geográficas, proporcionando à população maiores chances de acesso à educação e ao conhecimento, favorecendo, também, a auto-aprendizagem. Ela se apresenta como uma prática social, estando em sintonia com nosso tempo, por ter como uma de suas finalidades básicas a formação de cidadãos autônomos, capazes de se auto-regularem e que saibam, ao mesmo tempo, agir e trabalhar colaborativamente com seu grupo (social, de trabalho, intelectual, acadêmico e outros).

Sousa e Nunes (2003, p.100) contribuem para o entendimento da relevância do desenvolvimento da autonomia do aprendiz, tendo como mola propulsora a auto-aprendizagem, ao afirmarem que: “na educação em geral e no contexto da educação a distância, em particular, é importante que se considere sempre, a individualização do ensino e da aprendizagem, o encorajamento do pensamento crítico e a autonomia do aluno a distância”.

Belloni (2003), apesar de considerar o estudante autônomo uma exceção no universo educacional, acredita que este deve ser o perfil do aprendiz do século XXI, dando, portanto, destaque à autonomia na aprendizagem. Para essa autora a aprendizagem autônoma é uma das bases da EAD e pode ser entendida como “um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerado como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e auto-regular este processo” (BELLONI, 2003, p.39). Destaca, ainda, a relevância dos recursos tecnológicos, em especial a Internet, que podem favorecer a aprendizagem autônoma a distância.

A presença das TIC na educação vem trazendo, também, uma valorização da concepção construtivista-construcionista⁴ de ensinar e aprender. A união internet/construtivismo tem permitido a criação de ambientes virtuais de aprendizagem privilegiados para a partilha e construção de novos conhecimentos, nos quais um dos pilares fundamentais repousa, justamente, na capacidade do sujeito auto-gerir o processo de aprendizagem, ou seja, de exercer sua autonomia de aprendiz (JONASSEN, 1996).

Apesar da importância e da complexidade da problemática da autonomia, ao levantarmos dados nos bancos de teses e dissertações⁵, verificamos que praticamente não existem pesquisas que tratem especificamente da autonomia na aprendizagem e autonomia na EAD e/ou educação *online*. Os temas mais recorrentes encontrados foram: (a) aprendizagem colaborativa na EAD *online*; (b) aprendizagem comportamental na EAD *online*; (c) importância da EAD *online* como ferramenta para a educação continuada; (d) os impactos das novas tecnologias de informação e comunicação na formação de professores; (e) regulamentação da EAD; e (f) a formação de leitores em EAD *online*.

Encontramos poucas dissertações e/ou artigos sobre os temas EAD *online* e autonomia da aprendizagem, de uma forma integrada e interdependente. Destacamos aqui os trabalhos que julgamos significativos: (a) Preti (2000), no artigo de título “Autonomia do Aprendiz na EAD, significados e dimensões”, discorre sobre a importância do aluno desenvolver sua capacidade de aprender autonomamente, de aprender a aprender; (b) Hadugai (2006), em sua dissertação de Mestrado “Contribuições para o desenvolvimento da autonomia de aprendizes da 5ª série em escola pública: ensino de língua inglesa mediado pelo computador”, apresenta, entre outras questões, os benefícios do uso do computador para o desenvolvimento da autonomia do aprendiz; (c) Rangel (2004) pesquisou o desenvolvimento da autonomia de um grupo de agentes comunitários de saúde em São Marcos, região carente e

⁴ Esta questão está diretamente relacionada à aplicação da informática na educação a partir de duas linhas conceituais: uma instrucionista, que visa a preparação técnica de profissionais; outra construcionista, na qual o computador é utilizado como instrumento educacional com o qual o aluno resolve problemas significativos (ALMEIDA, 2000)

⁵ Foram pesquisados os seguintes sítios:

Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES - <http://www.capes.gov.br/> ;

Biblioteca Digital de tese e dissertações da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)- <http://www.bibli.fae.unicamp.br/bibdig/teses/form.html>;

Scientific Electronic Library Online - SciELO http://www.scielo.br/scielo.php?lng_pt

periférica de Campinas, mediante os recursos da EAD, pesquisa convertida em sua dissertação de Mestrado “Ambientes multimidiáticos de aprendizagem: entidades mediando a autonomia”; e (d) Sprenger (2004), em sua tese de Doutorado “Conscientização e autonomia em formação *on-line* de professores”, analisa o processo de desenvolvimento da autonomia de quatro professoras, alunas em um curso *online* de formação continuada de professores.

Diante da reduzida quantidade de material acadêmico sobre a questão da autonomia e sendo esta peça chave na estruturação de valores socioculturais, econômicos, políticos, educacionais e éticos da sociedade contemporânea, admitimos ser importante pesquisar a construção da autonomia na EAD e, mais especificamente, na *online*, tendo como campo de estudo o curso de especialização *lato sensu* Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, oferecido pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IdA/UnB).

Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar o processo de construção da autonomia na aprendizagem, a partir da visão de alunos e tutores desse curso oferecido totalmente *online*. Desta finalidade extraímos as indagações a serem respondidas na pesquisa:

- Qual a proposta do curso no que tange à promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem?
- Como alunos e tutores desse curso definem construção da autonomia na aprendizagem *online*?
- Em que medida as práticas pedagógicas direcionadas à autonomia dos alunos concretizam a proposta do curso para a promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem?
- O que dizem alunos e tutores sobre as dificuldades vivenciadas durante o curso e como estas interferem na promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem?
- Como a construção da autonomia na aprendizagem *online* se refletiu na prática pedagógica dos alunos?

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A questão metodológica, seja no ensino ou na pesquisa conduzidos em qualquer área, apresenta íntima relação com os objetivos pretendidos. Tendo em vista que nossa temática centralizou-se na promoção da autonomia, mais especificamente, buscou desvelar como esta se dá no âmbito da aprendizagem *online*, tendo como referência básica as percepções de diferentes sujeitos envolvidos nesta situação, entendemos que a abordagem norteadora da coleta de dados seria predominantemente qualitativa.

Na abordagem qualitativa trabalha-se, basicamente, com aspectos não mensuráveis, tais como crenças, valores, atitudes, conceitos, conhecimentos, vivências e experiências dos atores em ação, tendo em vista o contexto no qual se insere o recorte da realidade a ser pesquisado e o tema a ser estudado. O que se busca é compreender e interpretar a complexidade da natureza do objeto de estudo, privilegiando a subjetividade de seus sujeitos e as construções sociais que o envolvem (CHIZZOTTI, 2003).

Inicialmente, foram analisados os documentos oficiais do curso em questão, com foco específico em seus fundamentos teóricos e objetivos, de modo que pudéssemos determinar em que medida se expressavam em seu desenvolvimento. O acesso a todos os documentos necessários foi garantido pela coordenação do curso, que se prontificou, ainda, a esclarecer qualquer dúvida que surgisse nesta leitura. Com o estudo desses documentos buscamos responder à primeira questão da pesquisa.

Outro procedimento usado na coleta de dados, foi a aplicação de dois questionários (Anexos 1 e 2), sendo um voltado para os alunos e o outro para os tutores do curso. Com estes instrumentos delineamos as características básicas de seus participantes e por meio de perguntas abertas e fechadas levantamos o que pensavam a respeito da autonomia na aprendizagem e como sua promoção/ampliação se deu neste curso *online*. O curso possuía 136 cursistas e 6 tutores, todos eles situados como sujeitos⁶ desta pesquisa. Cabe dizer que esses sujeitos, além de serem diversamente

⁶ Consideramos como sujeitos desta pesquisa todos os participantes do curso, com o objetivo de coletar material suficiente para sua realização, pois o preenchimento do questionário não foi obrigatório e dependeu do interesse de cada um em colaborar ou não com esse estudo.

formados, eram oriundos de todas as regiões do Brasil, o que inviabilizava encontrá-los fora dos ambientes virtuais, tais como fóruns, *chats* e *e-mails*.

É importante destacar que, apesar de enfatizarmos as características qualitativas dessa pesquisa, obtivemos também dados quantitativos por força das perguntas fechadas contidas nos questionários aplicados. A relação qualidade-quantidade é defendida por diferentes autores, como, por exemplo, Santos Filho (1997), para quem a complexidade dos fenômenos físicos e humanos, exige a articulação e complementaridade dessas duas abordagens.

Utilizamos, ainda, na coleta de dados, a observação participante, por meio da qual a investigadora assumiu, ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa, o papel de um de seus atores “interagindo com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p.166).

Uma vez coletados os dados, foram organizados de duas formas distintas. Os relacionados à natureza quantitativa apresentados em tabelas e gráficos, de caráter informativo, pois, como afirmamos, não houve interesse em criar variáveis que levassem a previsões determinadas, relacionando explicação e consequência. Já os de natureza qualitativa foram depurados por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático (BARDIN, 2000). Porém, vale ressaltar que mesmo nas questões fechadas muitos cursistas expressaram suas idéias sobre o que foi perguntado, não se restringindo a responder sim ou não, imprimindo a essas questões, também um caráter qualitativo. Os resultados derivados dessa análise foram, então, estudados à luz do embasamento teórico que fundamentou a pesquisa.

Para garantir a confiabilidade da pesquisa, alguns cuidados foram tomados, a saber: (a) a permanência prolongada no campo, pois estamos envolvidos com o desenvolvimento do curso desde sua primeira edição, ocorrida em 2004; (b) a rápida oferta de *feedback* aos participantes sobre os resultados da pesquisa, para que pudessem se pronunciar sobre os mesmos, e (c) o questionamento sobre o curso entre os pares (alunos-alunos; tutores-tutores), com vistas a referendarmos (ou não) os dados obtidos nos questionários (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004).

A adoção da abordagem escolhida e dos procedimentos de coleta e análise de dados aqui descritos, nos permitiram alcançar o objetivo geral da pesquisa e, igualmente, responder às questões propostas.

Cabe, por último, esclarecer que este relatório de pesquisa apresenta no capítulo 2 a descrição do contexto de estudo, com enfoque especial nos objetivos, finalidades e propósitos do curso. No capítulo 3 são tecidas as abordagens que nos ajudaram a iluminar os resultados da pesquisa, as quais se projetaram para três focos específicos: (a) trajetória da educação a distância, considerando sua evolução desde a aprendizagem promovida pelo ensino por correspondência à aprendizagem *online*; (b) autonomia na aprendizagem; e (c) aprendizagem *online* e práticas pedagógicas favorecedoras da autonomia na aprendizagem. No quarto capítulo são oferecidos os resultados oriundos dos questionários e da observação de campo. A pesquisa se encerra no capítulo 5 com as conclusões em confronto com a abordagem teórica.

2. O CONTEXTO DO ESTUDO

As informações apresentadas nesta seção derivam: (a) de nossa observação pelo período de três anos no campo de pesquisa, primeiro como aluna e depois como tutora do curso Arte-Educação e Tecnologias Contemporâneas (Arteduca); (b) da leitura dos documentos oficiais sobre o curso, fornecidos pela coordenação⁷ e/ou disponíveis no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do Arteduca e; (c) de *chats* realizados com uma de suas coordenadoras, Sheila Campello, no próprio AVA do Arteduca.

O nosso contexto de estudo é um curso de especialização *lato-sensu* em Arte-Educação e Tecnologias Contemporâneas, oferecido na modalidade a distância, totalmente *online*, pela Universidade de Brasília (UnB), com duração de um ano (carga horária de 610 horas). Sua certificação é emitida pela própria UnB, que, por sua vez, é credenciada pelo MEC para a oferta de cursos a distância (Portaria MEC nº 4.055/2003).

Seu principal objetivo é promover a formação continuada de professores de todas as áreas do conhecimento para o planejamento e implementação de projetos interdisciplinares de aprendizagem, dirigindo-se, também, a outros profissionais da

⁷ As coordenadoras do Arteduca são : Prof^a Dr^a Suzete Venturelli, Doutora em Artes e Ciências da Arte, Universidade Sorbonne Paris I, França, diretora do Instituto de Artes da UnB, coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Arte e Realidade Virtual do Departamento de Artes Visuais da UnB e; Prof^a Ms. Sheila Campello Mestre em Artes e Tecnologia da Imagem, pela UnB, graduada em Arquitetura e Educação Artística, Especialista em Planejamento Municipal e Urbano, professora da Universidade de Brasília (as coordenadoras, gentilmente, permitiram a divulgação de seus nomes nesta pesquisa).

educação, tais como gestores e *designers* educacionais⁸, de modo a contribuir para que a arte seja valorizada no espaço escolar. Os projetos desenvolvidos por seus alunos devem apresentar as seguintes características: (a) envolver a arte e a cultura; (b) prever o uso de tecnologias da informação e comunicação; (c) ser aplicados em escolas de Educação Básica. O curso encontra-se em sua terceira edição, iniciada em julho de 2006, tendo atendido até a presente data, um total de 436 cursistas. Na edição mais recente, concluída em julho de 2007, contamos com 136 cursistas, divididos em três turmas, cada uma com 2 tutores em sala de aula.

A origem desse curso remonta à dissertação de mestrado⁹ da Professora Sheila Campello, cuja pesquisa foi direcionada para a apresentação de um projeto destinado à formação continuada de professores por meio de uma proposta de aprendizagem co-constructivista¹⁰, desenvolvida em ambiente virtual de aprendizagem. A partir de 2003, o curso passou a integrar as atividades do Programa de Pós-graduação em Arte do Instituto de Artes da Universidade de Brasília e teve sua primeira edição iniciada em janeiro de 2004. Esta edição foi oferecida visando a formação de tutores para atuarem como mediadores pedagógicos nas versões seguintes e de um total de 36 cursistas formados, 16 foram selecionados (dentre os quais, esta pesquisadora) para integrar o corpo de tutores do Grupo Arteduca¹¹.

Em relação ao ingresso no curso, o educador interessado deverá fazer parte de um processo seletivo efetuando sua inscrição no sítio do Arteduca, preenchendo alguns dados formais como nome completo, filiação, registro geral e grau de escolaridade (bacharel, licenciado, especialista, mestre ou doutor). Deve, ainda, redigir uma carta de intenção expondo o que o motivou a participar do curso e enviar um currículo sucinto, cujo modelo encontra-se disponível para *download*. Essa seleção visa não somente conhecer as motivações desse professor, mas avaliar sua capacidade de compreensão,

⁸ Profissionais responsáveis pela arquitetura educacional dos cursos *online*, adequando os conteúdos produzidos pelos professores autores, para o formato da EAD. Podem atuar em diferentes mídias e tecnologias, traçando estratégias adequadas aos novos suportes.

⁹ CAMPELLO, Sheila. *Educação em Arte: uma proposta de formação continuada dos professores de artes visuais por meio da utilização das tecnologias de informação e comunicação*, dissertação de mestrado, defendida no mestrado em arte do IdA/Unb, em 2001.

¹⁰ O co-constructivismo será abordado no item referente a metodologia e abordagens teóricas do curso.

¹¹ O Grupo Arteduca foi criado com o objetivo de implantar a educação a distância em projetos desenvolvidos no âmbito do Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Para maiores informações acessar o seguinte endereço eletrônico: <http://www.arteduca.unb.br>

comunicação e expressão escrita, elementos essenciais para a participação em um curso a distância¹².

O curso é realizado em dois blocos, sendo o primeiro pré-requisito para o ingresso na especialização *lato-sensu* propriamente dita. Em nosso estudo, iremos nos deter na análise desse primeiro bloco, pois é nele que são abordadas as estratégias de aprendizagem a distância, sendo seu principal objetivo contribuir para a promoção/ampliação da autonomia do aprendiz, condição imprescindível para a realização bem sucedida de um curso a distância.

A primeira etapa é composta por quatro módulos: (1) Argonautas do Ciberespaço; (2) Aprender a aprender em Educação a Distância: a construção da autonomia do aprendiz; (3) Estratégias de aprendizagem a distância e; (4) Abordagens teóricas aplicadas à educação da distância.

Já a segunda é dividida em 12 módulos assim distribuídos: (1) A Arte-educação no Brasil – O Processo histórico; (2) Bauhaus; (3) A Construção de um modelo nacional de educação; (4) Arte-educação em uma perspectiva pós-moderna; (5) A Proposta Triangular; (6) Imagem interativa; (7) A reforma curricular implantada pela LDB; (8) Autopoiese (9) Tecnologias Contemporâneas na escola (10) A construção do Projeto Interdisciplinar; (11) Trabalho de Conclusão do Curso e; (12) Seminário de Conclusão do Curso.

A proposta busca privilegiar um processo de aprendizagem contínua e autônoma, baseando-se em estratégias fundamentadas na auto-aprendizagem, em trabalhos colaborativos e na articulação de estudos teóricos com a prática profissional dos próprios estudantes. Seu conteúdo é disponibilizado em módulos, ou seja, em um conjunto no qual se integram conhecimentos teóricos e atividades que contam com apoio do ambiente virtual de aprendizagem do próprio Grupo Arteduca.

Ao ingressar no curso, o aluno é imediatamente convidado a refletir sobre a aprendizagem a distância e, mais especificamente, sobre a EAD *online*. Ao longo dos quatro primeiros módulos do curso, o objetivo básico é que o aluno compreenda a relevância de conceber uma atitude de aprendizagem que seja ao mesmo tempo autônoma e colaborativa. O aparente antagonismo entre esses dois conceitos, autonomia e colaboração, perde razão de existir ao analisarmos os seguintes fatores: se por um lado depende de cada um realizar estudos por conta própria, incrementar sua auto-

¹² As informações foram extraídas do sítio do Arteduca.

aprendizagem, acessar o ambiente virtual com regularidade, ser disciplinado com prazos, enfim, criar condições para o desenvolvimento de sua autonomia no processo de aprendizagem, por outro, como os trabalhos realizados no curso são colaborativos, ou seja, em equipes, cada aluno depende do outro para que a realização das atividades seja bem sucedida.¹³

A metodologia colaborativa requer que cada participante se responsabilize pela parte que lhe cabe na elaboração das atividades e, também, em relação à parcela que cabe aos demais componentes do grupo de trabalho. Dessa forma, todos deverão contribuir para o sucesso do trabalho de cada integrante do grupo, apoiando-se uns nos outros, sem cobranças ou competições indesejadas, pois o êxito do trabalho colaborativo é alcançado, quando se alcança uma meta grupal.

Outra estratégia metodológica que busca garantir uma aprendizagem significativa¹⁴ consiste em ter uma dupla de tutores acompanhando cada turma, que conta, no máximo, com 50 alunos. Isso permite que, no desenrolar do curso, os tutores conheçam bem seus alunos, os conhecimentos que trazem de experiências anteriores e adotem atitudes de afeto, colaboração e solidariedade nas suas interações, respeitando as diversidades, criando um clima positivo e acolhedor de aprendizagem. Segundo Luque¹⁵, os participantes das formações *online* têm a tendência de seguir modelos de comportamento baseados nas atitudes dos tutores, de modo que ao assumirem tais atitudes, os tutores do Arteduca estão praticando o que ela denomina de *matriz humanizante*.

O conceito de matriz humanizante foi incorporado à metodologia do curso Arteduca por adequar-se aos princípios adotados no curso, fundamentados (entre outros,

¹³ Informações extraídas de CAMPELLO, Sheila; Módulo 1, *Argonautas do Ciberespaço*, Arteduca-Brasília, UnB, 2006

¹⁴ Aprendizagem significativa é o conceito central da teoria de David Assubel. Tal autor sustenta que a aprendizagem significativa ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz (MOREIRA, 1985). No Arteduca adota-se, igualmente, a idéia de aprendizagem significativa na perspectiva de Dee Fink, na qual a aprendizagem não se limita a determinados cursos ou situações, mas estende-se ao longo da vida, tornando-se parte da realidade cotidiana de cada um, contribuindo para que o indivíduo, entre outras ações: (a) aprenda a aprender; (b) desenvolva novos interesses e valores; (c) realize conexões entre teoria e prática; (d) solucione problemas; (e) invista em sua formação continuada. Para informações detalhadas, acessar o *site* <http://www.ou.edu/idp/significant/WHAT%20IS.pdf>

¹⁵ Mônica Luque, autora do Módulo 3 do curso Arteduca, intitulado “A mediação pedagógica em ambientes virtuais”. Doutora em Educação e Mestre em Educação Aberta e a Distância. Assessora Principal e Regional do Departamento de Tecnología de la Información para el Desarrollo Humano da Organização dos Estados Americanos (OEA), Coordenadora Acadêmica do INEAM (Instituto de Estudios Avanzados para las Américas) e Secretaria Técnica do Comité Interamericano de Evaluación y Acreditación Educativa da Agencia Interamericana para la Cooperación y el Desarrollo da Organización dos Estados Americanos (AICD/OEA).

como veremos mais adiante) nas proposições de Paulo Freire e Humberto Maturana, que defendem a adoção de diálogos baseados no respeito, no carinho e amor entre interlocutores. Deste modo, acredita-se que abraçando a metodologia colaborativa e apoiando-se nesse modelo de comportamento, o processo de elaboração das atividades propostas e da construção do conhecimento passará a ser mais prazeroso e tranquilo, não somente no curso em questão, mas, também, na prática docente de seus participantes.

Quanto à avaliação, esta é feita com base na participação dos cursistas no ambiente, na análise das atividades realizadas e no trabalho de conclusão do curso (CAMPELLO, 2007). Este último constitui-se de um relatório da aplicação do projeto de aprendizagem, planejado e implementado ao longo do curso, nos contextos de trabalho dos participantes e deverá ser apresentado em Brasília, onde será avaliado por uma banca, integrada por três professores indicados pela coordenação.

As avaliações são realizadas rotineiramente pelos alunos e tutores a cada término de módulo estudado. Além do conteúdo dos trabalhos elaborados, são objetos de avaliação, a pontualidade na elaboração, a assiduidade e a participação em trabalhos colaborativos solicitados pela tutoria. Já ao aluno, é solicitado que avalie os seguintes pontos: (a) as orientações encaminhadas e a estratégia para o desenvolvimento das atividades solicitadas; (b) o acompanhamento e apoio da tutoria; (c) o acompanhamento e apoio da coordenação e; (d) uma auto-avaliação da sua participação. Estas avaliações são publicadas pelos alunos em um lugar específico no *site* do curso, onde apenas os tutores e as coordenadoras têm acesso a todas as avaliações postadas. Os estudantes só conseguem visualizar sua própria avaliação e a avaliação realizada pelos seus tutores sobre seu desempenho a cada módulo em questão. O objetivo dessas frequentes avaliações é contribuir para que todos os participantes reflitam sobre o processo de aprendizagem vivenciado ao longo do curso, por meio da crítica, discussão de dúvidas e sugestões dos alunos.

Considerando que a pesquisa incide sobre a primeira parte do curso, cabe descrever a proposta de cada um de seus módulos. O primeiro módulo, *Argonautas do Ciberespaço* (CAMPELLO, 2006), além de expor informações básicas, tais como seus objetivos, sua metodologia e suas estratégias de desenvolvimento, trata também de propor atividades de exploração do ambiente virtual e seus recursos, para que o aluno possa ampliar sua autonomia, atuando com desembaraço dentro de sala de aula,

navegando com segurança pelo AVA e interagindo com desenvoltura nos fóruns de trabalho e de convivência.¹⁶

O segundo módulo, *Aprender a aprender em Educação a Distância: a construção da autonomia do aprendiz*¹⁷ (SOUSA, 2006) tem como objetivo básico, discutir e analisar algumas das relações entre autonomia e a construção do sujeito-aprendiz, numa visão em que o aluno é considerado o principal responsável pelos caminhos que o levam à aprendizagem e não mais o professor, como era assim identificado na educação tradicional. É salientado que a autonomia na aprendizagem é um processo a ser construído, a ser conquistado e depende da vontade de cada um, pois não pode ser imposta pelo outro. O outro, nesse caso, o professor ou tutor, pode, no máximo, orientar e estimular o estudante, criando condições e circunstâncias em sala de aula que possibilitem ao aluno ponderar sobre a importância do processo de construção da autonomia, não apenas para o mundo intelectual, mas, igualmente, para o mundo social e afetivo.

Para deflagrar a reflexão sobre o processo de construção da autonomia que permita ao aluno agir neste sentido, são propostas as seguintes atividades (ancoradas na leitura do módulo, dos textos de apoio, dos livros indicados e nas orientações fornecidas pelos tutores nos fóruns de trabalho): (a) ler e analisar comparativamente as conceituações de educação a distância transcritas no texto do módulo; (b) pesquisar em outras fontes sobre esta conceituação de EAD e criar seu próprio conceito de EAD, listando suas principais características; (c) realizar uma auto-avaliação baseada em itens indicados pela autora, de modo que o aluno perceba os vários elementos que compõem o processo de aprendizagem a distância, contribuindo para que ele trilhe, com consciência, seu caminho para aprender e estudar a distância.

A realização dessas atividades visa permitir ao aluno compreender e refletir, de forma sistematizada, sobre a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem a distância,

¹⁶ Os fóruns de trabalho são aqueles nos quais os alunos elaboram as atividades propostas pela coordenação e tutoria. Para cada equipe formada, é aberto um fórum de trabalho onde os alunos possam debater sobre as atividades que irão desenvolver. A cada novo módulo é aberto um novo fórum correspondente, de modo que as atividades e os debates são sistematizados e organizados, facilitando os estudos e a aprendizagem dos cursistas. Já os fóruns de convivência ou de café são aqueles em que os cursistas interagem descontraidamente, conversando sobre qualquer assunto, publicando fotos de seus familiares ou fazendo brincadeiras com os colegas. Funcionam como a hora do recreio, em uma escola presencial.

¹⁷ A autora do Módulo 2 é Maria de Fátima Guerra de Sousa, Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Ph.D em Educação Infantil. Membro do Conselho do Centro de Educação a Distância da UnB e Coordenadora Pedagógica de Projetos de Educação a Distância.

tendo como eixo norteador o desenvolvimento da aprendizagem autônoma. Ao final do módulo, espera-se que o aluno seja capaz de:

- entender a natureza da educação a distância;
- descobrir a sua relevância na época atual;
- perceber-se e assumir-se como um aluno a distância;
- criar e utilizar estratégias adequadas para a sua aprendizagem
- construir-se como um aprendiz autônomo em Educação a Distância
- sentir-se ainda mais motivado para estudar a distância;
- descobrir o prazer de estudar a distância.

O terceiro módulo, *A mediação pedagógica em ambientes virtuais* (LUQUE, 2006) apresenta o perfil do tutor acadêmico e sua função na mediação da aprendizagem *online* salientando a importância deste ser especialista no tema a ser estudado no curso, conhecer bem a plataforma que abriga o ambiente colaborativo digital, dominar seus recursos disponíveis e, igualmente, saber navegar com desenvoltura pela Internet. Sendo o tutor o mediador do processo de aprendizagem, cabe a ele oferecer condições para que os participantes tenham um bom desempenho; neste sentido deve estimular e orientar as atividades propostas. Além disso, deve incentivar o aprendiz a se aprofundar nos assuntos tratados em cada módulo do curso, favorecendo a auto-aprendizagem e a promoção/ ampliação da autonomia.

No Arteduca é imprescindível que o tutor tenha conhecimentos de educação a distância, de teorias da educação e boa expressão escrita e facilidade de redação. A coordenadora, em entrevista por *chat*, fez questão, ainda, de acentuar que o trabalho dos tutores deste curso não tem se limitado à mediação da aprendizagem dos alunos. A cada edição do curso, a partir de um trabalho colaborativo realizado com a participação dos tutores, sua metodologia vem sendo reconstruída e aprimorada.

O quarto módulo *Autopoiese, construcionismo, construtivismo ou co-construtivismo* (ROCHA; CAMPELLO, 2006) apresenta os teóricos cujos pensamentos fundamentam a proposta deste curso, a saber: (a) John Dewey, em função de sua proposta conhecida como *continuum experiencial (ação – depuração – testagem - generalização)*¹⁸, ou seja, de um ciclo que permite o desenvolvimento de estudos fundamentado em um processo que considere o planejamento de ações, a implementação, avaliação e revisão da proposta; (b) Lev Vigotski, pela teoria da zona

¹⁸ Esse processo é conhecido na obra de Seymour Papert como ciclo construcionista.

de desenvolvimento proximal, pois esta pode conduzir a novos patamares de aprendizagem, quando os temas forem abordados da forma adequada a aproveitar o potencial de aprendizagem de cada um; (c) Jean Piaget, do qual foram apropriadas as idéias acerca da equilibração da aprendizagem, desencadeada por um processo de assimilação e acomodação cognitiva; (d) Paulo Freire do qual foram assimiladas as proposições de educação fundamentada no diálogo contextualizado e amoroso; (e) Jan Valsiner, por sua metodologia de pesquisa empírica, conhecida como co-construtivismo, na qual as experiências intuitivas e as interações do pesquisador com o meio representam um papel tão significativo quanto as abordagens teóricas e o método aplicado na coleta de dados no processo da pesquisa (BRANCO; VALSINER *apud* CAMPELLO, 2001); (f) Maturana e Varela, com a teoria da Autopoiese¹⁹, na qual é adotada o ponto de vista da autonomia para explicar a organização dos sistemas vivos; (g) Ana Mae Barbosa, pela sua Proposta Triangular de Educação em Arte, sistematizada no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP, baseada em três ações (contextualização sócio-histórica da obra de arte, diálogo entre a obra e seu fruidor por meio de uma linguagem específica, baseada numa gramática visual e fazer artístico) e; (h) Seymour Papert, em função de sua concepção construcionista, na qual a utilização do computador é considerada como uma ferramenta de apoio pedagógico no processo ensino-aprendizagem que contribui para a construção de conhecimentos a partir de ações realizadas pelo próprio aluno

O espaço onde o curso ocorre é o ambiente virtual de aprendizagem criado na plataforma Moodle²⁰, disponível na Internet, para ser adaptada e utilizada livremente por usuários interessados. Nas interações ocorridas nesse AVA por meio das participações nos fóruns de trabalhos, dos textos de cada módulo e da entrada nos *links* solicitados (que levem a outros textos, sítios, imagens, enfim, ao hipertexto), os aprendizes têm acesso aos conteúdos do curso, e podem, assim, cotejá-los com seus conhecimentos prévios, processando-os e compartilhando idéias com os demais participantes, possibilitando a produção de sínteses dialéticas que resultam em novos conhecimentos reformulados.

¹⁹ Autopoiese (do grego *auto* próprio e *poiesis* produção) é uma teoria biológica do conhecimento elaborada pelos neurofisiologistas chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. Um sistema autopoietico é ao mesmo tempo produtor e produto, autônomo e dependente. Para Maturana e Varela, o termo aplica-se aos seres vivos que produzem e se recompõem continuamente a si mesmos, utilizando-se de recursos do meio ambiente (CAMPELLO, 2001).

²⁰ Para maiores informações sobre essa plataforma, acessar o sítio: <http://moodle.org/>

Para que as interações favoreçam o processo de aprendizagem, o aluno deve contar com conteúdos de boa qualidade e com uma mediação na qual o tutor lance mão de metodologias e estratégias de ensino e aprendizagem traçadas com base em abordagens teórico-metodológicas aplicadas à educação em rede (*online*), como as adotadas pelo Arteduca. (já mencionadas, quando foram abordados os quatro módulos da primeira etapa do curso).

É também muito importante que tanto o tutor quanto o aluno conheçam bem o espaço em que essa aprendizagem ocorre, ou seja, os ambientes virtuais de aprendizagem, suas características possibilidades e limitações. A dificuldade de navegação no AVA e o desconhecimento de como usar seus recursos podem causar problemas para a realização dessas interações, prejudicando tanto processo de aprendizagem como o da construção da autonomia do aprendiz.

A primeira providência que o participante deve tomar para acessar o ambiente virtual do Arteduca é fazer o cadastramento de seu nome de usuário e senha, para, em seguida, após confirmação da administração por mensagem via *e-mail*, digitá-los no endereço virtual do curso, como visualizado na figura apresentada a seguir.

Figura 1 –Página de Acesso ao Curso

Grupo Arteduca - Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA

Você ainda não fez o acesso ([Acesso](#))

Acesso

Nome de usuário:

Senha:

[Cadastramento de usuários](#)

[Perdeu a senha?](#)

Usuários Online
(últimos 5 minutos)

Neide

Cleuda

Maria

Cursos

[Formação de Tutores](#)
Formação de tutores para atuação em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA).

[Estratégias de Aprendizagem a Distância](#)
Formação de professores para a aprendizagem on line fundamentada em uma matriz humanizante e na elaboração de trabalhos colaborativos.

[Arteduca: Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas - 2006](#)
Formação de professores para o planejamento e implementação de projetos de aprendizagem relacionados com a arte e a cultura no contexto escolar

Calendário

< agosto 2006 >

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
			1	2	3	4
6	7	8	9	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

Esse acesso levará o participante à página principal do curso onde se encontram vários recursos (Fig.2) que buscam garantir uma navegação fácil e amigável, facilitando

as interações entre seus participantes, proporcionando condições favoráveis para uma boa aprendizagem. Cabe ressaltar que os alunos ao iniciarem o curso, realizam atividades direcionadas para a apropriação desses recursos.

Figura 2 - Página Principal do Curso



Para complementar esta descrição do contexto de estudo é oportuno, ainda, esclarecer quais são as ferramentas utilizadas no desenvolvimento do curso, a saber: auxiliares; de conteúdo; e de interação²¹:


Ferramentas Auxiliares:

1. Participantes: exibe uma lista com os nomes de todos os participantes do curso contendo um pequeno histórico pessoal e uma foto que são inseridos pelo próprio usuário, permitindo, dessa maneira, que todos possam conhecer uns aos outros;
2. Buscar nos fóruns: efetua uma busca de palavra-chave no fórum. A opção “busca avançada” oferece muitas opções de refinamento de pesquisa tais como determinar apenas um fórum ou um limite de data;

²¹ As ferramentas apresentadas foram extraídas do Manual de Utilização da Plataforma Moodle-Arteduca, elaborado por Alexandre Ataíde *designer* do Grupo Arteduca

3. Administração: permite mudar a senha e alterar configurações pessoais, como as de e-mail e a mensagem de apresentação;
4. Últimas notícias: permite que o aluno acesse rapidamente as notícias publicadas pela coordenação. É recomendável que o aluno confira se há alguma notícia nova sempre que acessar o curso; e
5. Atividades recentes: exibe um resumo de todas as atividades realizadas pelos cursistas. Para o tutor há ainda um link “Relatório completo da atividade recente” que exibe, com detalhes, toda a produção do cursista (em textos e em participações nos fóruns de trabalho e de convivência) organizado por data.

Ferramentas de Conteúdo

Os conteúdos podem se apresentar na forma de páginas *web* contidas no servidor ou *links* para páginas externas. Podem também ser arquivos de vários tipos, como imagens, áudio, documentos de texto ou apresentações. Para acessá-lo, basta o usuário clicar no ícone, como por exemplo:  [Módulo 6 - Imagem interativa - conteúdo](#)

Ferramentas de Interação:

1. Fóruns de trabalho: fóruns específicos para os grupos de trabalho, abertos pela coordenação a cada módulo do curso, para a realização de debates conteudistas, com vista à elaboração das atividades solicitadas e a construção de novos conhecimentos;
2. Fóruns de convivência: abertos a todos os participantes de todas as salas do curso, onde podem conversar descontraidamente, criando um clima de cortesia e informalidade num local apropriado; e
3. Chat ou Sala de bate-papo: local onde os cursistas e tutores se encontram em tempo real para debater, analisar e refletir sobre as atividades propostas ou, simplesmente, para conversarem, criando relações afetivas e de amizade, tão importantes em qualquer modalidade de educação.

Figura 3 - Fóruns de Trabalho Colaborativo das Equipes do Arteduca

arteduca_2007: PI - Sala 1 - Atividade 4 - Objetivos, referencial teórico e Metodologia - Mozilla Firefox

Arquivo Editar Exibir Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Voltar Avançar Recarregar Parar Página inicial Nova aba Gspace VideoDownloader

http://arteduca.unb.br/ava/mod/forum/view.php?id=... Puxaki.com.br









Arteduca - segunda etapa

arteduca » arteduca_2007 » Fóruns » PI - Sala 1 - Atividade 4 - Objetivos, referencial teórico e Metodologia Atualizar Fórum

Assinaturas não são autorizadas

Espaço das equipes para o planejamento dos PI.

Acrescentar um novo tópico de discussão

Tópico	Autor	Comentários	Não lida ✓	Última mensagem
G3: Carine, Cleuda, Maria, Pollyana e Walkiria	 Sheila Campello	41	15 ✓	Walkiria Maria Martins Ter, 29 Mai 2007, 18:10
G2: Andréa, Anna Christina, Beatriz, Cleide, Glau e Graciela	 Sheila Campello	47	14 ✓	Cleide França dos Santos Ter, 29 Mai 2007, 17:11
G4: Airé, Bruna, Ju, Nivea, Patrícia e Tati	 Sheila Campello	53	19 ✓	Nivia Leite Ter, 29 Mai 2007, 16:48
G7: Jonas, Mari, Maria Eliza, Nádia, Tina e Valéria Nunes	 Sheila Campello	46	9 ✓	Maristânia Lacerda Ter, 29 Mai 2007, 14:56
G6: Elisandra, Kamilla, Mara, Marisa, Roberta e Verônica	 Sheila Campello	30	24 ✓	Kamilla Mesquita Oliveira Ter, 29 Mai 2007, 13:59
Fórum de orientações gerais da Sala 1	 Sheila Campello	4	1 ✓	Glaudistonia Costa Seg, 28 Mai 2007, 22:39
G5: Ana Cláudia, Fabiana, Lilian Monteiro, Rita, Silvia e Jucilene	 Sheila Campello	41	16 ✓	Silvia Araújo Seg, 28 Mai 2007, 22:12
GB: Dângela, Keila e Rosana	 Sheila Campello	26	9 ✓	Rosana Machado de Souza Seg, 28 Mai 2007, 21:28

Concluído


Iniciar

versao ... moodle versao f... Docume... Arteduc... Docume... sheila

moduloi... manual... Advanc... arteduc... imagem ... imagem ... http://a...

18:15


Figura 4 - Fórum de Apresentação dos Participantes do Curso



Adriana se apresentando
por [Adriana Conde Rocha](#) - segunda, 3 julho 2006, 22:30

Meu nome é Adriana, sou economista e pedagoga com pós-graduação em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas. Nasci em Goiânia, em 1962, mas me considero totalmente carioca, pois moro no Rio de Janeiro desde os 7 anos de idade e sou completamente apaixonada por esta cidade maravilhosa, mesmo em dias tão difíceis como os atuais! Aqui me casei e tive três filhos, Henrique, Isabela e Paulo, que são os meus xodós! Estaremos juntos nesta jornada, desbravando e trilhando novos caminhos, tecendo nossa rede de saberes! Contem comigo ao longo desta aventura! 😊 Estarei sempre por aqui, aberta ao diálogo, à interação e à colaboração, certa de que teremos muito a compartilhar e a aprender! Beijos a todos,
Adriana

[Mostrar principal](#) | [Editar](#) | [Interromper](#) | [Apagar](#) | [Responder](#)



Obdália se apresentando
por [Obdália](#) - terça, 4 julho 2006, 21:11

Quando me proponho a traçar meu perfil, penso sempre no que me tornou o que sou hoje, nas pessoas e leituras que me ajudaram a chegar até aqui, a construir a minha história de aprendiz. Casei-me, tenho um marido super cúmplice e companheiro. Não tenho filhos por opção, apesar de gostar muito de crianças; mas optei por trilhar os aventureiros e sinuosos caminhos da educação, contribuindo, com meu trabalho, para que as pessoas sejam melhores. Sou licenciada em Pedagogia e Letras com Inglês. Especialista em Metodologia do Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação e Mestre em Educação e Contemporaneidade (Tudo pela [UNEB](#)), onde leciono atualmente. Desde os estudos no Mestrado (2004), venho desenvolvendo estudos sobre leitura e escrita hipertextuais. Minha história de vida tem estreita relação com leitura e escrita, pois, desde a mais tenra idade, as garatujas e arabescos passaram a fazer parte do meu mundo do faz-de-conta, ganharam formas mais definidas na minha adolescência, e, na juventude, transformaram-se em pequenos poemas, que eu escrevia inspirada pelos mais variados eventos e temas. Essa era a minha maior diversão e os livros sempre foram meus grandes companheiros, confirmando o que diz Francis Bacon: "Quer amigos, procure nos bons livros; eles são os amigos verdadeiros, que não bajulam ou dissimulam". Foi assim que descobri o sabor do saber e a delícia de poder ler e escrever. Foi assim que descobri o prazer intelectual da leitura e o prazer físico do contato com o

Buscamos, neste capítulo, oferecer ao leitor uma visão de nosso contexto de estudo em suas variadas dimensões: pedagógica, administrativa, metodológica, teórica e prática. Incluímos, nesta apresentação, tanto as informações oficiais, retiradas da leitura dos documentos, textos de conteúdos e módulos de estudo do curso, quanto “as vozes e os olhares” da coordenação e da própria pesquisadora.

Ao explicitarmos esta visão, acabamos por construir um conhecimento mais amplo e vivo do nosso campo de pesquisa, o que nos permitiu uma melhor interpretação das percepções dos sujeitos do estudo.

3. ABORDAGEM TEÓRICA

Considerando que esta pesquisa focaliza a problemática da construção da autonomia na aprendizagem *online*, entendemos que nosso embasamento teórico deveria tratar dos seguintes aspectos: trajetória da educação a distância; autonomia na aprendizagem; e práticas pedagógicas favorecedoras de construção da autonomia na aprendizagem *online*. Assim, dividimos o presente capítulo em três seções, cada uma delas focalizando um desses aspectos.

3.1 TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: DA APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA À APRENDIZAGEM *ONLINE*

Para compreender melhor a natureza da Educação *online* apresentamos um breve histórico da EAD no Brasil e no mundo, no qual buscamos salientar sua relação com o contexto macro em que se insere, evidenciando que seu desenvolvimento acompanhou as transformações tecnológicas presentes em diferentes etapas da trajetória da humanidade (MOORE e KEARSLEY apud SCREMIN, 2002).

Especula-se que a origem da EAD se dá em tempos bastante remotos, quando São Paulo, na Antiguidade, escrevia cartas aos apóstolos. Porém, é com a invenção da imprensa, por Johanness Guttenberg, na Alemanha do século XV, que novas transformações são incorporadas à produção da linguagem, gerando, concretamente, a semente da Educação a Distância. De fato, com tal invenção, não apenas aumentou a circulação de livros que, segundo ALVES (1994, p.9), “antes, copiados manualmente eram caríssimos e, portanto, inacessíveis à plebe, razão pela qual os mestres eram tratados como integrantes da corte, como tornou desnecessário ir a escola ouvir o livro”.

Com a Revolução Industrial, que teve sua origem na Inglaterra, no século XVIII, marca-se o fim das relações e práticas feudais e estabelece-se o modo de produção capitalista. Tal fato trouxe várias conseqüências, entre elas o incremento e a confiabilidade tanto nos meios de transportes como nos meios de comunicação, consolidados, principalmente, a partir da metade do século seguinte. No bojo desse desenvolvimento industrial e tecnológico surgem as primeiras experiências sistematizadas de ensino-aprendizagem em EAD na Europa e nos Estados Unidos, sendo as aulas ministradas por correspondência. Podemos citar, como exemplo, na Inglaterra, em 1840, aulas de taquigrafia; na Alemanha, em 1856, aulas de línguas e,

nos Estados Unidos, um curso sobre segurança de minas, realizado em 1891. A partir do século XX a EAD passou a ser oferecida, também, por universidades em vários países: na Austrália, em 1910, por meio da Universidade de *Queensland* e na Alemanha, em 1924, pela Escola Alemã por Correspondência de Negócios (SOUSA; NUNES, 2003).

Em 1928, a *British Broadcasting Corporation* (BBC) inovou a EAD, realizando cursos para o público adulto, nos quais se utilizava material impresso articulado ao rádio. Segundo Sousa e Nunes (2003, p.42), “essa tecnologia de comunicação é usada em vários países com os mesmos propósitos, inclusive, desde a década de 30, no Brasil”. Foi, no entanto, com o advento da Segunda Guerra Mundial que a EAD acabou ganhando grande impulso, pois os governos tinham interesse em recrutar e preparar o maior número possível de soldados, em um tempo exíguo e, para tanto, usaram treinamento a distância.

A partir da década de 1960, a EAD, tanto em nível secundário quanto no superior, começou a se disseminar de forma sólida, em função de sua institucionalização em países como Suécia, Austrália, México, Índia, Cuba, Costa Rica, Alemanha, China, Canadá, Venezuela e Espanha (notadamente com a criação, em 1972 da Universidade Nacional de Educação a Distância – UNED). Com especial destaque, podemos citar a Inglaterra, onde surgiu a mais famosa universidade de educação a distância, a *Open University* (1969), referência básica para a maioria dos estudiosos dessa área.

Ainda nesta década, se firma o apoio da televisão educativa, poderoso aliado tecnológico dessa modalidade de ensino. A televisão, além de atender a um número expressivamente maior de alunos, por possuir uma tecnologia que une imagem e som, acabou, em muitas situações, renovando o processo ensino-aprendizagem (SOUSA; NUNES, 2003).

No Brasil, uma das primeiras iniciativas de EAD que se tem registro foi um curso por correspondência oferecido, em 1904, por uma escola norte-americana, anunciado em jornais na cidade do Rio de Janeiro. Seu marco inicial, no entanto, acontece em 1923, com a criação, por Roquete Pinto, da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Instalada na Escola Politécnica, essa rádio tinha como objetivo primordial promover a educação, ofertando cursos de português, francês, silvicultura, literatura francesa, esperanto, radiotelegrafia e telefonia (SOUSA; NUNES, 2003).

De lá para cá outras experiências em EAD obtiveram relativo sucesso e foi por seu intermédio que muitos habitantes do interior do nosso país puderam ter acesso à educação. Dentre as muitas experiências que fazem a história da EAD no Brasil, vamos nos deter apenas em algumas, na medida em que elas já oferecem um panorama abrangente sobre o assunto²². Tomamos como referência básica na construção dessa trajetória Sousa e Nunes (2003) e Alves (1994).

- em 1939, dá-se a criação do Instituto Monitor, que oferecia cursos profissionalizantes por correspondência;
- em 1941, surge o Instituto Universal Brasileiro, que veio a ser o grande disseminador dessa modalidade educativa no Brasil;
- em 1960 nascia o Movimento de Educação de Base (MEB), a partir de um acordo entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Presidência da República, tendo como objetivo promover a educação popular com a utilização do rádio;
- em 1967, foi criada, em Porto Alegre, a Fundação Padre Landell de Moura (FEPLAM), oferecendo cursos profissionalizantes que utilizavam tanto programas de rádio, com o Colégio do Ar, como de televisão, com a série Aprenda pela TV. Uma das realizações que recebeu material da FEPLAM foi o conhecido Projeto Minerva, instalado em 1970 pelo Governo Federal, cuja ênfase encontrava-se na educação de adultos, oferecendo cursos como Madureza Ginásial e o de Moral e Civismo;
- em 1971, a TVE criou a primeira novela educativa da televisão brasileira, João da Silva;
- em 1978, surgiu o Telecurso 2º grau, programa resultante de convênio firmado entre a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta. Seu impacto foi significativo, pois além de fascículos semanais vendidos nas bancas de revista e da propaganda via Rede Globo e TV Cultura, o programa contava, no seu elenco, com os próprios atores da Rede Globo. O objetivo do projeto era ajudar a preparar alunos para realizarem as provas oficiais dos exames de supletivo;

²² Para maiores informações sobre a cronologia da EAD no Brasil, acessar o sítio: <http://lawi.ucpel.tche.br/abmes/estud26/vianney.htm>

- em 1979, a Associação Brasileira de Tecnologia Educacional (ABT), lançou em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), do Ministério da Educação, o Programa de Pós-Graduação Tutorial a Distância (POSGRAD), cujo objetivo era capacitar, via ensino por correspondência, docentes universitários do interior do país.
- em 1989 foi criado, na UnB, o Centro de Educação a Distância (CEAD), setor responsável pela promoção de cursos de extensão, graduação e especialização universitária que, a partir dos anos noventa, passou a utilizar produção multimídia, por meio de disquetes, nos seus cursos a distância, apropriando-se, definitivamente, do uso de computadores no processo de ensino-aprendizagem.
- a partir de meados dos anos 1990, várias instituições criaram programas de educação a distância, dentre elas: Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Católica de Brasília (UCB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), da Fundação Oswaldo Cruz e Instituto Militar de Engenharia (IME).

Existem, atualmente, inúmeras e diferenciadas definições para o conceito de educação a distância nas quais algumas características básicas são frequentemente mencionadas: (a) a separação física (temporal e/ou espacial) entre professor e aluno; e (b) a utilização de meios tecnológicos para mediatizar a comunicação entre ambos. (c) comunicação bidirecional; (d) autonomia do aprendiz; e (e) interatividade entre os participantes (BELLONI, 2003; GOUVÊA; OLIVEIRA, 2006; SOUSA, 2006; SCREMIN, 2002).

De acordo com Moran (2002) podemos entender a Educação a Distância como processo:

de ensino-aprendizagem, mediado por tecnologias, onde professores e alunos estão separados espacial e/ou temporalmente. É ensino/aprendizagem onde professores e alunos não estão normalmente juntos, fisicamente, mas podem estar conectados, interligados por tecnologias, principalmente as telemáticas, como a Internet. Mas também podem ser utilizados o correio, o rádio, a televisão, o vídeo, o CD-ROM, o telefone, o fax e tecnologias semelhantes.

Similarmente, o Decreto 5622 de 19/12/2005, em seu artigo 1º caracteriza a Educação a Distância como:

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

Nas palavras de Saraiva (1996, p.17), “a Educação a Distância só se realiza quando um processo de utilização garante uma verdadeira comunicação bilateral nitidamente educativa [...] que promova a essencial relação professor-aluno [...]”.

Já Keegan, *apud* Belloni (2003), afirma que a auto-aprendizagem e a motivação do estudante são pressupostos cruciais para a realização bem sucedida da EAD.

Para fins deste estudo, concordamos com as posições defendidas por Preti (2005) e Sousa; Nunes (2003), ao argumentarem que a Educação a Distância, além de ser modalidade educativo-formativa, é uma prática social constituída por um conjunto de atores e fatores, determinada por seu contexto sócio-histórico, por valores e concepções e igualmente por condições objetivas tais como o uso de tecnologias de comunicação que contribuem para que o aluno seja autônomo, com iniciativa para a pesquisa e reflexão. Tais posições colocam em destaque a questão da autonomia para aprender e enfrentar os desafios da vida.

Alguns autores afirmam que a Educação a Distância se concretiza a partir de diferentes etapas, nas quais percebemos sua relação com o contexto histórico vigente, estando, portanto, imbricada às tecnologias existentes em cada período. Segundo Alonso (2005) são quatro as fases ou gerações da EAD.

A primeira geração coincidiu com o período inicial da EAD, ou seja, ocorre por volta de 1840, estendendo-se até o final dos anos 1950. Neste período se dá a chamada “educação por correspondência” por ter se baseado, fundamentalmente, em material impresso ou escrito à mão (embora, com menos ênfase, o rádio também fosse utilizado).

A segunda geração situou-se entre a década de 60 até meados dos anos 80 e, sem deixar de utilizar o papel impresso e o rádio, caracterizou-se pelo uso diversificado de tecnologias, baseando-se principalmente na televisão e no áudio, por meio de fitas e vídeos-cassete.

É importante destacar que uma característica comum a essas duas gerações está no modo de comunicação unidirecional, ou seja, realizada em um único sentido, separando emissor e receptor, de maneira que, praticamente, inexistente a interação dialógica entre os atores do processo.

Na terceira geração são utilizados os múltiplos recursos tecnológicos das gerações anteriores (sistema multimídia, baseado em textos, áudio e televisão) acrescidos, principalmente a partir do final dos anos 1980, do uso do computador como ferramenta de apoio pedagógico (*softwares* educativos, por exemplo) e de acesso a banco de dados.

A quarta geração ou geração digital se situa no tempo presente e tem como característica o uso das tecnologias das outras gerações, ampliado por forte apoio da Internet e comunicação via satélite (SCREMIN, 2002).

Essas duas últimas gerações apresentam um novo aspecto que se mostra de grande relevância para o processo de ensino-aprendizagem a distância: a comunicação bidirecional, oportunizando o diálogo entre professor e aluno. Salientamos, ainda, que na geração digital, a comunicação apoiada nos recursos da Internet (*chats, e-mails, fóruns, videoconferências*) pode ocorrer tanto de forma assíncrona como síncrona, permitindo o contato direto e até mesmo em tempo real entre os participantes de cursos a distância, criando “situações de convivência que permitem a troca de experiências e informações, possibilitando reelaborações de conhecimento produzido e em produção (ALONSO, 2005, p.28).

Surge, assim, um novo espaço digitalizado, imaterial e fluido de aprendizagem que prioriza a interatividade, permitindo o compartilhamento de informações e conhecimentos entre os pares, com extrema velocidade, gerando e modificando as formas de criar, armazenar, distribuir e difundir o saber, trazendo novas e inquietantes possibilidades de se conceber a educação. Segundo Levy (2003, p.171), nestes novos campus virtuais tanto os alunos quanto os professores “partilham os recursos materiais e informacionais de que dispõem. Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes **disciplinares** como suas competências pedagógicas” . (grifo do autor)

Navegar por este novo espaço, no entanto, exige um elevado grau de disciplina, organização, criticidade, reflexão e autonomia para que seus tripulantes não se percam nas múltiplas rotas apresentadas pelos caminhos oferecidos pelos hipertextos²³, mas, que ao contrário, criem seus próprios mapas de navegação, integrando os diferentes percursos disponibilizados em suas diversas modalidades (imagéticas, sonoras, matemáticas, narrativas), construindo, de fato, novos conhecimentos (LEVY, 2004).

Neste cenário que se descortina é imperativo repensar o papel do professor, pois o aluno da cibercultura²⁴ já não se sujeita mais à linearidade das representações tradicionais do saber e nem a ser, apenas, o receptor ou depositário de conhecimentos transmitidos pelo mestre. Deste modo, “as novas tecnologias, de fato, empurram na direção de um crescimento do grau de autonomia daquele que aprende” (BARBOT; CAMATARRI, 2001, p.97), reconfigurando a forma de construção do saber, posto que este não é mais monopólio nem da escola, nem do professor.

Para poder atuar nesta nova concepção educacional, o professor deve estar atento tanto às possibilidades pedagógicas oferecidas pelas tecnologias contemporâneas, quanto aos movimentos sócio-culturais de seu tempo, procurando conhecer a realidade de seus alunos, valorizando seus conhecimentos prévios, compartilhando saberes, vivências e experiências, de modo que possa relacioná-los com os conteúdos formais, garantindo a apropriação dos conhecimentos historicamente construídos, dotando-os (os estudantes) do capital cultural, moeda forte da sociedade da informação e do conhecimento.

3.2 AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM

Apesar do tema autonomia não ser novidade, a visão tradicional da aprendizagem como um processo no qual o aluno é um receptor passivo de um

²³ Hipertexto é um documento eletrônico – texto, gráfico, áudio, vídeo ou uma combinação desses quatro elementos – ligados a outros documentos eletrônicos conectados por *links*, também eletrônicos, que oferecem múltiplos caminhos de leitura não lineares e/ou não sequenciais, englobando a totalidade dos pensamentos e capacidades (cognitivas, afetivas, motoras, intuitivas) construídas pelos sujeitos. O sistema de hipertexto mais conhecido atualmente é a *World Wide Web* (KENSKI, 2004).

²⁴ De acordo com Lemos;Cunha (2003, p.11), cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna.

conhecimento/produto que já vem pronto, definido, completo e inalterável, transmitido por um professor detentor deste saber único e incontestável, ainda encontra espaço em sistemas educativos da contemporaneidade.

Esta visão tradicional é extremamente resistente, pois desde o início do século XX, John Dewey, pedagogo e filósofo norte-americano, já preconizava uma outra visão da aprendizagem, valendo-se do princípio do “aprender-fazendo”, no qual a aquisição do saber se dá por meio do que chamou de *continuum experiencial*. Nessa concepção, o aluno se torna o centro do processo de aprendizagem e cada novo conhecimento, originado de suas experiências significativas, tem sempre relação com conhecimentos adquiridos no passado, daí ser um *continuum* (ALMEIDA, 2000).

É fundamental que o aluno tenha autonomia suficiente, a qual Dewey chamou de autodomínio, para estabelecer conexões entre o velho e o novo conhecimento.

O fim último da educação é o “autodomínio”, ou seja, a “formação da capacidade de domínio de si mesmo”, o que não significa desgoverno. Dewey propõe substituir o controle ou domínio externo pela liberdade de movimento, de ação e de julgamento, como um meio de reflexão sobre a realização dos próprios impulsos e atos à luz de suas conseqüências. Liberdade é autodomínio (ALMEIDA, 2000, p. 51 - 52).

A consolidação da idéia de autonomia na aprendizagem se dá por força da teoria construtivista de Jean Piaget, que causou grande impacto na Europa e nos Estados Unidos no século passado. Trata-se de uma visão interacionista do desenvolvimento, na qual o indivíduo é agente ativo da construção do conhecimento e este acontece a partir de suas ações sobre o meio físico ou objeto de conhecimento. Na teoria piagetiana, o conhecimento é compreendido como uma construção com total consciência, de maneira que a concepção de aprendizagem desenvolvida nessa teoria se opõe àquela tradicional, em que a memorização de conteúdos e o produto final são as grandes estrelas. Segundo Becker (2002, p. 113) “o ensino não pode mais ser visto como a fonte de aprendizagem – muito menos a fonte exclusiva da aprendizagem. A fonte da aprendizagem é a ação do sujeito; o indivíduo aprende, pois, por força das ações que ele mesmo pratica”.

Para Vigotski (2002), a noção de autonomia encontra-se vinculada a uma relação entre o sujeito-aprendiz e seu meio social. Este teórico e professor em várias áreas, dentre elas a psicologia, a pedagogia e a filosofia, concentrou seu interesse em compreender o desenvolvimento do homem, o processo de aprendizagem e a ligação entre ambos, priorizando em seu estudo as questões ligadas às funções psicológicas

superiores. Tais funções são definidas como sofisticados processos mentais que se caracterizam por serem intencionais, conscientes, controlados e voluntários, originados a partir das relações sociais humanas (REGO, 2001).

Segundo a abordagem vigotskiana, a “relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos” (OLIVEIRA, 1997, p. 23), entendidos como sistemas de representação da realidade em que a linguagem é o principal meio desta mediação para o desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores, que permitem ao sujeito interagir criticamente com seu meio físico e social, de modo deliberado e derivado de sua própria vontade, ou seja, autonomamente.

Na teoria sócio-interacionista, o desenvolvimento do ser humano depende, inicialmente, do aprendizado ocorrido a partir das interações entre o sujeito e seu meio. De acordo com Vigotski (2002, p.110), “para elaborar as dimensões do aprendizado descreveremos um conceito novo e de excepcional importância, sem o qual esse assunto não pode ser resolvido: a zona de desenvolvimento proximal”. Neste conceito, a aprendizagem é apresentada a partir de dois níveis: (a) nível de desenvolvimento real, no qual o aprendiz é capaz de realizar tarefas de forma independente e autônoma e; (b) nível de desenvolvimento potencial, no qual o aprendiz é também capaz de realizar as tarefas, porém conta com a ajuda do outro. Assim, a zona de desenvolvimento proximal é:

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 2002, p.112).

Deste modo, as interações ocorridas entre o aprendiz e seu meio vão permitir a elaboração de um novo aprendizado, baseado na colaboração do outro, até que o aprendiz, por meio do incremento de suas funções psicológicas superiores, torne-se independente nesse aprendizado e pronto para avançar e desenvolver novos saberes.

Na perspectiva vigotskiana, a autonomia do aprendiz depende, a princípio, de um movimento externo a ele, proveniente da sua interação com seu meio sócio - histórico em que ambos – aprendiz e meio - são, ao mesmo tempo, transformadores e transformados, produtos e produtores de cultura e de conhecimento. Após este primeiro movimento, será desencadeado um segundo, intrapessoal, voluntário, intencional e autônomo, no qual este aprendizado ganhará um significado singular para este aprendiz, tornando-se parte de seu repertório pessoal de conhecimentos que lhe permitirá novas e

inúmeras interações com seu mundo cultural, numa relação dialética, dinâmica e ativa, de intervenção, transformação e construção de novos saberes, numa síntese que se renova e se recria continuamente.

Na concepção de Paulo Freire, a educação é produto de uma relação histórica e socialmente instituída, configurando-se como ato político, já que não se pode separar o ato pedagógico da realidade sócio-histórica. Neste sentido, a educação apresenta-se como um caminho para o homem intervir e transformar esta realidade. Entretanto, para que isso seja possível, é necessário que superemos o que Freire (1974) chamou de “educação bancária”, ou seja, aquela em que não apenas o conhecimento é depositado em um aluno passivo e dócil, mas que, igualmente, o silencia, impondo-lhe como verdadeiro, legítimo e único o saber transmitido pelo professor. Nesta ótica, “a construção do mundo do aluno é uma reprodução do mundo realizado antes pelo docente” (RUSSO; SGRÓ; DIAZ, 1999).

Como caminho de libertação dessa educação opressora, Freire (1979) defende uma educação dialógica, na qual o aluno, conhecedor e leitor do mundo é, também, sujeito de seu próprio processo de aprendizagem. É importante ressaltar que se trata de um diálogo fundamentado na relação ação/reflexão/ação, na qual o sujeito se percebe inserido e participante de seu contexto sócio-histórico, sendo, então, capaz de modificá-lo e de modificar-se, num processo dialético de constantes operações de sínteses que se realizam na práxis – ação/reflexão/ação. Freire reconhece a prática, a subjetividade e o senso comum como indispensáveis à construção de conhecimentos significativos para o educando, pois é nessa comunhão de saberes que o sujeito deixa de ser o consumidor de informação para se tornar o criador de conhecimentos (ALMEIDA, 2000).

Em face do exposto, percebemos que a construção da autonomia do aprendiz, na pedagogia freiriana, vincula-se à idéia de ação transformadora em que a educação apresenta um caráter permanente, de formação ao longo da vida. Configura-se, então, como uma busca constante do homem que “deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela” (FREIRE, 1979, p. 28).

Ampliando a questão da autonomia, encontramos na teoria da Autopoiese, dos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, a idéia de que a aprendizagem ocorre por meio da interação do sujeito com seu meio, mas de tal maneira que o que será “selecionado” da dimensão externa do sujeito, para se tornar um novo conhecimento, dependerá de sua subjetividade que “decide, de forma autônoma,

que significado atribuir às solicitações externas” (BARBOT; CAMATARRI, 2001, p. 54).

Isto significa que a aprendizagem ocorre por uma decisão do sujeito que aprende e não por uma imposição ou comando externo. A aprendizagem é um processo de construção e não de reprodução, por isso não se apreende o que não se assimila, não se apreende aquilo que é apenas decorado ou memorizado. Aprende-se quando, internamente, nos dispomos a tal, quando decidimos, por conta própria aprender. Quando exercemos nossa autonomia na aprendizagem.

Além do mais, o aprendiz deve sentir prazer em aprender, deve ter uma relação amorosa com a vontade de saber e com o desejo de conhecer, pois o aprendiz não se dá apenas numa dimensão cognitiva, mas também afetiva. Nesse sentido, a motivação é uma variável afetiva que merece ser destacada, pois a partir dela pode-se (ou não) impulsionar a aprendizagem, criando condições propícias para seu desenvolvimento. Assim, se torna fundamental conhecermos alguns requisitos básicos inerentes à motivação do sujeito que aprende e entre eles situam-se: (a) interesse pela aprendizagem: o aprendiz deve ter interesse no que está aprendendo, de modo que haja uma harmonia entre seu projeto pessoal de vida e sua realidade histórica, o que facilitará o alcance de seus objetivos; (b) auto-estima: trata-se de outro fator importante e refere-se ao sentimento positivo e de aceitação em relação a si mesmo; (c) controle sobre a aprendizagem: refere-se aos aprendizes que se sentem em condições de incrementar as suas capacidades, competências e habilidades para enfrentar os novos desafios e; (d) contexto da aprendizagem: implica em clima positivo, acolhedor, mais informativo que avaliativo, no qual existe a partilha entre alunos e professores, fomentando, assim, a motivação do sujeito.

Segundo Barbot e Camatarri (2001, p. 71), os parâmetros de aprendizagem que

visam um mais alto grau de autonomia favorecem igualmente a motivação. Dizem simultaneamente respeito à estrutura (delicadeza, adaptação dos alunos), à atmosfera (confiante, calorosa), aos valores educativos (tolerância, encorajamento, valorização, generosidade), as modalidades de trabalho (cooperação, participação), à comunicação e aos recursos.

Dessa maneira, podemos perceber que o desenvolvimento da autonomia é um processo que deriva da vontade do sujeito, que envolve e relaciona tanto aspectos cognitivos quanto afetivos, de sorte que, quanto mais intrínseco for este processo, maior será o interesse do indivíduo em se dispor e decidir sobre este aprendizado.

Do que recolhemos na literatura, assumimos no presente trabalho que autonomia na aprendizagem é um processo de construção individual, no qual, mesmo o indivíduo sendo sujeito de sua aprendizagem, tal processo se dá a partir das relações, práticas, conexões e interações entre aprendiz e seu meio sócio-histórico e entre aprendiz e professor, integrando as dimensões cognitivas e intersubjetivas/afetivas do sujeito. Por ser um processo gerado de maneira colaborativa, pois depende das interações realizadas entre sujeito e meio, o professor tem papel de destaque na sua tecitura ao se configurar como mediador pedagógico capaz de estimular e desafiar o aluno a construir novos saberes, seja individual ou coletivamente.

Compactuamos com Almeida (2002, p.78) quando esta afirma que a “autonomia é um aprendizado construído junto com a colaboração, a liberdade responsável, o respeito mútuo, a tolerância e a ética”, valores que se derivam a partir das interações, diálogos e vivências experienciadas entre sujeito e mundo exterior.

3.3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PROMOTORAS DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM *ONLINE*

Não há como ignorar que com o advento das TIC e a conseqüente apropriação do uso do computador como ferramenta pedagógica, abriu-se um leque de recursos e estratégias que não apenas modificam, mas auxiliam e fomentam o processo de aprendizagem e, notadamente, o processo de auto-aprendizagem. Entretanto, o uso de tecnologias não é garantia de ensino inovador ou de qualidade, que desperte no aluno o desejo do saber. É preciso ter em mente que seu uso apenas vai potencializar o que já existe dentro de sala de aula, seja ela virtual ou presencial. Daí a importância de se criar ambientes de aprendizagens significativas e colaborativas, visando a construção de novos conhecimentos através de práticas reflexivas, relevantes e contextualizadas. Paulo Freire (*apud* ALMEIDA, 2000, p.13), em conferência realizada em 1990 na Universidade Federal de Alagoas, já falava sobre o assunto, enfatizando “a necessidade de sermos homens e mulheres de nosso tempo que empregam todos os recursos disponíveis para dar o grande salto que nossa educação exige”.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem²⁵ (AVA), quando baseados em uma concepção construtivista-interacionista, configuram-se como espaço que favorece a aprendizagem significativa, indo além da mera transmissão de informações ou conteúdos. De acordo com Jonassen (1996), para que a aprendizagem seja significativa, ela deve apresentar algumas características tais como ser ativa, construtiva, reflexiva, colaborativa, intencional, complexa, contextual e coloquial, em que o processo de ensino/aprendizagem esteja centrado no aluno, divergindo do modelo tradicional, no qual este processo é orientado e controlado pelo professor.

Reafirmamos que o uso das novas tecnologias, notadamente as digitais, está gerando “uma verdadeira revolução que afeta tanto as atividades ligadas à produção e ao trabalho como as ligadas à educação e formação” (DÉLORS, 2001, p.186), de modo que outro aspecto fundamental para a criação de um ambiente de aprendizagem significativa, relaciona-se, justamente, com a formação inicial e a formação ao longo da vida do professor. Sua importância reside no fato dele ser o principal mediador para a promoção dos processos de aprendizagem e de construção da autonomia do aprendiz, ao transformar, com suas ações conscientes e reflexivas, o ambiente de sala de aula, virtual ou não, num local privilegiado de aquisição, compartilhamento e construção de novos saberes e de cultura, onde todos são, igualmente, sujeitos interativos deste processo.

Nesta perspectiva, é imprescindível que o docente tenha sólida base teórica que fundamente sua prática, visto que, a concretização da práxis pedagógica vai concorrer para que este se torne sujeito capaz de história própria, ativo, emancipado, autônomo e comprometido com seu desenvolvimento individual, ciente do seu papel de formador de cidadãos igualmente críticos e com autonomia de pensamento. Por outro lado, também contribuirá para que ele tenha segurança ao atuar como o problematizador da aprendizagem, estando apto a propor situações de desafios que instiguem seus alunos, levando-os a refletir na busca de soluções apropriadas para resolver problemas. O novo professor deve ser aquele que oferece possibilidades de aprendizagem, articulando os diversos campos de conhecimento e percebendo o aluno como sujeito participante do

²⁵ Concordamos com Valentini e Soares (2005, p.19) quando definem AVA como um “espaço social de interações cognitivo-sociais sobre ou em torno de um objeto de conhecimento: um lugar na *Web*, cenários onde as pessoas interagem, mediadas pela linguagem da hipermídia, cujos fluxos de comunicação entre os integrantes são possibilitados pela interface gráfica. O fundamental não é interface, mas o que os integrantes fazem com essa interface. Nesse sentido, o plano pedagógico que sustenta a configuração do ambiente é fundamental para que o ambiente possa ser um espaço onde os integrantes se construam como elementos ativos, co-autores do processo de aprendizagem”.

processo de descoberta e de construção de saberes. Reforçando esta posição, Valentini e Fagundes (in: VALENTINI e SOARES, 2005, p 35-36), enfatizam que:

É tarefa do professor problematizar, desencadear conflitos e propor situações de cooperação entre os alunos.[...] Cooperação é enfrentar solidariamente os problemas: é trocar e construir soluções e novos saberes juntos com os outros. A Educação visando à cooperação e à autonomia deve basear-se em relações de solidariedade interna e, para isso, não pode ser reduzida à simples repetição oral, mas implica uma nova relação pedagógica em que prevaleçam o respeito mútuo, em que professores e alunos sejam parceiros num processo que exige confiança e responsabilidade.

É preciso, ainda, destacar que além dos subsídios fornecidos pelas teorias educacionais para a formação deste novo professor, outro elemento tem igual importância para o desenvolvimento da aprendizagem significativa e contextualizada nos ambientes *online*: a forma como se dá a comunicação entre os atores deste processo. Afinal, na EAD, o processo de aprendizagem não é realizado “frente a frente” como na modalidade presencial e sim, mediatizado por tecnologias de informação e comunicação.

Podemos depreender, então, a fundamental importância das interações bidirecionais que a nova geração digital proporcionou à Educação a Distância, por pelo menos quatro razões básicas: (a) facilita a realização de diagnóstico dos conhecimentos significativos do aluno, permitindo que o professor atue corretamente na orientação do processo de aprendizagem e desenvolvimento, proporcionando melhores condições para a construção de novos conhecimentos; (b) permite a diversificação do conhecimento, por meio das diferentes redes de comunidades virtuais²⁶ em função dos variados contextos sócio-históricos vividos por cada um dos integrantes desta rede; (c) fomenta a construção de novos conceitos e reelaboração de conhecimentos, relativizando autorias, posto que todos aqueles envolvidos no processo de aprendizagem são, potencialmente, produtores de informação e saberes; e (d) favorece a construção da autonomia tanto do aprendiz como do próprio professor, pois ambos são sujeitos ativos e interativos deste processo.

Assim, por meio da aprendizagem *online*, é possível criar uma rede de conhecimentos fundamentada em uma relação dialética construída entre os vários sujeitos do processo de ensino/aprendizagem e objeto de conhecimento, colaborando

²⁶ Segundo Levy (2003,p.127), uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.

para a realização de operações de reflexão, construção e sínteses de novos saberes baseados em experiências, vivências e conhecimentos prévios que, incorporados às dimensões cognitivas e afetivas de cada um, tornam-se pontos de ancoragem para novas e sucessivas operações de sínteses, concretizando o *continuum experiencial* preconizado por Dewey (1979).

Para o desenvolvimento do ciclo deweyano é imprescindível que os atores envolvidos no processo ensino-aprendizagem se libertem das “amarras” que os prendem a uma concepção tradicional de ensino, baseada em uma pedagogia magistocêntrica, hierárquica, direcionada à transmissão de conteúdos hegemônicos, distanciados do cotidiano dos alunos e dos próprios professores. Esta visão de ensino se assenta na ilusão da certeza, fundamentada em um modelo global de racionalidade científica, no qual se estabelece uma única forma de conhecimento legitimada como verdadeira.

Reforçando tal idéia, Holec *apud* Barbot e Camatarri (2001, p.64) nos indica que a autonomia na aprendizagem só pode ser desenvolvida “a partir de um processo de descondicionamento que levará o aluno a libertar-se [...] da idéia de que existe um método ideal e que os professores detêm esse método”.

Um caminho para romper com tais amarras, segundo palavras de Freire (2006, p.30) seria estabelecer uma “intimidade entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos”, ou seja, valorizar os conhecimentos e as vivências que os alunos construíram e experienciaram ao longo da vida, por meio de interações com seu meio sócio-histórico, de modo que

a responsabilidade primária do educador não é apenas a de estar atento ao princípio geral de que as condições do meio modelam a experiência presente do aluno, mas também a de reconhecer nas situações concretas que circunstâncias ambientes conduzem a experiências que levam a crescimento. Acima de tudo, deve saber como utilizar as condições físicas e sociais do ambiente para delas extrair tudo que possa contribuir para um corpo de experiências saudáveis e válidas (DEWEY, 1979, p.32).

As experiências e os conhecimentos já elaborados devem ser considerados como peças-chave para o desenvolvimento do aprendizado. Neste sentido, a mediação pedagógica ganha especial destaque, pois é a partir dela que se criam situações de aprendizagem direcionadas para a construção de conhecimentos, por meio de ações intencionais e reflexivas, em que há articulações entre os saberes instituídos e aqueles trazidos pelos alunos.

Outro aspecto a ser considerado em um ambiente construtivista está na importância de se estabelecer laços afetivos, de confiança e de respeito, gerando um espaço acolhedor e motivador no qual os participantes se reconheçam como seus legítimos integrantes. Para tanto, se faz também necessário o reconhecimento das múltiplas realidades existentes e que estão em interação neste espaço, permitindo identificar o processo ensino-aprendizagem como uma prática social e contextual.

Ao professor/mediador cabe estabelecer relações dialógicas que visem superar dicotomias como razão e emoção, teoria e prática, sujeito e objeto de conhecimento, entre outras, buscando, desta forma, a integração, colaboração e parceria entre seus componentes, por meio de debates cujos temas sejam pertinentes e significativos, levando-os à reflexão e à socialização de idéias, vivências e conhecimentos (MORAES, 2002).

Assim, ensinar e aprender se tornam a mesma ação pedagógica, já que nesta concepção o professor aprende “sobre o universo cognitivo do aluno, suas estruturas conceituais, seus conhecimentos cotidianos, seus desejos, sentimentos e emoções para poder intervir em seu processo de aprendizagem” (ALMEIDA, 2002, p.76).

Ao aprender sobre seus alunos, torna-se mais fácil identificar a zona de desenvolvimento proximal de cada um deles, permitindo a aplicação de práticas pedagógicas direcionadas ao incremento do aprendizado, contribuindo para que sejam capazes de desenvolver novos saberes de forma independente, isto é, conquistando sua autonomia relacional (visto que esta se dá pela interação entre sujeito e meio, que, neste caso específico, é o próprio AVA).

Como já sublinhamos, o modelo pedagógico adotado em sala de aula é que, de fato, conduzirá o modo pelo qual se dará o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Adotamos em nossa pesquisa o modelo inspirado nas idéias construtivistas-interacionistas (até por ser ele o modelo que fundamenta nosso contexto de estudo), no qual o aluno é sujeito ativo na construção de saberes e aprendizagens significativas que se realizam de forma autônoma e contextualizada, por meio das interações do sujeito com o meio, com o outro e com o objeto de conhecimento. Segundo Moraes (2004, p.283) a concepção construtivista-interacionista reconhece o aprendiz como um:

sistema vivo, autopoietico²⁷, autoconstrutor e autocriador de sua realidade, integrado a um contexto histórico, social e cultural, onde atua mediante reflexões e diálogos [...] e assume um papel ativo e responsável por sua aprendizagem, um sujeito autônomo, um sujeito de ação, de construção, mas uma construção que realiza individual e coletivamente.

Em um ambiente virtual de aprendizagem construtivista-interacionista é de vital importância a participação ativa e a colaboração entre os participantes para que o processo de ensino-aprendizagem seja bem sucedido. Nesta concepção, o conhecimento é uma construção coletiva, realizada por meio do intercâmbio e da partilha de saberes e de experiências prévias de um determinado grupo, em que cada sujeito participante torna-se responsável não apenas pela sua própria aprendizagem, mas também, pela do outro.

Depover (2002, p.167), apresenta uma visão bastante interessante da idéia de partilha, ao indicar que esta

rompe resolutamente com certas concepções clássicas da aprendizagem, caracterizadas por uma distribuição rígida de papéis atribuídos a cada uma na relação pedagógica. Em um contexto de partilha de conhecimentos, cada um recebe e cada um oferece para enriquecer o conhecimento comum. Contrariamente ao que passa na troca de bens materiais, em que a partilha reduz a parte que cabe a cada um, aquele que partilha seu conhecimento com outros enriquece a si mesmo, ao confrontar seu conhecimento com o de outros, ainda que este seja menos elaborado.

Tais partilhas e intercâmbios podem tanto ocorrer de forma síncrona (em tempo real) como assíncrona e pressupõem um grupo de indivíduos com objetivos comuns, mas não necessariamente com o mesmo nível de formação e/ou de conhecimentos já elaborados anteriormente.

Campello (2007, p.8) argumenta que a aprendizagem colaborativa é uma “metodologia que conduz a um processo de ensino e aprendizagem que facilita a tomada de decisões conjuntas para a resolução de situações - problema”, em que a competitividade e a individualidade cedem lugar a valores como solidariedade, respeito, afeto e cooperação entre seus integrantes.

Vale aqui ressaltar que a aprendizagem vai além da apropriação de conteúdos formais, pois abarca tanto a dimensão social (pela interação com o outro) como a

²⁷ Autopoiese é constituída de duas palavras gregas – auto, referindo-se a si mesmo e, poiese, que significa produção, criação. Autopoiese seria, então, produção ou criação de si mesmo [...]. Todo sistema autopoietico é, portanto, um sistema autônomo (MORAES, 2004, p.91-92)

dimensão afetiva/intersubjetiva, já que “sem compartilhar intersubjetividade²⁸ não é possível a um grupo constituir qualquer base para estabelecer relações sociais visando à aprendizagem” (PACHECO, 2002, p.71). O conhecimento torna-se, então, uma construção social, baseada no diálogo e na colaboração entre os sujeitos, que promove o crescimento coletivo.

Cabe ao professor/mediador a relevante incumbência de organizar e conduzir esse processo, objetivando o crescimento e o desenvolvimento do aluno. É importante salientar que a mediação em ambientes *online* assume uma dupla função, pois compete a este profissional exercer tanto a mediação pedagógica quanto a tecnológica. Deste modo, acreditamos que as práticas exercidas por esses educadores se relacionam tanto com ações pedagógicas, quanto com a utilização de ferramentas e recursos disponíveis na Internet e no próprio ambiente virtual.

Com base nos pensamentos de alguns dos autores que fundamentaram nosso estudo (ALMEIDA, 2000, 2002, ALONSO, 2005, BARBOT e CAMATARRI, 2002, BELLONI, 2003, CAMPELLO, 2006, 2007, DEWEY, 1997, FREIRE, 1974, 1979, 2006, KENSKI, 2004, LEVY, 2003, 2004, MORAES, 2000, 2002, MORIN, 1990, SOUSA e NUNES, 2003, PRETI, 2000, 2005, VIGOTSKI, 2002) e na pesquisa de campo efetuada, que nos permitiu unir teoria e prática, reconhecemos algumas práticas pedagógicas promotoras da autonomia na aprendizagem *online*, numa perspectiva construtivista-interacionista. A seguir apresentamos essas práticas destacando os dois aspectos interdependentes, mediação pedagógica e mediação tecnológica, que consideramos imbricados na sua concretização. Sendo assim, o professor:

ao exercer a mediação pedagógica deve:

- priorizar a interação e a partilha de experiências e valores entre os participantes;
- valorizar conhecimentos prévios dos alunos;
- estar consciente que no outro distante terminal da rede existe um ser humano com todas as razões e sentimentos que os compõem;
- fundamentar-se em diálogo respeitoso e afetuoso, criando um ambiente de sala de aula acolhedor, no qual o aluno tenha o sentimento de pertencimento²⁹;

²⁸ Concordamos com Mandú (2004) ao considerar que a intersubjetividade evidencia caráter relacional e histórico de nossas identidades como indivíduos e grupos ao apresentar contextos tais como crenças, valores e conhecimentos.

²⁹ Segundo o Dicionário de Direitos Humanos, pertencimento, ou o sentimento de pertencimento é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. Os indivíduos pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações.

- “mostrar” ao aluno como aprender, propondo, orientando e acompanhando atividades, a princípio de modo mais efetivo e, ao longo do curso, intervindo apenas quando necessário;
- conhecer profundamente o(s) assunto(s) estudado(s) no curso;
- respeitar ritmos diferentes de aprendizagem, sem, no entanto, comprometer o cronograma acadêmico, mostrando-se flexível e capaz de adaptar prazos à realidade de sua sala de aula;
- alertar sobre a importância do aluno organizar e planejar seu tempo para o estudo, tornando-o consciente de seu papel de sujeito ativo no processo de aprendizagem;
- disponibilizar tanto os conteúdos e conceitos estabelecidos pelo programa do curso, como informações, *links* e bibliografia de apoio, que sejam relacionados com os temas trabalhados e com as atividades individuais e/ou coletivas solicitadas, permitindo que o aluno crie sua própria rota de aprendizagem;
- facilitar a comunicação, utilizando linguagem clara, de fácil compreensão pelo aluno;
- incentivar o estudante a construir conhecimentos baseados tanto na teoria apresentada quanto em suas experiências vivenciadas, colaborando para que este se aproprie dos conteúdos do curso;
- promover trabalhos colaborativos, pois estes incitam a participação e a responsabilidade dos alunos, além de permitir uma visão crítica face ao objeto de conhecimento, contribuindo para adoção de atitude reflexiva perante situações-problema;
- elaborar atividades individuais e coletivas, nas quais sejam necessárias pesquisas para sua realização;
- oferecer *feedback* aos alunos, tanto em relação as atividades realizadas quanto ao desempenho e participação de cada um;
- responder às dúvidas e solicitações dos alunos, de preferência, no prazo de 24 horas;
- evitar críticas em espaço coletivo que possam afetar negativamente a auto-estima do(s) aluno(s);

- reconhecer o esforço, comprometimento e bom desempenho do(s) aluno(s), reforçando, positivamente sua auto-estima;
- coibir a publicação de mensagens religiosas, políticas e comerciais nos espaços coletivos, evitando possíveis tensões entre os participantes;
- solicitar aos estudantes que realizem avaliações constantes dos diversos aspectos do curso: metodologia, textos estudados, atuação do professor/mediador, provocando a reflexão sobre o processo e também sobre o produto da aprendizagem;
- solicitar auto-avaliações freqüentes, contribuindo para que o aluno esteja sempre pensando intencionalmente sobre sua atuação, possibilitando, desta forma, a depuração de seu desempenho e de sua atuação no processo de aprendizagem;
- apresentar-se disponível para orientar, apoiar, analisar e sanar dúvidas dos alunos;
- evitar dispersão nos fóruns de trabalho;
- manter freqüente comunicação com o aluno, incentivando-o a estar sempre presente no curso;
- incentivar interações de qualidade e pertinentes ao interesse do grupo.
- refletir sobre sua prática pedagógica, realizando, tal qual os alunos, constantes avaliações e auto-avaliações concretizando o *continuum experiencial*, permitindo, assim, que esteja apto a depurar e aprimorar suas ações pedagógicas.

Em relação ao exercício da mediação tecnológica³⁰, alguns pré-requisitos merecem ser observados, pois o professor deve: (a) possuir um bom equipamento físico (*hardware*) que tenha um mínimo de 128Mb (mega *bytes*) de memória de acesso aleatório (RAM), disco rígido (HD) de pelo menos 80Gb (giga *bytes*), para o armazenamento de arquivos multimídia e a execução do sistema operacional (S.O) que, normalmente, se refere a alguma versão de *Windows* da empresa Microsoft; (b) dispor de conexão de acesso a Internet que seja confiável e rápida (preferencialmente de banda larga³¹) para evitar lentidão na navegação e partilha de arquivos, além de incômodas interrupções e atrasos na comunicação do tipo síncrona tanto na rede em geral como no próprio ambiente de aprendizagem; (c) contar com programas (*softwares*) que possam

³⁰ É importante ressaltar que, em função das contínuas inovações tecnológicas, tais pré-requisitos deverão ser, igualmente, atualizados com freqüência.

³¹ Existem vários tipos de conexão banda larga, porém os três mais difundidos no Brasil são: acesso por ADSL (usa a rede telefônica), cabo (usa a rede de TV a cabo) e via rádio (GONZALEZ, 2005).

lidar com os diversos tipos de mídia disponíveis na rede, tais como: processadores de textos, planilhas e apresentações (normalmente oferecidos em pacotes para escritórios chamados de *Offices*), visualizadores de imagens (vídeos, fotos, diagramas e gráficos) e áudio; (d) manter os navegadores³² (*browsers*) sempre atualizados em suas versões finais mais recentes e, também, quanto aos *bugfixes* ou *patches*³³; e (e) instalar e manter atualizados os *plugins*³⁴ que sejam relacionados ao funcionamento das ferramentas oferecidas no AVA.

Acreditamos que o atendimento a estes pré-requisitos permite ao professor uma melhor atuação. Assim, ao realizar a mediação tecnológica, o professor deve:

- reconhecer o potencial do computador e seus recursos, como ferramenta de apoio pedagógico para resolução de situações-problema e construção de novos saberes;
- conhecer o funcionamento dos recursos e ferramentas disponíveis no AVA, integrando-os à sua prática pedagógica;
- colaborar com os *designers* educacionais no sentido de criar, no AVA, uma interface amigável que não seja nem pobre em recursos e nem tão complexa a ponto de inibir o aluno;
- conhecer diferentes *softwares* (preferencialmente de uso livre) pertinentes ao curso;
- realizar operações básicas em informática, tais como, abrir, editar e salvar arquivos, imprimir textos, instalar e utilizar programas que se relacionem com o curso desenvolvido;
- navegar com desenvoltura na Internet;
- indicar *sites* confiáveis para *download* de programas e arquivos concernentes aos temas abordados no curso;
- orientar o aluno no uso de *softwares*, recursos e ferramentas da Internet e do próprio ambiente virtual de aprendizagem;
- dominar a linguagem escrita, tanto para leitura e compreensão de textos conteudistas, quanto para a comunicação com os alunos, por meio da publicação e envio de mensagens via correio eletrônico, fóruns e *chats*;

³² Os navegadores mais utilizados atualmente são *Internet Explorer* e *Mozilla Firefox*, ambos de uso livre.

³³ Corretivos para erros de programação que não foram detectados antes da liberação da versão final para uso e que podem causar travamentos, perda de dados e/ou comprometer a segurança no uso da Internet

³⁴ Um exemplo de *plugin* é o programa *Macromedia Flash Player* que confere ao navegador a habilidade de lidar com recursos multimídia como animações e vídeo.

- fazer uso das regras básicas de netiqueta³⁵;
- programar, regularmente, *chats* com os alunos, exercitando o uso desta ferramenta e proporcionando contato, em tempo real, entre os participantes;
- moderar os *chats* com objetividade, organizando-o de modo a dar voz e vez a cada interlocutor presente;
- priorizar o uso dos fóruns coletivos para orientar, solicitar e acompanhar atividades, contribuindo para a partilha de informações e conhecimentos entre os membros do curso;
- restringir o uso de *e-mail* para assuntos de interesse exclusivamente do professor e do aluno em particular;
- disponibilizar e incentivar o uso de ferramenta (como portfólio ou diário) na qual o aluno possa registrar suas avaliações processuais e auto-avaliações, criando um banco de dados que o instrumentalize a refletir sobre seu percurso ao longo do curso, permitindo a reconstrução e a depuração de sua rota de aprendizagem quantas vezes julgar necessário.

Finalizando, gostaríamos de esclarecer que ao apresentarmos algumas práticas pedagógicas que acreditamos cooperar para a promoção da autonomia na aprendizagem, não tivemos a pretensão de sermos taxativos ou de esgotar o assunto. Ao contrário, trata-se aqui de um convite à reflexão e ao diálogo, esperando que essas sugestões possam ser testadas/avaliadas como possíveis caminhos. Buscamos, especialmente, ampliar e construir novas trilhas que favoreçam a práxis na mediação da aprendizagem *online*, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia relacional, tanto dos alunos quanto dos próprios professores.

³⁵ Para maiores informações sobre o assunto, existem vários sítios que podem ser consultados, dentre eles: <<http://mailhost.ufrj.br/correio/dicas/netiqueta.htm>> Acesso em 28 de dezembro de 2007

4. A AUTONOMIA SEGUNDO ALUNOS E TUTORES DO ARTEДУCA

Este capítulo se divide em quatro partes: na primeira apresentamos as características básicas dos alunos, obtidas por meio das respostas oferecidas nas questões fechadas do questionário aplicado a esses sujeitos; na segunda detalhamos as respostas derivadas das questões abertas desse mesmo questionário; na terceira, são expressos os resultados dos questionários aplicados aos tutores; e na quarta resumizamos os dados recolhidos na observação de campo.

4.1 AS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS DOS ALUNOS

Um dos instrumentos utilizado para a coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado durante o encontro presencial do Arteduca (encontro este previsto por lei³⁶), ocorrido em Brasília, no período de 12 a 15 de julho de 2007. Nesse encontro, os alunos além de apresentarem seus trabalhos finais para as bancas examinadoras, participaram de outras atividades tais como palestras com professores convidados³⁷, debates e avaliações processuais.

Com base nos dados coletados por meio deste questionário, pudemos delinear as características básicas dos alunos em relação às seguintes variáveis: sexo, escolaridade, curso de graduação, estado ou região de domicílio, se era o primeiro curso *online* que realizavam, se possuíam (ou não) Internet em casa, discada ou banda larga, a frequência com que acessavam o curso, se atuavam (ou não) em escola, em que segmento, como tomaram conhecimento do Arteduca e o que os motivara a se inscrever no curso.

Procuramos, também, identificar se conheciam os objetivos do curso, se estes foram alcançados e se o curso correspondeu às suas expectativas. Buscamos, ainda, conhecer algumas percepções construídas pelos alunos sobre a promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem, por meio de perguntas abertas sobre a metodologia adotada no curso, visto que um de seus pilares se volta para a importância da auto - aprendizagem.

³⁶ Conforme consta na RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 1, DE 3 DE ABRIL DE 2001, que estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação em seu Art. 11, os cursos de pós-graduação *lato sensu* a distância só poderão ser oferecidos por instituições credenciadas pela União, conforme o disposto no § 1º do art. 80 da Lei 9.394, de 1996. Parágrafo único. Os cursos de pós-graduação *lato sensu* oferecidos a distância deverão incluir, necessariamente, provas presenciais e defesa presencial de monografia ou trabalho de conclusão de curso.

³⁷ Nesta edição foram convidadas as seguintes professoras para realizarem palestras e participarem de debates: Ana Mae Barbosa, Leda Guimarães, Maria Cândida Moraes e Maria de Fátima Guerra de Sousa.

O primeiro ponto a nosso favor foi o enorme retorno de questionários respondidos e, na sua maioria, com todas as questões preenchidas e comentadas (81% dos 136 alunos, ou seja, 110 alunos). Esse percentual nos pareceu um indicativo bastante significativo do interesse e do comprometimento do aluno com o curso, pois a resposta ao questionário não era uma atividade obrigatória.

Como fazemos parte da equipe de tutores do Arteduca, já havíamos constatado nas edições anteriores que o curso é predominantemente feminino. Este dado se confirmou na presente edição, uma vez que dos 110 respondentes, 91 eram mulheres e apenas 19 eram homens.

Por ser o curso aberto a professores de todas as áreas do conhecimento, procuramos fazer um levantamento que nos permitisse conhecer não apenas a formação acadêmica em relação ao grau de escolaridade, mas, também, o tipo de graduação cursada. Verificamos, então, que aproximadamente 80% dos alunos possuíam bacharelado ou licenciatura e 18% já eram especialistas (Tabela 1). Apenas um cursista era mestre e outro pós-doutor. Contudo, pela nossa vivência neste campo de pesquisa, sabíamos da existência de mais duas alunas com doutorado concluído, mas, que infelizmente, fazem parte dos 19% que não participaram da pesquisa.

Tabela 1 – Distribuição dos alunos em relação à formação acadêmica.

Tipo de formação	Homens	Mulheres	Total	%
Bacharel	01	13	14	12,7
Licenciado	15	59	74	67,3
Especialista	02	18	20	18, 2
Mestre	01	-	01	0,9
Doutor	-	-	-	-
Pós-Doutor	-	01	01	0,9
Total	19	91	110	100

As áreas de formação dos alunos eram as mais variadas como podemos ver na Tabela 2, o que não foi surpresa em função da própria proposta do curso. No entanto, a maior parte dos alunos estava composta por arte-educadores e pedagogos.

Tabela 2 – Distribuição dos cursistas em relação ao curso de graduação.

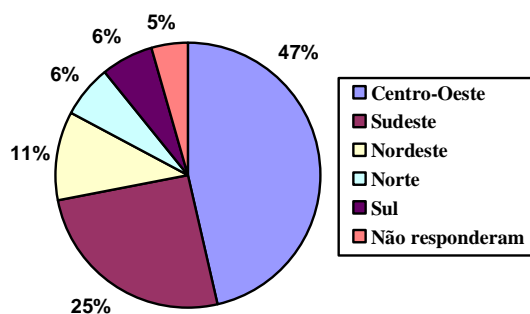
Área de formação	Homens	Mulheres	Total	%
Ed. Artística – Artes plásticas/visuais	03	21	24	21,9
Ed. Artística – Artes Cênicas	01	04	05	4,6
Ed. Artística – Música	02	01	03	2,7
Ed. Artística – Dança	-	01	01	0,9
Pedagogia	-	22	22	20,0
Letras	04	06	10	9,1
História	03	02	05	4,6
Desenho Industrial	01	02	03	2,7
Geografia	01	02	03	2,7
Matemática	-	03	03	2,7
Administração	-	02	02	1,8
Arquitetura	01	01	02	1,8
Biologia	-	02	02	1,8
Psicologia	-	02	02	1,8
Ciências da Computação	01	-	01	0,9
Ciências Sociais	-	01	01	0,9
Design do Produto	-	01	01	0,9
Economia	-	01	01	0,9
Educação Física	-	01	01	0,9
Filosofia	-	01	01	0,9
Física	-	01	01	0,9
Produção Cultural	-	01	01	0,9
Não responderam	02	13	15	13,7
Total	19	91	110	100

Sendo o curso *online*, deu margem a integrar alunos das mais diferentes regiões geográficas do país. A Tabela 3 e o Gráfico1 ilustram a dispersão geográfica dos cursistas.

Tabela 3 – Distribuição dos cursistas em relação ao Estado em que residem.

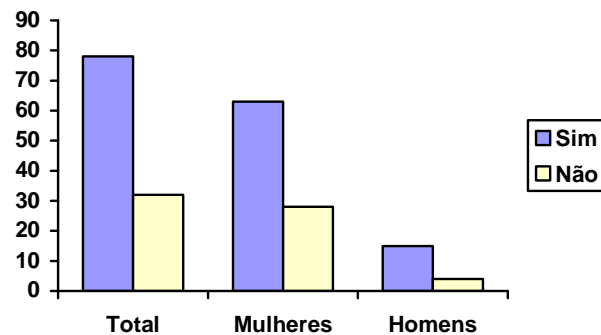
Estado	Homens	Mulheres	Total	%
Distrito Federal	08	35	43	39,1
São Paulo	03	12	15	13,7
Goiás	02	05	07	6,4
Minas Gerais	01	06	07	6,4
Bahia	-	04	04	3,7
Rio de Janeiro	-	04	04	3,7
Acre	02	01	03	2,7
Maranhão	01	02	03	2,7
Paraná	-	03	03	2,7
Espírito Santo	-	02	02	1,8
Pernambuco	-	02	02	1,8
Rio Grande do Sul	-	02	02	1,8
Roraima	01	01	02	1,8
Santa Catarina	-	02	02	1,8
Ceará	-	01	01	0,9
Mato Grosso do Sul	-	01	01	0,9
Piauí	-	01	01	0,9
Sergipe	-	01	01	0,9
Tocantins	-	01	01	0,9
Não responderam	01	05	06	5,4
Total	19	91	110	100,0

Gráfico 1 – Distribuição dos cursistas em relação à região geográfica em que residem.



Na medida em que estávamos pesquisando a construção da autonomia na aprendizagem *online*, se tornava importante saber se este tipo de curso era a primeira experiência desses sujeitos. Verificamos, então, que a maior parte deles (71%) ainda não tinha uma experiência dessa natureza. Os valores encontrados se expressam no Gráfico 2.

Gráfico 2 – O curso *online* como primeira experiência



Do mesmo modo, foi importante saber como acessavam a internet, considerando qualidade e frequência do acesso. Os Gráficos 3 e 4 oferecem informações sobre o acesso e a Tabela 4 considera a frequência do acesso ao curso.

Gráfico 3 – Presença da internet em casa

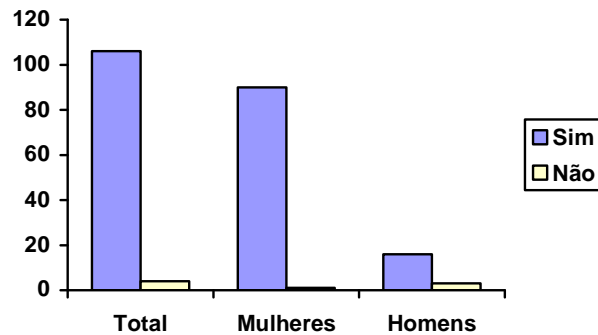


Gráfico 4 – Acesso à internet: banda larga e discada

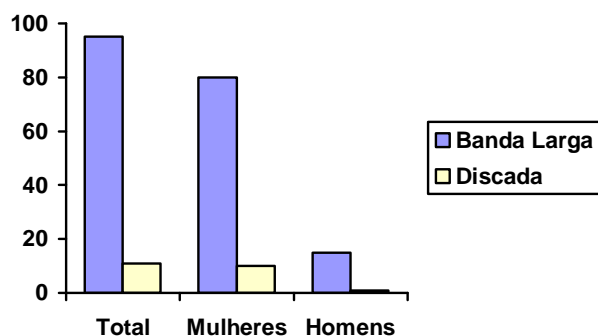


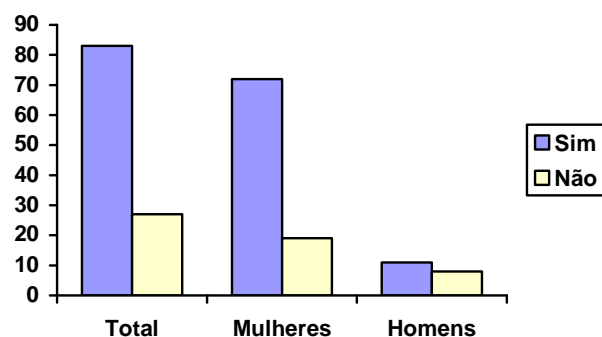
Tabela 4 – Frequência do acesso ao curso

Frequência	Homens	Mulheres	Total	%
Diariamente	13	61	74	67,3
3 vezes na semana	02	11	13	11,8
Fim de semana	-	01	01	0,9
Outros	04	18	22	20,0
Total	19	91	110	100,0

Tomando os dados dessa tabela em relação a cada grupo (feminino/masculino) isoladamente, percebemos que não há diferença significativa no uso diário, pois no caso feminino 61 mulheres representam 67% do total de professoras participantes e 13 homens equivalem a 68% dos 19 respondentes masculinos. Portanto, homens e mulheres utilizam a internet diariamente na mesma proporção.

Tendo em vista que o curso tem como finalidade básica atingir a melhoria da qualidade do ensino pela via da integração das disciplinas, situando a arte como seu eixo básico, consideramos indispensável saber quantos cursistas estavam atuando em escola. O Gráfico 5 oferece essa informação.

Gráfico 5 – Atuação em escola



Procuramos também identificar em que segmento de ensino esses alunos atuavam, o que se expressa na Tabela 5.

Tabela 5 – Distribuição dos cursistas em relação ao segmento escolar em que atuam.

Segmento de Ensino	Homens	Mulheres	Total	%
Educação Infantil	-	04	04	3,7
Ensino Fundamental	-	18	18	16,3
Ensino Médio	04	10	14	12,7
Educação de Jovens e Adultos	02	01	03	2,7
Ensino Superior	01	02	03	2,7
Educação Profissional	01	03	04	3,7
Outros	-	04	04	3,7
Mais de um segmento	01	22	23	20,9
Não atuam em escolas	08	19	27	24,5
Não responderam	02	08	10	9,1
Total	19	91	110	100,0

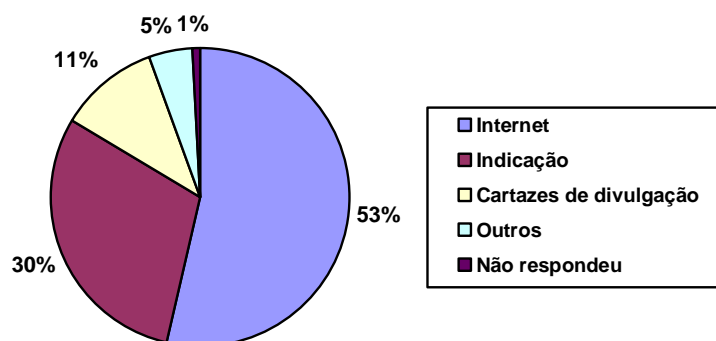
Adicionalmente, se tornava relevante saber como haviam tomado conhecimento do curso, o que é apresentado na Tabela 6.

Tabela 6 – Forma como tomou conhecimento do Arteduca

Forma de conhecimento	Total de cursistas	%
Sítios de busca	29	26,4
Indicação de amigo	23	20,9
Sítio da UnB	13	11,8
Cartazes de divulgação em escolas	09	8,2
Sítio Arte na Escola	08	7,3
Indicação de ex-aluno do Arteduca	05	4,6
Secretaria Estadual de Educação do DF	04	3,7
Indicação da Equipe do Arteduca	03	2,7
Cartazes de divulgação na UnB	03	2,7
Indicação no trabalho	02	1,8
Sítio do e-proinfo	02	1,8
Grupo de discussão Arte-Educar	02	1,8
Sítio do Arteduca	01	0,9
Orkut	01	0,9
Revista Digital Art	01	0,9
Revista Eletrônica Canal Contemporâneo	01	0,9
Revista Nova Escola	01	0,9
Grupo de discussão da UNICAMP	01	0,9
Não respondeu	01	0,9
Total	110	100,0

Congregando os modos similares pelos quais os sujeitos tomaram conhecimento do curso, encontramos um percentual significativo (53%) de informação via internet, o que se expressa no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Modo de conhecimento do Arteduca



Indagados sobre os motivos que os levaram a fazer o curso (motivação), encontramos os dados que se seguem.

Tabela 7 – Motivação para se inscrever no curso.

Motivação para o curso	Total de cursistas	%
Interesse no tema	22	20,0
Aprimorar/fundamentar a prática pedagógica	17	15,5
Formação continuada	13	11,8
Proposta do curso	08	7,2
Por ser <i>online</i>	08	7,2
Vontade de aprender/construir novos conhecimentos	08	7,2
Proposta do curso e por ser <i>online</i>	07	6,4
Proposta do curso, por ser <i>online</i> e nome da UnB	04	3,7
Por ser <i>online</i> e nome da UnB	04	3,7
Formação continuada <i>online</i>	04	3,7
Titulação em especialista	04	3,7
Proposta do curso e titulação em especialista	03	2,7
Profissionalização na área de artes	02	1,8
Nome da UnB	01	0,9
Nome da UnB, por ser <i>online</i> e de valor acessível	01	0,9
Proposta do curso e possibilidade de aumento salarial	01	0,9
Interesse em atuar profissionalmente em EAD	01	0,9
Curiosidade	01	0,9
Não respondeu	01	0,9
Total	110	100,0

Com base nos dados coletados pudemos, em síntese, inferir que os respondentes do questionário, apresentavam as seguintes características básicas:

- pertenciam predominantemente ao sexo feminino (83%);
- a maioria possuía apenas a graduação tradicional (80%), sendo este seu primeiro curso de especialização;
- em sua maioria, eram arte-educadores (30%) e pedagogos (20%);
- quanto à região em que residiam, predominou a Centro-Oeste (47%), sendo que aqueles que moravam no Distrito Federal correspondiam a 84% do total desta região e a 39% do total de cursistas do Arteduca;
- a maioria (71%) estava realizando seu primeiro curso *online*, possuía internet em casa (96%) do tipo banda larga (90%);
- em relação à frequência do acesso, 67% do total de respondentes o fazia diariamente;
- grande parte (75%) estava atuando em escola, sendo que 21% trabalhavam em mais de um segmento;

- a Internet (53%), principalmente os sítios de busca, mostrou-se a principal via de informação sobre a existência do curso;
- os temas: arte, educação e tecnologias contemporâneas foram os mais citados como estímulo para os alunos se inscreverem no curso.

Considerando os dados da Tabela 7 foi possível depreender, ainda, duas outras características dos alunos. A primeira refere-se à opção pela modalidade *online*: ao unificarmos os itens nos quais aparece a escolha dessa proposta, encontramos um percentual significativo de 25% do total dos respondentes. Ao usarmos o mesmo procedimento em relação aos itens em que a proposta do curso aparece como um dos motivos para a sua realização, obtivemos um total de 21% dos respondentes enquadrados nesta perspectiva.

Esses agrupamentos nos permitiram inferir que um percentual relevante (de 25 e 21%) escolheu o curso por ser *online* e dirigido à auto-aprendizagem, portanto esses sujeitos se alinhavam às diretrizes básicas do Arteduca.

4.2 AS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS

Como vimos no Capítulo 2, o curso se dividiu em duas etapas. Na primeira, seu principal objetivo era contribuir para a promoção/ampliação de uma aprendizagem autônoma e colaborativa em EAD. A segunda etapa focalizou a formação de professores e profissionais da educação para o planejamento e implementação, em escolas de Educação Básica, de projetos interdisciplinares (PI) relacionados à arte e à cultura, nos quais se utilizam as novas tecnologias como ferramentas de apoio ao processo ensino-aprendizagem.

Pensamos, então, que era importante saber se os alunos conheciam esses objetivos essenciais, pois tal conhecimento indicaria se estavam (ou não) inseridos na proposta de forma consciente. Por isso, uma das questões indagava se conheciam os objetivos do curso e se acreditavam que estes tinham sido alcançados ao término das aulas. Ao quantificarmos os dados dessa pergunta, encontramos os seguintes resultados: em relação aos objetivos - (a) 99 alunos (90%) responderam que conheciam; (b) 2 alunos (2%) responderam que não os conheciam; e (c) 9 alunos (8%) não responderam; em relação ao êxito dos objetivos - (a) 93 alunos (84%) responderam que eles foram alcançados; (b) 4 alunos (4%) falaram que foram alcançados em parte; (c) 3 alunos (3%) disseram que não foram alcançados; e (d) 10 alunos (9%) não responderam.

Solicitamos, também, que comentassem suas escolhas e 77 alunos (70% do total de respondentes), justificaram suas posições. Ao analisarmos as respostas acerca do conhecimento/êxito dos objetivos, notamos que na maioria dos depoimentos se inseriam conceitos que eram muito similares ou iguais aos apresentados na proposta do curso, o que levou-nos a inferir o seu conhecimento.

É válido salientar que outros conceitos, ligados mais especificamente à metodologia do Arteduca, também foram significativamente citados, o que revela conhecimento da proposta. Para uma melhor visão das respostas dos alunos, agregamos os conceitos expressos em torno de alguns “conceitos-chave” contidos na proposta do Arteduca (Tabela 8).

Os conceitos registrados (literais ou similares) aparecem em variadas combinações nas falas dos alunos, ou seja, um mesmo aluno podia citar dois ou mais conceitos, o que nos levou a desconsiderar a relação biunívoca entre um sujeito – uma resposta.

Tabela 8 - Conceitos apresentados pelos alunos em relação aos objetivos do curso

Conceitos-chave	Conceitos/idéias similares	Quantidade de citações	%
Metodologia colaborativa/ Matriz humanizante	Colaboração, humanismo, trabalho em grupo e/ou colaborativo, diálogo, interação e troca/intercâmbio	38	49,4
Arte, cultura e arte- educação	Ensino de arte	33	42,9
Autonomia	Auto-aprendizagem e independência	23	29,9
Projetos Interdisciplinares	Trabalhos desenvolvidos na escola e projetos de aprendizagem	23	29,9
Tecnologias Contemporâneas	Novas tecnologias, computador e informática	23	29,9
Formação do Professor/profissional da educação	Aquisição/construção de conhecimentos e aprendizagem significativa	19	24,7
Interdisciplinaridade	Conciliar, integrar, intermediar, unir ou ligar disciplinas	16	20,8
Articulação teoria/prática profissional	Integração, práxis, trabalhos teóricos que respeitam as diversidades	12	15,6

A seguir apresentamos alguns depoimentos que mostram a riqueza de idéias incluídas nos registros dos alunos e nos ajudam a compreender como agregamos os conceitos dos alunos em torno de “conceitos-chave”.

Os objetivos foram plenamente alcançados, na medida em que promoveu, por meio de planejamento e implementação de projetos relacionados com a arte e a cultura, a formação de professores, com base na arte-educação, adotando a construção colaborativa de uma metodologia interdisciplinar de trabalho no contexto escolar de cada um dos professores participante.

O objetivo é oferecer condições e uma metodologia onde o aluno possa desenvolver seu conhecimento de maneira autônoma numa matriz humanizante. Creio que pudemos conhecer uma metodologia fundamentada em teóricos nacionais e internacionais onde as realidades educacionais das regiões e das distintas disciplinas encontraram apoio

Aprendizado, conhecimento autônomo nos estudos e aprendi a não ter medo do computador.

Aprendi ao longo do caminho buscar o ciclo Ação-Reflexão-Depuração-Ação, em todos os trabalhos que realizei, não só no Arteduca, mas durante meus trabalhos como professora de Educação Musical, tentando ser autônoma e colaborativa constantemente todos os dias que realizava pesquisas e leituras.

Sim, por que aprendemos a trabalhar a autonomia e a colaboração na construção da aprendizagem.

Sim, pois por meio da autonomia e da colaboração, houve a assimilação dos conceitos discutidos, reflexão sobre os mesmos e até a construção de novos.

No meu ponto de vista todos os objetivos foram alcançados: auto-aprendizagem/colaboração/estudo.

Os objetivos centrais do curso foram atingidos sim, pois possibilitaram-nos, a partir da aprendizagem a distância, disciplina e autonomia para a aprendizagem, pesquisa e conhecimento.

Sim, pois houve o trabalho colaborativo a distância, houve a aprendizagem autônoma, houve a interação com novas tecnologias.

Podemos notar que foram alcançados pela apresentação dos PI, onde vimos que houve integração de propostas de PI em regiões diferentes, havendo um intercâmbio de informação entre professores e alunos.

É interessante intermediar as disciplinas por meio da arte, dar vida à prática pedagógica.

Sim, dentro da proposta da matriz humanizante, alcançamos os objetivos propostos.

O curso promoveu a integração dos trabalhos desenvolvidos pelos grupos em diversas escolas, aprofundando o estudo da arte-educação.

Esta especialização tornou-se um ganho significativo em minha vida. E o que observei como objetivo alcançado foi a formação da matriz humanizante.

Acredito que o grau de coerência entre teoria e prática foi o sucesso do curso.

Acredito que o objetivo da matriz humanizante e colaborativa foi alcançado.

Sim, pois nesse curso houve a interação de alunos de diferentes áreas de atuação, bem como de variadas regiões do Brasil.

Podemos depreender de tais depoimentos pelo menos três considerações acerca da construção de conhecimentos no processo ensino/aprendizagem: (a) a relevância de se criar um ambiente de aprendizagem acolhedor, receptivo, integrador e colaborativo entre os pares (alunos-alunos e alunos-professores); (b) o papel fundamental da mediação na aprendizagem *online*, não apenas na sua dimensão cognitiva, mas igualmente, na afetiva, pois nas entrelinhas, pudemos ler que as relações afetivas desenvolvidas ao longo do curso mostraram-se forte componente motivador para a construção do aprendizado do aluno e; (c) a importância de um estudo contextualizado, respeitando a diversidade e que una teoria e prática para a realização bem sucedida dos trabalhos colaborativos.

Em relação aos três cursistas que afirmaram a não consecução dos objetivos, encontramos as seguintes justificativas:

Esperava estudar mais sobre arte - educação, textos específicos sobre este tema.

Coloco não, por que penso que hoje eu percebo mais os objetivos do que quando me matriculei. Mas ainda tenho dúvidas do meu papel nesta caminhada e penso que pode ser por eu não conhecer a fundo os objetivos.

Acredito que faltou um maior empenho da minha parte.

É interessante observar que nos dois últimos depoimentos, os alunos expressaram que os objetivos não foram alcançados em função de seus próprios limites e não por uma “falha” no desenvolvimento do curso, caracterizando, dessa forma, seus relatos como auto-avaliação e não como uma opinião em relação à questão solicitada.

Já aqueles que julgaram que os objetivos foram alcançados em parte, nos disseram o seguinte:

A questão das novas tecnologias.

Em sua maior parte.

Não totalmente, pois isso é difícil, mas incentivou os professores para o uso das tecnologias.

Em parte com relação a auto - aprendizagem, autonomia, sim, mas, com relação a trabalhos colaborativos preciso participar mais.

Os três primeiros depoimentos não explicitaram, de forma clara, as razões pelas quais consideraram que os objetivos não foram alcançados. No último depoimento, o aluno apresentou uma auto-avaliação sobre seu processo de construção de autonomia na aprendizagem e adoção de uma atitude colaborativa perante o grupo, o que não configura uma avaliação dos objetivos, conforme o solicitado.

Para complementarmos a questão dos objetivos, pedimos aos alunos que nos dissessem se eles tinham correspondido às suas expectativas. Do total de participantes do questionário, 104 alunos (94%) responderam que sim; 3 alunos (3%) disseram que não; 2 alunos (2%) consideraram em parte; e apenas um aluno (1%) não respondeu.

Dos 104 respondentes, 82 comentaram suas respostas; nelas verificamos que o atendimento às expectativas se relacionava aos seguintes aspectos:

- fomentou a construção de novos conhecimentos por meio de aprendizagem significativa;
- uniu teoria e prática, de modo que a fundamentação teórica desenvolvida ao longo do curso proporcionou a reflexão e o aprimoramento da prática profissional;
- permitiu o aprendizado e/ou atualização dos conhecimentos sobre arte, tecnologia e interdisciplinaridade;
- contribuiu para a superação do preconceito que tinham em relação a educação à distância;
- promoveu a interação e o intercâmbio de conhecimento entre os seus participantes;
- apresentou e possibilitou ao aluno trabalhar e interagir num ambiente virtual de aprendizagem.

Por serem dados derivados dos depoimentos dos alunos e estarem presentes em variadas combinações, não foi possível totalizá-los nem em termos absolutos (82 respondentes), nem percentualmente (100%). Mesmo assim, pensamos que era importante tabulá-los para expressar a sua representatividade em relação ao atendimento do curso às expectativas dos alunos (Tabela 9).

Tabela 9 - Visão do aluno sobre o atendimento às suas expectativas

Aspectos comentados	Quantidade de citações	%
Fomentou a construção de novos conhecimentos	27	32,9
Uniu teoria e prática, refletindo no aprimoramento profissional	19	23,2
Aprendizado/atualização em arte, tecnologia e interdisciplinaridade	19	23,2
Superação do preconceito sobre EAD	9	11,0
Interação entre os participantes	7	8,5
Aprendizado de como trabalhar em AVA	6	7,3

Ressaltamos, ainda, que um número significativo de alunos (cerca de 20%), considerou que o curso superou suas expectativas.

Extraímos alguns depoimentos que ilustram a análise realizada.

Além de me permitir a reflexão sobre a minha prática pedagógica, pude enxergar com maior clareza a proposta de um trabalho interdisciplinar.

Trabalhar a arte como eixo norteador tem proporcionado aprendizagens significativas, distanciando-se de um ensino estático e sem sentido.

Pude aprender novos conteúdos e como posso aplicá-los em minha prática pedagógica

Aprendi a interagir, a respeitar opiniões diversas e também descobri como é fantástico o mundo virtual.

Inclusive foi além, pelas exigências e comprometimento com a aprendizagem.

Tinha uma predisposição contra cursos a distância quanto ao ensino, material e envolvimento do educador nas ações do educando. Isto foi plenamente sanado após Bauhaus³⁸.

Superou minhas expectativas. Achei muito mais rico e produtivo que muitos presenciais.

Desenvolveu o gosto pela aprendizagem a distância e fora além do que almejava.

Me apresentou ferramentas e embasamento teórico para o aprofundamento dos meus estudos e para minha prática pedagógica.

Percebi que o curso a distância facilita a aprendizagem por ser flexível, colaborativo e pela autonomia que o aluno adquire.

³⁸ Modulo de estudo do curso que trata da *Bauhaus*, escola de arte, arquitetura e design alemã, que além de lançar as bases do funcionalismo na arquitetura e de ser considerada berço do *design* de produto, seus mestres desenvolveram uma pedagogia própria, que influenciou – e ainda tem influenciado – a educação em arte em diversos países.

Superou minhas expectativas, pois a interação com os colegas só acrescentou conhecimento.

Superou !!!! Como eu não conhecia nada sobre o curso, entrei para ver como seria. Tinha certo preconceito por ser à distância, mas logo no início mudei meu conceito e passei a dar credibilidade. Foi super válido para mim, pois, me atualizei quanto às leis relacionadas a arte-educação, sobre a linguagem visual, e principalmente sobre software gratuitos para ser utilizado com alunos em sala de aula indicados pelos professores do curso assim como pelos colegas do curso.

Chegou a superar, pois cresci muito. Resgatei minha auto-estima e pude acreditar que é possível mudar.

O curso me surpreendeu. Me deu um novo olhar. Me tornei mais segura. Na época que entrei não tinha expectativas, o curso me mostrou novos caminhos, novas práticas.

Ao conferirmos os nomes dos três cursistas que situaram o não atendimento do curso às suas expectativas, verificamos, sem surpresa, que eram os mesmos que haviam dito que os objetivos do curso não foram alcançados. Estes justificaram suas posições com os seguintes argumentos:

Pensei que estudaríamos mais Arte-Educação e menos tecnologia.

Na verdade acho que aprendi muito e cresci muito com a experiência a distância, mas meu objetivo de poder trazer minha crença na psicologia como proposta associada a Arte-educação não foi abordada e nem pareceu ter espaço e abertura. E acredito que talvez isto nem fosse objetivo ou possível. Mas percebi que seria frutífero discutir os desdobramentos (e um deles, muito importante, é o psicológico) dos trabalhos feitos com os alunos.

A heterogeneidade dos alunos dificultou o desenvolvimento de várias atividades e impediu o aprofundamento de certos conteúdos.

Podemos observar que cada um desses alunos apresentou razões bem distintas para justificar a sua visão. O primeiro alegou a mesma razão que havia apresentado em relação ao curso não ter alcançado seus objetivos: pouca ênfase na vertente da Arte-educação. O segundo apresentou uma justificativa na qual percebemos que suas expectativas em relação ao curso não aparecem na proposta do Arteduca. Não há, no programa do curso, um módulo específico que se proponha a trabalhar psicologia e Arte-educação. E o terceiro registrou uma justificativa que vai na “contramão” de uma das bases do curso que é, justamente, sua metodologia colaborativa, na qual a interação entre os cursistas é fundamental para o sucesso do aprendizado. E, como se trata de um curso *online* em nível nacional, aberto a educadores em geral, reunindo alunos de diferentes regiões e formações acadêmicas, a heterogeneidade e diversidade constituem elementos esperados e bem-vindos.

Os dois alunos que disseram que viram o atendimento parcial, deram as seguintes explicações:

Mais ou menos.

Como mencionei acima, apesar de perceber que as minhas expectativas com relação aos objetivos do curso foram alcançadas, ou até mesmo superadas, existem outros pontos de expectativa que não foram satisfeitos, e causaram decepção e desconforto em relação ao próprio curso, gerando até, por vezes, falta de motivação para continuar. Como gostaria de discorrer sobre isso de forma mais detalhada, ao final deste questionário, farei as colocações de um por um destes pontos. Por isso respondi que sim e não.

O primeiro aluno não apresentou qualquer argumento que justificasse sua opinião. O segundo, fez algumas considerações ao longo do questionário que nos levaram a concluir que sua insatisfação tinha relação com algum problema ocorrido com os tutores, pois registrou: *a omissão de alguns tutores, em alguns casos, acabou contribuindo ainda mais para uma maior autonomia do aluno, mas gerou problemas pessoais desnecessários, que poderiam ser evitados, se as coisas tivessem sido feitas de forma mais equilibrada.*

Depreendemos dessa análise que o curso foi positivo para a grande maioria dos alunos, pois as expectativas foram atendidas na medida em que correspondiam ao desenvolvimento da proposta.

Seguimos a investigação procurando aprofundar as percepções dos alunos acerca da metodologia adotada pelo curso, com especial ênfase na questão da construção da autonomia na aprendizagem, considerando, então, as respostas oferecidas nas perguntas abertas. Iniciamos indagando aos alunos se o curso havia seguido a metodologia proposta, isto é, baseada na auto-aprendizagem, em trabalhos colaborativos e na articulação teoria e prática. Todos os respondentes do questionário (100%) se pronunciaram afirmativamente

Na segunda pergunta, ao indagarmos se haviam aprovado tal metodologia, 109 alunos (99%) responderam que sim; apenas um respondeu que havia aprovado em parte, registrando: *muitos trabalhos colaborativos precisavam que eu pesquisasse previamente para poder participar dos debates. Acho que antes do trabalho colaborativo, eu precisava de uma preparação para o tema.* Esta fala nos pareceu contraditória, pois ao afirmar que não aprovava a metodologia do curso, explicitou, de forma clara, que o curso concretizava sua proposta metodológica.

Continuando a análise dessas duas perguntas iniciais, buscamos formar em grupos de respostas semelhantes as razões dos alunos para justificar a aprovação do curso. O alto índice de aprovação (99%) nos indica que o curso, de fato, concretizou a metodologia proposta.

É importante ressaltar que a grande maioria dos 82 alunos que comentou suas respostas, não alegou somente um motivo para justificar seus comentários nas duas questões. Assim, apesar de estarem aqui apresentados separadamente, atendendo ao intuito de síntese das percepções encontradas, tais motivos, muitas vezes, apareceram juntos, combinados nas diversas falas dos estudantes.

A seguir, listamos os motivos mais recorrentes sobre a aprovação do curso, encontrados nas falas dos alunos:

- incentivou a construção da autonomia por meio da auto-aprendizagem;
- fomentou o intercâmbio de informações/conhecimento entre os participantes por meio das atividades colaborativas realizadas nos fóruns de trabalho;
- incrementou a aprendizagem por meio da organização e planejamento do curso e das atividades propostas nos módulos de estudo;
- uniu teoria e prática, promovendo a práxis pedagógica, valorizando o saber e a prática do aluno;
- proporcionou a leitura de estudos teóricos, incentivando a pesquisa e o debate sobre os temas abordados, promovendo aprendizagem significativa;
- estimulou a interação entre os participantes, respeitando suas diversidades;
- contribuiu para a reflexão sobre a prática pedagógica;
- exigiu empenho, disciplina e organização do aluno.

Na Tabela 10 encontra-se a quantificação dos resultados desta análise, que seguiu o mesmo critério utilizado para as Tabelas 8 e 9.

Tabela 10 – Visão do aluno sobre a metodologia do curso

Aspectos comentados	Quantidade de citações	%
Incentivou a construção da autonomia	33	40,2
Fomentou intercâmbio de informação/conhecimento entre os participantes	22	26,9
Aprendizagem por meio da organização, planejamento e atividades desenvolvidas	21	25,6
Uniu teoria e prática	17	20,7
Aprendizagem por meio de estudos teóricos, pesquisas e debates	13	15,8
Estimulou a interação e o respeito às diversidades dos participantes	13	15,8
Contribuiu para reflexão sobre a prática	10	12,2
Exigiu empenho, disciplina e organização	10	12,2

Na segunda questão aberta, referente à metodologia do curso, pudemos inferir que os alunos apresentaram mais três grupos de respostas semelhantes para justificar sua aprovação, além daquelas já expostas acima. Os motivos alegados foram os seguintes:

- mostrou-se adequada à educação a distância (9 alunos - 11%) ;
- implementou a matriz humanizante (6 alunos - 7,3%);
- facilitou/favoreceu o aprendizado (2 alunos - 2,4%).

Os comentários dos alunos que se seguem permitem uma leitura mais abrangente sobre a metodologia do Arteduca.

Aprovei a metodologia porque me dava a sensação de que o meu aprendizado anterior era valorizado e que tudo o que já havia vivenciado na prática educativa e na minha vida pessoal me serviram como uma preparação para este curso e para um salto de qualidade nas minhas atividades presentes e futuras na arte-educação.

É excelente essa troca experiencial como metodologia e a idéia de sempre adicionarmos e trocarmos informações uns com os outros. É muito humano e rico. O benefício maior fica além da aprendizagem, na amizade que fazemos.

Quero comentar como fiquei encantada com a eficácia e como era clara a construção da autonomia, a auto-aprendizagem e nos trabalhos colaborativos, a articulação de estudos teóricos com a prática profissional, que logo adotei esta metodologia em minha prática com meus alunos.

Aprovei a metodologia exatamente por propor dois valores fundamentais para a construção da nova sociedade: autonomia e colaboração.

Acredito, inclusive, que a educação a distância exige muito mais do estudante do que o presencial. Precisamos ser mais disciplinados e exigentes com nós mesmos. A organização e a matriz humanizante é um grande peso de responsabilidade que nos move a pensarmos sempre no outro, que, de certa forma, depende de ti para desenvolver os trabalhos e vice-versa.

Foi bastante enriquecedor unir teoria e prática. Sinto falta dessa junção em outros cursos.

Porque esta metodologia proporciona o desenvolvimento de algumas habilidades no aluno imprescindíveis no aprendizado (realmente) significativo: envolvimento, engajamento, vontade, entusiasmo.

Proporcionou exercitar a autonomia e diminuir as fronteiras entre teoria e prática.

Todo planejamento foi executado com excelência, com prazos, ações, comprovando que a metodologia é um diferencial ao ser bem aplicada.

Trouxe novos conhecimentos de forma objetiva, clara com uma comunicação bem interativa.

Porque mesmo utilizando um ambiente virtual, houve integração entre os estudos teóricos e a realidade educativa dos participantes do curso.

Aprendi a trabalhar colaborativamente.

Nos ajuda a construir novos objetivos e olhares diferentes em relação ao ensino a distância.

É uma metodologia que nos faz pensar e repensar.

Aprendi muito com a equipe, construímos, desconstruímos. Sem dúvida, as interações nos permitiram um resultado valioso.

Sem autonomia é praticamente impossível a realização do curso, sendo este, a distância.

Acredito ser necessária (a metodologia) nessa modalidade de curso a distância.

As etapas integravam as estratégias de estudos teóricos de forma a propiciar ao aluno sua auto-aprendizagem, que se fixaram com os trabalhos colaborativos.

O curso seguiu essa metodologia nos fóruns onde aconteciam as atividades colaborativas e individuais.

Os textos fornecidos puderam ser debatidos, depois sanadas as dúvidas, de modo que o aluno pudesse obter uma aprendizagem significativa.

Respeita tempos, ritmos e referenciais teóricos existentes. Atende às necessidades individuais.

Aqui o tempo é criado por nós, com responsabilidade e compromisso.

Favoreceu a minha autonomia, contribuiu na elevação da minha auto-estima. E, aprendi a me relacionar com pessoas detentoras de experiências diferentes.

Apesar do elevado índice de aprovação da metodologia do curso, foi importante verificar a existência de depoimentos nos quais eram apontadas dificuldades e/ou inseguranças dos alunos em relação à mesma.

Aprovei totalmente, às vezes temos alguns problemas, uns embates que fazem parte do contexto devido às singularidades de cada um nos trabalhos de equipe, mas isto serve também para desenvolvermos habilidades de relações interpessoais, valores como respeito, tolerância, solidariedade.

Passei o tempo todo pesquisando, lendo, relendo, tentando entender tudo e fazendo trabalhos em grupo, passava horas no MSN com meus grupos para tentar montar um texto final. Até isso foi muito bom, pois você dizer algo ao vivo é uma coisa, escrever é outra.

Pensei ser difícil trabalhar nesta metodologia, mas enganei-me. Foi um sucesso!

No início é difícil acompanhar a metodologia por falta de costume, mas quando entendemos o processo, entramos no ritmo.

Até o aluno conscientizar-se que precisa iniciar o curso sem a presença física de um professor, leva um tempo razoável.

A proposta da metodologia é tentadora, mesmo não sabendo no primeiro momento o verdadeiro significado, tudo foi se ajustando no decorrer do curso.

Aprovei a metodologia mesmo achando que em alguns momentos não conseguiria.

É um desafio muito grande e exige muita disciplina por parte dos educandos.

O curso seguiu a metodologia. Difícil foi acreditar que manteríamos o formato até o fim.

As perguntas³⁹ subsequentes do questionário visavam elucidar questões relacionadas especificamente ao objetivo do presente estudo. Assim, a terceira pergunta indagava se haviam situações onde os alunos podiam aprender com autonomia. Do total de 110 respondentes, 108 alunos (98%) responderam afirmativamente; um aluno considerou que não; e o outro registrou em parte.

Esses dois alunos justificaram suas respostas com os seguintes depoimentos;

Marquei os dois (sim e não) pelo seguinte: muitas vezes eu particularmente tive de recorrer a outros colegas ou meus familiares, mas acredito que isso ocorre com toda novidade em sua vida. Por outro lado, tinham atividades em que a autonomia fluía naturalmente.

Não, por que muitas vezes se fez necessária a presença de um mediador para que se apoiasse a busca da autonomia.

Em ambos os depoimentos, os alunos consideraram a construção da autonomia como um processo solitário e que a necessidade da colaboração do outro (professor, colega ou familiares) implicava na sua negação.

Solicitamos, ainda, que comentassem suas respostas e fomos atendidas por 92 alunos (85,1%) do total dos 108 respondentes. Ao analisarmos os depoimentos verificamos que consideraram a concretização da aprendizagem autônoma por meio das seguintes situações:

- nas pesquisas realizadas em livros, artigos, revistas, jornais e *sites* da internet as quais recorriam para: (a) tirar dúvidas e/ou complementar o conteúdo apresentado no módulo de estudos; (b) elaborar as atividades solicitadas; e (c) ampliar seu conhecimento sobre o assunto;
- na necessidade de adotarem atitude disciplinada, responsável e organizada para a realização das atividades individuais e colaborativas solicitadas em cada módulo, dentro dos prazos estabelecidos;
- na elaboração das atividades coletivas nas quais, por meio dos debates realizados nos fóruns coletivos de trabalho, compartilhavam e construíam conhecimentos.
- na elaboração das atividades individuais;

³⁹ É necessário esclarecer que quantificamos os resultados das análises realizadas sobre tais questões e os apresentaremos ao longo desta seção, expressos nas Tabelas 11, 12, 13, 14, 15 e 16, seguindo o mesmo critério de elaboração adotado para as Tabelas 8, 9 e 10.

- na elaboração de atividades práticas que exigiam o uso de *softwares* e/ou ferramentas digitais;
- em todas as situações vivenciadas ao longo da realização do curso, em função de sua própria metodologia que propõe o desenvolvimento da autonomia do aprendiz;
- na leitura e estudo dos textos teóricos disponibilizados a cada módulo;
- nas interações ocorridas nos fóruns (de trabalho e de convivência) baseadas no conceito da matriz humanizante;
- na mediação do processo de aprendizagem realizada pelos tutores;
- no próprio modo de acessar o curso *online*;
- no processo de aprendizagem derivado das reflexões e das auto-avaliações realizadas a cada módulo;
- na elaboração do projeto interdisciplinar (PI);
- na adoção para a vida pessoal e profissional dos conhecimentos construídos ao longo do curso.

Para melhor entendimento da análise realizada, apresentamos a seguir, na Tabela 11, a quantificação desses resultados.

Tabela 11 – Situações de ensino em que se aprende com autonomia na visão dos alunos

Situações de aprendizagem autônoma	Quantidade de citações	%
Pesquisas realizadas para elaboração das atividades e ampliação de conhecimentos	26	28,3
Adoção de atitude disciplinada, responsável e organizada.	23	25,0
Elaboração das atividades colaborativas	19	20,7
Elaboração das atividades individuais	17	18,5
Elaboração das atividades práticas	15	16,3
Em todas as situações	13	14,1
Leitura e estudos dos textos dos módulos	10	10,9
Interações nos fóruns (de trabalho e de convivência)	6	6,5
Mediação dos tutores	5	5,4
Modo de acesso ao curso <i>online</i>	4	4,3
Reflexões e auto-avaliações constantes	4	4,3

Elaboração do PI	3	3,3
Reflexo da teoria na vida cotidiana	3	3,3

Alguns depoimentos extraídos dos relatos dos alunos são aqui expressos, contribuindo para uma leitura mais abrangente do olhar do aluno sobre tais situações de ensino:

Os textos, bibliografia complementar, links e debates possibilitam que seja desenvolvida a autonomia na construção do conhecimento.

Os aspectos que mais me chamaram a atenção: as discussões nos fóruns e os prazos para a realização das tarefas (respeito ao calendário).

O curso exige disciplina, organização e independência.

A disciplina já é uma autonomia e nos acompanha durante todo o processo. Precisamos procurar outros materiais, fora os que o Arteduca já proporciona para nos atualizar, entender e aprender sobre temas propostos nos vários módulos, pois, certamente muitas foram as novidades para mim!

A preocupação de não deixar tudo por conta de uma só pessoa faz uma diferença danada, pois todo assunto tem que ser tratado por igual e quando um não sabe do que se trata é preciso estar antenado e seguro para ajudar e contribuir com alguma coisa.

Porque os tutores nos guiam e não nos adestram.

Na realização dos trabalhos individuais e nas datas estipuladas para postar os trabalhos.

Ao realizar as etapas individuais e depois coletivas e socializar as aprendizagens nos fóruns.

No módulo quando estávamos com o desafio de construir uma obra artística para construção de nossa primeira mostra de trabalhos, na Galeria do Arteduca.

A construção do PI nos deu, realmente, muita autonomia.

É uma autonomia viabilizada por materiais escritos e reflexões de outros.

Primeiro pela disciplina que adquiri, pela rotina de estudos e, principalmente pela necessidade contínua de aplicação dos conceitos apreendidos.

À busca por maiores informações sobre assuntos tratados; aplicação na vida pessoal e prática educativa.

Como sou da área de música e não tinha familiaridade em usar o computador, senti que através dos estímulos em buscar as pesquisas que fomos motivados a realizar na Internet, livros, revistas, jornais e materiais que comentassem o uso da tecnologia na arte, aprendi a ser autônoma no uso do computador, e isso é um dos maiores ganhos na minha jornada deste Curso, pois meus alunos nascem com a tecnologia e como professora, sentia e sinto que preciso sempre estar próxima desta realidade como recurso para transmitir e deixar minhas aulas fascinantes e motivadoras, não só para os alunos, mas para minha realização pessoal como apaixonada pela educação musical.

Uma situação muito particular: quando me deparei com o módulo 6 – Imagem Interativa com a prof^a Suzete Venturelli, eu fiquei chocada, não tinha repertório, não

tinha vivências pr'a contar, etc,,, daí mergulhei de cabeça e comecei a pesquisar o que podia me alicerçar para dar conta do módulo. Busquei o histórico dos jogos eletrônicos, dos vídeos games, entrevistei pessoas que jogavam muito, fui visitar casas que ofereciam jogos eletrônicos e me lancei nesta aventura, enfim foi uma riqueza de aprendizado aquele momento.

Em todo o tempo, cada reflexão, cada atividade, até mesmo a sua rotina de aprendizagem e estudo, tem de ser feita por você mesmo.

Buscando uma compreensão ainda mais abrangente do processo de construção de autonomia, prosseguimos nossa pesquisa indagando aos alunos como os tutores contribuíram para que aprendessem com autonomia. Era nossa intenção identificar a percepção deles sobre o papel do mediador neste processo. Do total de respondentes, 109 alunos (99%) comentaram suas respostas e um aluno (1%) não respondeu à questão. Ao analisarmos os comentários, verificamos que apenas um aluno (1%) considerou que os tutores não contribuíram para que aprendesse com autonomia, *pois quando precisava, nunca os encontrava, aprendi mais com os colegas de equipe.*

Com base nos depoimentos dos alunos verificamos que, na visão destes, a contribuição dos tutores para a construção da autonomia se relacionava às seguintes ações:

- orientação e acompanhamento das atividades solicitadas sem imposição de diretrizes, permitindo que o aluno construísse o próprio caminho para sua elaboração;
- orientação, estímulo e incentivo na realização das atividades solicitadas;
- orientação/mediação, sanando dúvidas e questionamentos;
- adoção e prática da matriz humanizante;
- intervenção somente nos momentos necessários;
- estímulo à pesquisa e à reflexão;
- disponibilidade e presença nos fóruns;
- orientação e cobrança na realização das atividades solicitadas;
- disponibilizando/publicando as atividades a serem realizadas, bem como os textos de estudo;
- sugerindo bibliografia complementar, *sites* e *softwares* para a realização das atividades solicitadas;
- intervindo e direcionando os caminhos para a realização das atividades solicitadas;
- interferindo pouco ao longo do curso.

Na Tabela 12, apresentamos a quantificação da análise dos resultados em relação à visão do aluno sobre o papel do mediador na construção da autonomia na aprendizagem.

Tabela 12 – Visão do aluno sobre a contribuição do tutor na construção da autonomia.

Ações dos tutores	Quantidade de citações	%
Orientar/acompanhar, permitindo que o aluno construa seu caminho	37	33,9
Orientar, estimular e incentivar	29	26,6
Orientar/mediar, sanando dúvidas e questionamentos	20	18,3
Adotar e praticar o conceito de Matriz Humanizante	15	13,8
Intervir somente quando necessário	13	11,9
Estar disponível e presente nos fóruns	9	8,3
Orientar e cobrar atividades	8	7,3
Disponibilizar/publicar atividades e textos	8	7,3
Sugerir bibliografia complementar, <i>sites</i> e <i>softwares</i>	8	7,3
Intervir e direcionar	2	1,8
Pouco intervir	2	1,8

Pensamos ser interessante transcrever os quatro depoimentos que expressam os dados encontrados nos dois últimos itens da Tabela 12. Acreditamos que neles apareceram, tanto implícita como explicitamente, razões contraditórias para justificar as mesmas ações da tutoria. Enquanto nos dois primeiros depoimentos encontramos indícios que pareciam aduzir para um excesso de intervenção dos tutores na mediação do processo de aprendizagem, nos dois últimos, diferentemente, os alunos destacam a falta dessa mediação:

Pelos direcionamentos, intervenções e sugestões.

Indicando caminhos, interferindo no processo, sendo direcionadores.

Os meus tutores não interferiram muito nas minhas considerações. Então presumi estar andando em linha correta.

Acho que nesta função os tutores não influenciaram tanto, porque isso depende mais de uma tomada de consciência do aluno. Ou ele compreende isso e adota essa postura desde o início, ou ele não conseguirá concluir o curso. Houveram momentos em que os tutores foram um pouco omissos e até deixaram de interferir em situações onde uma posição clara da parte deles seria necessária, talvez até por estarem tentando fomentar nos alunos essa capacidade de serem autônomos, mas acho que faltou um pouco de equilíbrio neste sentido. Proporcionar autonomia para o aluno e orientar quando se fizer necessário são coisas igualmente fundamentais e importantes, e não são opostas entre si. A omissão de alguns tutores, em alguns casos, acabou contribuindo ainda mais para uma maior autonomia do aluno, mas gerou problemas pessoais desnecessários, que poderiam ser evitados, se as coisas tivessem sido feitas de forma mais equilibrada.

Cabe ressaltar que este último depoimento é do mesmo aluno que considerou que o curso havia atendido suas expectativas apenas parcialmente e que nos levou a concluir que sua insatisfação estava relacionada a algum problema com a tutoria.

Encontramos, ainda, dois comentários (1,8%) nos quais, apesar dos alunos considerarem que os tutores contribuíram para a construção da autonomia, verificamos críticas pouco positivas em relação a esta mediação:

Não davam muito palpite, normalmente apareciam para incentivar e dizer que o processo estava acontecendo de acordo com as expectativas, porém davam os “pitécos” quando achavam necessários.

Orientando, estimulando e se ausentando do fórum por dias consecutivos.

Com base nesses resultados, podemos concluir que a mediação foi bastante satisfatória, visto o reduzido número de críticas negativas sobre a atuação e contribuição dos tutores para o processo de construção da autonomia da aprendizagem do aluno.

Apresentamos os seguintes depoimentos que expressam a visão do aluno sobre o assunto:

Acima de tudo porque praticaram e conscientizaram os alunos a praticarem a matriz humanizante.

Mantendo uma distância e uma proximidade eficientes. Sabíamos que estavam lá, mas eles esperavam para ver até onde íamos.

Incentivando a participação e cobrando resultados.

Eles sempre estiveram presentes, auxiliando, orientando, mas nunca fizeram por mim, investindo no meu crescimento.

Nos mostrando possibilidades diversas para nossas reflexões e disponibilizando ferramentas digitais, assim como os textos/módulos norteadores do curso.

Apenas com as orientações, não havia qualquer pressão para estudarmos. Bom, não somos crianças de colégio.

Por meio de motivação/estímulo, cobrança e ajuda nas dúvidas.

Estimulando a pesquisa, a reflexão e incentivando-nos a buscar e construir o conhecimento.

Acompanhando a participação e realização das atividades de cada módulo, oferecendo pistas, mas que sempre me levaram a decidir que caminho tomar.

Nos enviando mensagens de incentivo e nos fazendo acreditar que éramos capazes de fazer essa aprendizagem acontecer.

As tutoras foram maravilhosas, guias, companheiras, sempre compreensivas e até apaziguadoras.

A cada cobrança a cada incentivo, a cada palavra de carinho eu avançava no processo de aprendizagem e tinha certeza que eu ia conseguir.

Sempre estiveram presente fazendo as intervenções devidas, chamando no eixo, indicando referências, desequilibrando os conceitos já formados, estimulando novas descobertas.

Quando me deixaram ir produzindo sozinha e só interferiram quando solicitei ou quando estava totalmente errada. Isso dá segurança.

Após conhecermos a percepção do aluno sobre o papel da mediação no processo de construção da autonomia na aprendizagem *online*, pensamos ser relevante saber se consideravam que o curso havia contribuído para que se constituíssem aprendizes autônomos. A essa questão, 108 alunos (98%) responderam sim, um aluno não respondeu e outro registrou em parte, pois segundo ele, “já possuía esse perfil”. É interessante destacar que outros alunos realizaram comentários semelhantes a este, nos quais relataram que o curso acentuou uma atitude autônoma pré-existente. A diferença se deu por afirmarem que o curso havia contribuído para que se constituíssem aprendizes autônomos.

Do total de respondentes, 69 alunos (62,7%) fizeram comentários sobre esta questão e ao analisarmos seus depoimentos, pudemos inferir que consideraram o curso relevante para a aprendizagem autônoma nos seguintes aspectos:

- deflagrou e fomentou o processo de construção da autonomia, tornando o aluno agente de sua própria aprendizagem;
- incrementou a atitude autônoma já existente no aluno;
- pela metodologia adotada pelo curso;
- promoveu a adoção de uma atitude disciplinada e organizada para os estudos;
- incentivou a pesquisa e a leitura, ampliando o conhecimento pessoal e profissional;
- por ser um curso *online*;
- pela necessidade de usar o computador e navegar na Internet;
- promoveu a reflexão por meio das interações e atividades solicitadas;
- valorizou os conhecimentos prévios dos alunos.

Para sintetizar a visão dos alunos a respeito desta questão, apresentamos a Tabela 13.

Tabela 13 – Visão dos alunos sobre a contribuição do curso para a aprendizagem autônoma.

Aspectos mencionados	Quantidade de citações	%
Tornou o aluno agente de sua aprendizagem	17	24,6
Incrementou atitude autônoma pré-existente	10	14,5
Metodologia do curso	9	13,1
Adoção de atitude disciplinada e organizada	9	13,1
Incentivo à pesquisa e a leitura	9	13,1
Por ser um curso <i>online</i>	4	5,8
Uso do computador e Internet	3	4,3
Promoveu reflexões	2	2,9
Valorizou conhecimentos prévios	2	2,9

Alguns comentários dos alunos nesta pergunta são aqui transcritos:

Sim, principalmente por ter me ajudado no crescimento pessoal e profissional fazendo com que eu descobrisse minhas limitações e pudesse trabalhá-las.

Mais que contribuiu, tornou-me um aprendiz autônomo.

Sim, porque o curso nos provoca a buscar uma disciplina e uma mudança de atitudes.

O curso fez que eu confiasse mais nas minhas descobertas, contribuindo para que me torne uma aprendiz autônoma.

Sem dúvida, incentivou a leitura (ou nova leitura) de textos e a constante elaboração de um pensamento reflexivo.

Sim! Sim! Sim! Pela modalidade, pelas tarefas como as da Sala Práxis⁴⁰ que nos fez direcionar nossos estudos de acordo com a nossa trajetória, valorizando nossa HISTÓRIA DE VIDA, o que contribuiu sobremaneira para a autonomia.

Sim, já modificou um arraigado processo de aprendizagem dependente.

Muitíssimo! Não tinha hábito de estudos contínuos (rotina) e aguicei meu espírito reflexivo.

Sim! Hoje estou muitoooo diferente de quando acessava com medo, achando que não conseguiria. Não sabia usar o computador e seus recursos e hoje vejo trabalhos dos meus alunos na internet interagindo com alunos de outros estados. Isso é uma vitória!!!

Sim, hoje eu estou disciplinada a estudar sozinha, sabendo que sou agente de minha aprendizagem.

⁴⁰ A Sala Práxis era uma sala de aula específica no AVA onde os alunos eram convidados, por meio de atividades elaboradas com este objetivo, a refletir sobre a importância do conhecimento das diversas abordagens teóricas para a fundamentação de sua prática pedagógica.

Em seguida, indagamos aos alunos se a construção da aprendizagem *online* havia se refletido em sua prática cotidiana. A essa pergunta, 103 alunos (93%) responderam que sim, 4 alunos não responderam e 3 deles (3%) registraram em parte. Solicitamos, ainda, que comentassem suas respostas e fomos atendidos por 94 alunos (85,5%).

Os depoimentos dos três alunos que consideraram que tal construção se refletiu apenas em parte na sua prática cotidiana são registrados a seguir:

No início do curso, me programei para conciliar as duas coisas.

Em minha prática já existia anteriormente parte do tempo destinada ao aprendizado autônomo.

Pois só aplicava alguns conceitos

Nos dois primeiros depoimentos acreditamos que os alunos já se percebiam como aprendizes autônomos, capazes de auto-gerir o processo de aprendizagem. Já o último, não oferece elementos suficientes para uma análise, pois não esclarece os conceitos e as situações em que os aplicava.

Quanto aos depoimentos dos outros alunos, constatamos que a relação entre a construção da autonomia na aprendizagem *online* e sua prática pedagógica se dava pela (o):

- apropriação do uso do computador e da Internet;
- mudança de atitude, pois tornaram-se mais disciplinados, dinâmicos e organizados em relação ao estudo;
- incentivo à pesquisa/leitura/estudo teóricos na busca de resolução de desafios e/ou problemas;
- apropriação e prática da metodologia do Arteduca em sala de aula;
- contribuição no sentido de superar limites e dificuldades nos estudos e/ou trabalho, elevando a auto-estima;
- diminuição do preconceito ou receio em relação à EAD;
- melhoria da qualidade das aulas no contexto escolar.

Essas percepções se expressam na tabela a seguir.

Tabela 14 – Visão dos alunos sobre a relação: construção da autonomia na aprendizagem *online* e prática pedagógica dos alunos.

Aspectos comentados	Quantidade de citações	%
Apropriação do uso dos computadores e da Internet	21	22,3
Mudança de atitude em relação aos estudos	20	21,3
Incentivo à pesquisa, leitura e estudos na resolução de problemas	17	18,1
Apropriação e prática da metodologia do Arteduca	14	14,9
Superação de limites/dificuldades no estudo e/ou trabalho	9	9,6
Afastou preconceito ou receio em relação à EAD	4	4,3
Reflexão sobre a prática	4	4,3
Melhoria na qualidade das aulas ministradas	2	2,1

Para ilustrar a visão dessa relação, extraímos alguns comentários nos quais os alunos esclarecem como a construção da autonomia na aprendizagem *online* se refletiu na sua prática cotidiana:

Tornei-me viciada em ambiente online, a ponto de ter que estudar todos os dias e mostrando aos meus alunos a importância do estudo no cotidiano.

Desmistificou o ensino tradicional e enfatizou a importância do ensino a distância e os seus resultados.

Aprendi que tudo é possível quando se quer, precisamos ter um objetivo e lutar para alcançá-lo.

O buscar, o agir, o refletir, construir e desconstruir, ressignificar, todas essas ações passaram a fazer parte de cada atitude, virou “mania”, por assim dizer, em qualquer situação que me encontrasse em dificuldade, além de aumentar minha tolerância com relação ao tempo de assimilação e aprendizagem do outro.

Hoje a procura por cursos online, mesmo como mestrado, torna-se menos amedrontador do que antes.

Principalmente não esperar de instituições ou do governo, uma formação continuada, mas buscar tal formação por outros caminhos.

Pela mudança de postura, mais disciplina, reflexiva e voltei a acreditar na arte-educação.

Esse tipo de aprendizagem nos faz acreditar mais no nosso potencial e a correr atrás dos nossos objetivos tanto como educador como na nossa vida pessoal

Aprendi a pesquisar mais para montar as minhas aulas e utilizar as tecnologias contemporâneas para a construção do conhecimento.

Encaminhando atividades escolares, em sala ou fora de sala, na perspectiva de o aluno saber qual o seu papel nas relações de ensino e aprendizagem.

Vi que é possível ser autodidata, traçar metas de estudo, pesquisar e refletir sobre nossas ações pedagógicas tanto online quanto presencial.

Melhorei a qualidade de minhas aulas e acredito que melhorará a cada dia.

A reflexão da minha prática, a partir do Arteduca, foi muito significativa, partindo dos pressupostos teóricos estudados, ajudou a olhar e ver melhor o antes visto.

Passei a valorizar mais a autonomia dos meus alunos e a capacidade criativa de se auto expressar.

Nas questões relativas à metodologia do curso, pensamos que era importante indagar aos alunos quais as dificuldades ou limites vivenciados ao longo do curso que interferiram na construção/ampliação de sua autonomia na aprendizagem. A pergunta foi respondida e comentada por 105 alunos (95,5%); 5 alunos (4,5%), no entanto, não a responderam. Ao analisarmos os depoimentos depuramos os aspectos mais citados, a saber:

- dificuldade de relacionamento/interação com os colegas para a realização dos trabalhos colaborativos em função, principalmente, da falta de participação, responsabilidade e compromisso de alguns deles;
- dificuldade ou falta de domínio do uso do computador e de seus recursos;
- falta de tempo para se dedicar ao curso;
- não houve qualquer dificuldade ou limitação;
- limitações pessoais tais como problemas de saúde, desemprego, pouco conhecimento prévio sobre arte-educação, falta de auto-disciplina e organização para o estudo;
- necessidade constante de pesquisar e redigir textos para a realização das atividades solicitadas;
- dificuldade em cumprir os prazos estabelecidos para a realização das atividades solicitadas;
- problemas com a tutoria (de relacionamento, pouco acompanhamento, demora em retornar as dúvidas e em publicar as avaliações dos trabalhos realizados);
- dificuldade de acesso ao curso por problemas de conexão (internet discada, pela localização geográfica sujeita à intempéries, falta de equipamento ou defeito técnico no computador);
- dificuldade em navegar e utilizar, com desenvoltura, os recursos do AVA;
- dificuldade na realização de atividades práticas;
- dificuldade de adaptação ao curso *online*.

Os dados acima foram quantificados proporcionando uma visão mais objetiva da representatividade de cada aspecto destacado pelos alunos.

Tabela 15 – Visão dos alunos sobre as dificuldades/limitações na construção da autonomia na aprendizagem.

Aspectos comentados	Quantidade de citações	%
Dificuldade de relacionamento/interação nos trabalhos em grupo	24	22,9
Dificuldade ou falta de domínio do computador	20	19,1
Falta de tempo	15	14,3
Nenhuma dificuldade/limitação	14	13,3
Limitações de ordem pessoal	14	13,3
Necessidade constante de pesquisar e redigir textos	9	8,6
Dificuldade em cumprir os prazos estabelecidos para as atividades	9	8,6
Problemas com a tutoria	8	7,6
Dificuldades de acessar/conectar o curso	7	6,7
Dificuldade em navegar e utilizar os recursos do AVA	7	6,7
Dificuldade na realização de atividades práticas	6	6,7
Dificuldade de adaptação a um curso <i>online</i>	6	6,7

Os comentários a seguir oferecem uma compreensão mais abrangente da análise realizada.

Foram várias fases: primeiro a presença física de um professor, ter que interagir falando palavras amáveis com pessoas que você não via, não conhecia, sentia que as pessoas não entendiam o que eu escrevia na discussão para realização de uma atividade.

Organização autônoma dos horários de estudo, a falta da figura presencial do professor.

Dificuldade em encontrar alguns recursos no ambiente; na falta de domínio de alguns programas utilizados e demora em me inserir no contexto do curso.

A própria parte tecnológica que para mim era limitadíssima, eu não sabia nem clicar o mouse. Foi realmente pelo esforço íntimo e o querer dominar aquela Máquina.

Divergências no grupo e falta de afinidade com o tutor.

Minha vivência em arte era limitada, por isso tive muita dificuldade para entender termos técnicos ou artistas mencionados, assim como alguns teóricos que foram trabalhados ao longo do curso.

O tempo. Por ser uma pessoa que tem muitos afazeres e gosta muito da educação, meu trabalho é muito desgastante, ficar em pé o dia todo e buscar conhecimento não é nada fácil.

A maior dificuldade foi desaprender a estudar no formato presencial e aprender no formato da autonomia. Outro limite foi entender o uso das ferramentas e aprender a lidar com o computador.

Não tive dificuldade, porém tive que pedir auxílio às minhas irmãs professoras para escrever melhor, pois o curso exigia.

A maior dificuldade que enfrentei foi a criação do desenho na Galeria de Arte. Foram muitas tentativas, erros, dias trabalhando e perdendo todo trabalho... não sei como consegui chegar no resultado final, pois não tinha habilidade suficiente para realizar a tarefa.

Os curtos prazos para realizar as atividades, tendo em vista minhas dificuldades de acesso e localização.

Os meus desconhecimentos tecnológicos foram superados com a colaboração dos colegas e tutores. Colaborativamente aprendi a aprender em um ambiente humanizante e virtual.

Acreditamos ser interessante destacar uma situação ambígua observada a partir da análise desta questão. Constatamos que, na percepção dos alunos, o principal objetivo alcançado pelo curso relacionou-se à concretização da metodologia colaborativa e da matriz humanizante (Tabela 8). Como vimos no Capítulo 2, esta metodologia propõe que os participantes adotem atitudes de colaboração, solidariedade, respeito e carinho nas interações realizadas, seja na elaboração dos trabalhos em equipe ou na construção de relações sociais/afetivas. Esta proposta foi entendida e aprovada pelos cursistas, que a citaram exaustivamente como um diferencial bastante positivo do Arteduca.

Entretanto, ao indagarmos sobre as dificuldades vivenciadas por eles na construção de sua autonomia na aprendizagem, a de maior destaque (Tabela 15) foi exatamente aquela referente à interação/relacionamento com os colegas, situando-se a principal queixa apresentada na realização do trabalho colaborativo e coletivo.

Podemos inferir nesta contradição que, ao mesmo tempo em que aprovaram idealmente a proposta filosófica da metodologia colaborativa e matriz humanizante apresentaram dificuldade de praticá-la, por se sentirem numa situação de “dependência” do outro e não em uma relação mútua de cooperação.

Para encerrarmos a nossa pesquisa sobre a autonomia na aprendizagem *online* com os alunos, lançamos mão de uma última pergunta, que acreditamos ter sido fundamental para que pudéssemos responder às indagações que direcionaram nosso estudo: o que os alunos entendiam por autonomia na aprendizagem *online*.

É importante alertar que essa pergunta não constava do questionário aplicado no encontro presencial, pois a coordenação do curso achou por bem que a enviássemos aos estudantes por e-mail. Os motivos alegados para tal procedimento, com os quais concordamos, foram os seguintes: (a) os alunos já estariam cansados, pois o questionário era longo e com várias perguntas abertas e; (b) o tempo disponível para respondê-lo seria dividido entre as várias outras atividades que aconteceram no encontro

presencial, inclusive a própria apresentação do trabalho de conclusão do curso para uma banca examinadora e; (c) a possibilidade de se sentirem constrangidos ou receosos pela responsabilidade de estarem definindo “erradamente” o conceito de autonomia.

Deste modo, enviamos essa única pergunta via e-mail aos cursistas e, como era esperado nesse tipo de coleta de dados, o retorno foi pequeno, mas mesmo assim, suficiente para que pudéssemos investigar a questão, já que do total de 136 alunos, 36 (26,5%) se dispuseram a respondê-la.

Ao analisarmos os depoimentos dos alunos, percebemos que, apesar de termos especificado que se tratava de apresentar seu entendimento sobre autonomia na aprendizagem *online*, apenas 9 alunos (25%) o fizeram. A maioria, 27 alunos, ou seja, 75%, falou de autonomia na aprendizagem de um modo global, sem estar necessariamente ligada àquela ocorrida *online*.

Assim, independentemente de se relacionarem à modalidade *online* ou presencial, buscamos agregar em grupos de respostas semelhantes as definições oferecidas pelos alunos acerca do processo de construção da autonomia na aprendizagem. Verificamos, então, que as mais recorrentes foram as seguintes:

- é um processo no qual o indivíduo é sujeito de sua aprendizagem, sendo capaz de trilhar seu próprio caminho de forma independente, mas não solitária, pois a medição/orientação pedagógica é necessária e importante para que ocorra o aprendizado;
- é um processo no qual é necessário o aluno se sentir motivado a aprender/estudar/pesquisar;
- é escolher o que estudar/pesquisar, buscando construir/ampliar o conhecimento com consciência, maturidade, responsabilidade e compromisso;
- é um processo em que o sujeito se apropria daquilo que escolhe para aprender, sendo realizado por meio do diálogo com o outro e das interações com seu meio sócio-histórico;
- é um processo no qual o aprendiz deve ser organizado, disciplinado e responsável para que possa construir/ampliar o conhecimento;
- é uma das etapas necessárias para a construção/ampliação do conhecimento;
- é um processo no qual o indivíduo é sujeito da aprendizagem, sendo capaz de trilhar seu próprio caminho, de forma independente e voluntária, no qual tem

controle sobre o aprendizado, não sendo necessária a existência de mediação/orientação para que este ocorra;

- é um processo no qual o ser humano se desenvolve como pessoa, tornando-se mais responsável consigo e com os outros à sua volta;
- é um processo que precisa de estímulo externo que pode ser derivado tanto do ambiente de aprendizagem (meio físico) como da mediação/orientação pedagógica realizada por um tutor/professor;
- é um processo no qual o sujeito tem a vontade/desejo de aprender e pesquisar com interesse e prazer;
- é adotar uma atitude curiosa, reflexiva, intencional e consciente na busca do saber.
- é vencer dificuldades se tornando sujeito de sua aprendizagem;
- é uma filosofia de vida ligada à espiritualidade, pois o aprendizado é um instrumento de evolução;
- é um dom.

Vale lembrar que ao realizarmos a síntese das percepções dos alunos acerca desta relevante questão, as definições por eles elaboradas apareceram em diferentes combinações nas suas diversas falas, de modo que, ao quantificarmos esses resultados, não consideramos, mais uma vez, a relação biunívoca entre um sujeito - uma resposta (Tabela 16).

Tabela 16 - Visão dos alunos sobre a construção da autonomia na aprendizagem

Definições	Quantidade de citações	%
É ser sujeito da aprendizagem, num processo em que a medição pedagógica é necessária para que ocorra o aprendizado.	9	25,0
É um processo em que é necessário o aluno se sentir motivado para aprender	8	22,2
É escolher o que estudar com consciência, responsabilidade, maturidade e compromisso.	7	19,4
É a apropriação daquilo que se escolhe aprender, por meio do diálogo com o outro e das interações com o seu meio.	7	19,4
É um processo que exige organização, disciplina e responsabilidade do aprendiz.	6	16,7
É uma etapa do processo de construção do conhecimento	6	16,7
É ser sujeito de sua aprendizagem, sem que seja necessária mediação pedagógica para que ocorra o aprendizado.	5	13,9
É um processo em que o sujeito se torna mais responsável consigo e com os outros à sua volta.	5	13,9
É um processo que precisa de estímulo externo.	5	13,9
É adotar atitude curiosa, reflexiva, intencional e consciente na busca do saber.	4	11,1
É vencer dificuldades.	2	5,6
É uma filosofia de vida ligada à espiritualidade.	1	2,8
É um dom.	1	2,8

A seguir apresentamos algumas definições elaboradas pelos alunos, as quais colaboram para que pudéssemos ter uma compreensão mais abrangente das suas percepções sobre este conceito.

Autonomia de aprendizagem é você conseguir pesquisar através da rede e livros sobre algo que precisa aprender ou realizar sem necessariamente ter a explicação de um professor. É também a facilidade que você encontra para vencer dificuldades, sendo que você é o sujeito de sua aprendizagem

É autônomo de sua própria educação aquele aluno que, consciente de suas necessidades, busca estudar para supri-las. O aluno que consegue desenvolver autonomia em sua aprendizagem cresce como ser humano, torna-se mais confiante e responsável consigo e como consequência a todos em sua volta. A maior dificuldade que um aluno experimenta é a falta de motivação. Sua falta causa pouca consciência, dificulta o aprendizado em sua mais profunda base: estudar o que? e pra quê? Escolher o que se estuda é um ato de mais clara consciência e a partir daí se pode criar uma verdadeira autonomia na sua própria aprendizagem.

Entendo como autonomia na aprendizagem o seguinte: A aprendizagem ocorre quando passamos por várias etapas do desenvolvimento, e adquirimos experiências através da relação com o outro e com o meio, o qual nos permite apropriação do que é ensinado do que se pretende aprender, fazendo uma relação com o nosso cotidiano, assimilando conceitos, que são construídos e aprendidos por meio de assimilação e trocas para serem utilizados por outras vivências. Assim, se forma a autonomia na aprendizagem, e

o aprendiz faz deste aprendizado os seus momentos de reflexão, aquisição e apropriação da aprendizagem.

A aprendizagem online se caracteriza principalmente como uma aprendizagem autônoma, independente e voluntária, pois eu faço algum estudo online quando, onde, e se eu quiser. Estudo online, exige mais do interesse, da organização e do esforço pessoal do estudante, já que é ele mesmo quem decide sobre o seu próprio estudo, não tem professor ou instituição exigindo a frequência e a realização das atividades deste. O sucesso neste tipo de aprendizagem depende mais do interesse do estudante e da persistência dele em permanecer conectado com o ambiente virtual, buscando um aprendizado mais autônomo e independente de ter uma cobrança externa.

Eu penso que autonomia de aprendizagem é quando o professor joga uma semente de curiosidade ao aluno e o orienta por quais caminhos ele pode percorrer para aprender mais sobre esse assunto. A aprendizagem é autônoma pelo tempo e caminhos percorridos, mas nunca é solitária. Sempre precisa do orientador. Assim como pai e mãe existe para guiar seus filhos, os professores existem para orientar o aprendiz.

O aprendiz na EAD é senhor de si, do seu tempo e deve buscar alternativa para que não acabe sem motivação devido ao acúmulo de atividades. Por outro lado cabe a nós educadores oferecer alternativas prazerosas a nossos estudantes.

Entendo por autonomia na aprendizagem a vontade de querer aprender e participar de atividades desenvolvidas à distância, com responsabilidade, interesse e empenho em contribuir com um grupo de maneira a engrandecer o conhecimento de todos.

Penso eu que a Autonomia na Aprendizagem está diretamente ligada à concepção de educação que o aluno/aprendiz tem, e ao mesmo tempo como ele encara a evolução tecnológica. Aprender para mim é um instrumento de evolução em razão da minha concepção filosófica, pois ser Espírita implica estar envolvida no conceito da interpretação da simbologia das asas do anjo (sabedoria e amor), portanto estar ligada ao estudo, a pesquisa, a compreensão do meu eu, meu posicionamento diante da vida e das atitudes que tomo, ao mesmo tempo da compreensão da atitude do outro, do qual sou espelho segundo diz Ângelo Gayarsa. Essa postura direciona o saber, o aprender com a base na autonomia, ou seja, querer entender, descobrir e abrir novos horizontes, através de leituras diversas, em tecnologias distintas. Como a evolução não está destituída do fator tempo e do progresso da humanidade estar atenta aos instrumentos que possibilitam entender o mundo e estar ligada às oportunidades de avanço na profissão de educadora, torna-se uma extensão da autonomia. Ser autônomo significa buscar o próprio caminho e cursos on-line ampliam esse horizonte, derrubam barreiras, nos colocam frente a desafios e contribuir para que haja amplidão na tarefa de aprender, de ser aprendiz.

Para mim, autonomia na aprendizagem on-line é um estado muito pessoal de maturidade. O aluno precisa ter um perfil adequado para poder assumir esse compromisso, uma vez que será ele mesmo quem decidirá como irá trabalhar essa autonomia, portanto, será o responsável pela garantia do seu sucesso ou não.

Nesse processo todo de estudo a distância tivemos momentos de muito trabalho e estudo e a autonomia estava presente em todo momento do processo. Buscamos sempre no decorrer das nossas vidas alguém que nos dê um SIM ou um NÃO, ou seja, buscamos um tutor para nos obrigar a trabalhar... pensar... e ser feliz... e a distância não. Nós mesmos somos como os controladores de nós mesmos.

Pensar em autonomia de aprendizagem me leva de imediato a pensar no “dom”. Assim comecei a refletir, assustei. Comecei a pensar a experiência arteduca, quando aprendemos que autonomia pressupõe cooperação. Ainda que considerando o “dom” só terá validade como ponto de partida para argumentar o movimento possível de se realizar e nunca para justificar uma diferença estável, portanto a autonomia é um

estado móvel que no instante em que aprendo, alguém está possibilitando-me sentir autor. Nesse sentido a autonomia se constitui de aprendizagens bem sucedidas, que são enriquecidas por lembranças por meio dos signos. Autonomia de aprendizagem é o reconhecimento de um ser que aprende incessantemente, ativado por outro e legitimado por si mesmo para relembrar ou produzir conhecimentos para uso coletivo a ponto de perder a autoria original. Como nesse instante onde já não sou sozinha, mas unida com outros educadores comprometidos de algum modo na minha formação bem como outros termos que vão surgindo: identidade, direitos, compromisso e amor, convergindo no dom humano de criar e recriar relações.

Para mim ter autonomia da aprendizagem é quando o aluno/sujeito se reconhece como responsável e ativo pelo seu processo de aprender, que reflete sobre o seu desenvolvimento, tendo uma postura dialética frente ao conhecimento.

O fato de que a centralidade do papel do aluno torna-se elemento de fundamental importância e a figura do professor fica reduzida. Coloca-se em destaque a autonomia do aprendiz que pode escolher o que estudar, o que ler, de que forma e quando quer. Entretanto, isso não significa liberalidade, ou seja, total ausência de regras, mas a possibilidade de que, mesmo seguindo um ritmo próprio, o aluno alcance a aprendizagem pretendida.

É estudar por prazer, sem ser obrigado. É quando você consegue estudar sozinho e separa determinados tempos/ horas para fazê-los. É quando você procura além do que lhe é oferecido

Com base na análise dos dados e dos depoimentos coletados, pudemos inferir, em síntese, as seguintes percepções dos alunos acerca do curso:

- Em relação aos objetivos, 90% dos 110 respondentes os conheciam e 84% acreditaram que foram alcançados. Dos objetivos propostos, aquele considerado de maior êxito foi a concretização da metodologia colaborativa e da matriz humanizante, segundo 49,4% dos 77 alunos que comentaram a questão.
- Para 94% dos 110 participantes, o curso correspondeu às suas expectativas. De acordo com 32,9% dos 82 alunos que comentaram suas respostas isto se deu por que fomentou a construção de novos conhecimentos.
- Ainda a respeito das expectativas, cerca de 20% do total de 82 alunos que justificaram suas posições, consideraram que o curso as superou.
- Quanto à metodologia proposta, todos os participantes (100%) consideraram que foi plenamente desenvolvida, sendo aprovada por 99% deles. O principal motivo de aprovação alegado por 40,2 % dos 82 alunos que comentaram suas respostas foi o incentivo encontrado para a construção da autonomia, por meio da auto-aprendizagem.
- Coerentemente com a avaliação anterior, 98% dos alunos consideraram que havia situações em que aprendiam com autonomia relacionada, principalmente, às pesquisas realizadas para a concretização das atividades solicitadas e para a

ampliação do conhecimento, segundo 28,3% dos 92 alunos que justificaram suas respostas.

- Quanto ao papel da mediação no processo de construção da autonomia do aprendiz, 98% dos alunos consideraram que os tutores contribuíram para que aprendessem com autonomia. De acordo com os depoimentos de 33,9% dos 109 alunos que comentaram a questão, esta contribuição expressava-se, basicamente, por meio da orientação e acompanhamento das atividades, sem imposição de diretrizes, permitindo que construíssem seu próprio caminho.
- Em relação à contribuição do curso para fomentar a aprendizagem autônoma, 98% dos alunos consideraram que este havia contribuído para que se constituíssem aprendizes autônomos, notadamente porque permitiu que fossem agentes de sua própria aprendizagem (segundo 24,6% dos 69% que comentaram a questão).
- De acordo com 93% dos participantes, a construção da autonomia na aprendizagem *online* se refletiu em sua prática pedagógica. Segundo a opinião de 22,3% dos 94 alunos que justificaram suas respostas, este reflexo se deu, principalmente, porque se apropriaram do uso do computador em seu cotidiano.
- A principal dificuldade vivenciada ao longo do curso foi, na visão de 22,9% dos 105 alunos que comentaram a questão, de relacionamento e de interação com os colegas para a realização dos trabalhos colaborativos.
- Segundo 25% de um total de 36 participantes, a construção da autonomia na aprendizagem é um processo no qual o indivíduo é sujeito de sua aprendizagem, sendo capaz de trilhar seu próprio caminho de forma independente, mas não solitária, pois a mediação/orientação pedagógica é necessária e importante para que ocorra o aprendizado.

4.3 AS CARACTERÍSTICAS BÁSICAS E PERCEPÇÕES DOS TUTORES

Ao longo deste item registramos os resultados das análises realizadas a partir do questionário aplicado aos tutores. Diferentemente dos alunos, que responderam o questionário durante o encontro presencial, os tutores o responderam via *e-mail*

Os seis tutores, sujeitos desta pesquisa, foram alunos da primeira edição do curso, realizada em 2004, cujos objetivos eram: (a) formar tutores para serem

mediadores de futuras edições do Arteduca e; (b) formar especialistas em Arte-Educação e Tecnologias Contemporâneas. Nesta última edição atuaram em duplas para a realização da mediação pedagógica em cada uma das três turmas de, aproximadamente, 45 alunos.

Com base nos dados coletados pelo questionário, delineamos as características básicas dos tutores em relação às seguintes variáveis: sexo, escolaridade, curso de graduação, estado de domicílio e se era a primeira experiência como tutor de um curso totalmente *online*.

Procuramos, igualmente, conhecer algumas percepções construídas em relação aos seguintes aspectos do curso: (a) se os objetivos foram alcançados (ou não); (b) se a metodologia foi desenvolvida (ou não); (c) como contribuíram para a aprendizagem autônoma; (e) quais as dificuldades que interferiram no desenvolvimento da metodologia proposta e; (f) o que entendiam por autonomia na aprendizagem *online*.

Todos os seis tutores responderam o questionário; 4 deles (66,7%) eram do sexo feminino e 2 tutores (33,3%) do sexo masculino. Portanto, entre os tutores também houve predominância de mulheres. Quanto à formação acadêmica 4 (66,7%) eram especialistas e 2 (33,3%) mestres em Artes.

É necessário esclarecer que nos incluímos, como tutora do Arteduca, no grupo de respondentes.

Ao apurarmos as áreas de formação dos tutores, constatamos que predominou a de educação artística. Observamos, também, que a maioria realizou mais de um curso de graduação (Tabela 17).

Tabela 17 – Distribuição dos tutores em relação ao curso de graduação.

Tutores	Área de formação
Tutor A	Licenciatura em Ed. Artística - artes plásticas e Medicina Veterinária
Tutor B	Licenciatura em Ed. Artística – artes plásticas e Pedagogia
Tutor C	Lic. em Ed. Artística – artes plásticas e Bacharelado em Desenho e Plástica
Tutor D	Licenciatura em Ed. Artística – artes plásticas
Tutor E	Economia e Licenciatura em Pedagogia
Tutor F	Licenciatura em Geografia

Por ser um curso *online* permitiu que a equipe de tutores fosse composta por sujeitos de diferentes regiões do Brasil. A tabela a seguir ilustra essa diferença.

Tabela 18 – Distribuição dos tutores em relação ao Estado em que residem.

Tutores	Estado de domicílio
Tutor A	Piauí
Tutor B	São Paulo
Tutor C	Distrito Federal
Tutor D	Distrito Federal
Tutor E	Rio de Janeiro
Tutor F	Roraima

Finalizando as questões fechadas, perguntamos se esta era a primeira experiência na tutoria de um curso *online*, mas todos já haviam atuado na edição anterior do Arteduca .

Com base nos resultados obtidos na primeira parte do questionário, obtivemos uma síntese com as características básicas dos tutores:

- eram predominantemente do sexo feminino (66,7%).
- a maioria composta por especialistas (66,7%).
- a maior parte deles era de arte-educadores (66,7%).
- um percentual expressivo possuía mais de um curso de graduação (66,7%).
- a maioria era de Brasília/DF (33,3%).
- todos (100%) já tinham experiência anterior na tutoria *online*.

Prosseguimos nosso questionário com seis perguntas abertas nas quais procuramos conhecer suas percepções acerca dos objetivos e da metodologia do curso, além do que entendiam por autonomia na aprendizagem.

Iniciamos indagando se acreditavam que os objetivos do curso haviam sido alcançados. Cinco tutores (83,3%) afirmaram que sim e um tutor (16,7%) disse que haviam sido alcançados em parte, pois segundo suas palavras: *desde o início da edição de 2006/2007, fiquei com receio da divisão em duas etapas, por acreditar que, iniciando o curso já em nível de especialização se torna mais motivadora do que extensão, ou seja, um fator psicológico para o cursista.*

Nos depoimentos dos outros cinco tutores são apontadas as seguintes razões para o alcance dos objetivos:

- estratégias didáticas adotadas para o desenvolvimento das atividades individuais e colaborativas, tais como pesquisas, leitura, debates nos fóruns de trabalho e uso de *softwares* para realização de atividades;

- construção de conhecimentos e conceitos relacionados à autonomia na aprendizagem, à metodologia colaborativa e às abordagens teóricas aplicadas à EAD, que fundamentaram a primeira etapa do curso;
- realização dos projetos interdisciplinares (PI) envolvendo arte e cultura;
- melhoria do desempenho dos alunos ao longo do curso, tanto em relação à elaboração das atividades solicitadas quanto pela navegação no AVA, explorando e utilizando satisfatoriamente seus recursos.
- construção de conhecimentos e conceitos teóricos que fundamentam a segunda etapa do curso, relacionados à Arte-Educação e à utilização de tecnologias na escola.

Tais razões aparecem em diferentes combinações nas falas dos tutores; assim, utilizamos o procedimento da análise aplicado aos depoimentos dos alunos, ou seja, ao quantificá-los não consideramos a relação biunívoca entre um sujeito – uma resposta (Tabela 19). Mesmo assim, acreditamos ser importante tabulá-los, para expressar sua representatividade na visão dos tutores do Arteduca.

Tabela 19 – Visão do tutor quanto à consecução dos objetivos do curso.

Aspectos comentados	Quantidade de citações	%
Estratégias didáticas adotadas para o desenvolvimento das atividades	4	80,0
Construção de conhecimentos ligados à primeira etapa do curso	3	60,0
Realização dos Projetos Interdisciplinares	3	60,0
Melhoria do desempenho dos alunos	3	60,0
Construção de conhecimentos ligados à segunda etapa do curso	2	40,0

Apresentaremos os depoimentos, na íntegra, dos cinco tutores que acreditaram na consecução dos objetivos do Arteduca:

Sim, acredito que os objetivos do curso nas duas etapas foram alcançados pela maioria dos aprendizes. A primeira parte do curso aborda como aprender a aprender em Educação a Distância, isso é muito importante, pois é a base que vai dar sustentação a construção da autonomia, o desafio do aprendiz. As estratégias de trabalhos individuais e colaborativos e as respostas imediatas dos tutores criam uma dinâmica facilitadora para a autonomia do aprendiz se concretizar, de forma consciente, dessa nova maneira de organizar os “seus” processos de ensino e de aprendizagem. A segunda parte explora as relações entre a Arte a Educação e a utilização das Tecnologias contemporâneas na escola. Essa estratégia progride em atividades até a elaboração de projetos, individuais ou coletivos, tendo como eixo a articulação de saberes relativos à arte e a cultura. Na co-construção dos projetos a coordenação do

curso consegue dar unidade e equilíbrio na formação das equipes, a partir dos interesses pessoais, em conjunto com os tutores, nas orientações e mediação em fóruns sobre algum tema selecionado. A apresentação da equipe do seu Projeto Interdisciplinar (PI), no encontro presencial, é um termômetro no qual é possível verificar a dimensão positiva do envolvimento e crescimento coletivo e pessoal, no planejamento e implementação do PI, pelas imagens apresentadas e pelo projeto escrito. Na verificação dos resultados alcançados, foi constatado o sucesso da maioria dos trabalhos apresentados.

Sim, pois os alunos foram desenvolvendo sua autonomia ao longo do curso e também sua capacidade de trabalhar colaborativamente, superando dificuldades iniciais de entrosamento. Realizaram a práxis pedagógica e aprenderam a navegar no ambiente, utilizando suas ferramentas e recursos, além de usarem softwares para realizarem determinadas atividades.

Os Projetos Interdisciplinares - PIs apresentados por ocasião do Encontro Presencial de final do curso, projetos esses constantes no Trabalho de Conclusão do Curso – TCC, permitiram constatar que realmente as ações do curso tiveram reflexo na prática pedagógica do professor-aluno, a partir do início da implementação da citada proposta. Esses Trabalhos produziram os primeiros frutos na realidade escolar e muitos deles continuam e continuarão contribuindo para o resgate da arte-educação e promovendo a utilização pedagógica das tecnologias emergentes.

Sim através de estratégias didáticas, como as atividades desenvolvidas nos fóruns, pesquisa na internet e trabalho interdisciplinar. Acompanhando os alunos por todo o curso pudemos perceber o avanço em seu caminhar. No início muitos alunos chegam sem conhecer como é um curso a distância e o primeiro paradigma que precisamos quebrar é que nessa modalidade de ensino não há muito compromisso e que é mais fácil aprender assim. Já na primeira etapa - Estratégias de Aprendizagem a Distância, através de textos e diversas atividades, conseguimos desenvolver com os alunos conceitos básicos de autonomia e aprendizagem colaborativa.

Acredito que foram alcançados pelos resultados obtidos durante o curso e no final do mesmo, através da observação na melhoria do desempenho dos alunos.

Após conhecermos as percepções dos tutores sobre a concretização dos objetivos, nos voltamos para a metodologia adotada no Arteduca. Elaboramos quatro perguntas; a primeira indagava se o curso havia seguido a metodologia proposta. Todos os tutores (100%) responderam sim, justificando suas posições:

- desenvolveu atividades fundamentadas na colaboração entre os participantes;
- realizou a articulação de estudos teóricos com a prática pedagógica;
- incentivou a construção da autonomia do aprendiz;
- adotou o conceito de matriz humanizante.

Na Tabela 20 está a quantificação dos dados encontrados, mantendo nesta e nas tabelas que se seguem o mesmo critério da não consideração da relação biunívoca entre um sujeito - uma resposta. Com este procedimento buscamos expressar a representatividade de cada percepção.

Tabela 20 – Visão do tutor sobre a metodologia do curso.

Aspectos comentados	Quantidade de citações	%
Desenvolvimento de atividades colaborativas	6	100,0
Articulações entre teoria e prática	5	83,3
Incentivo à autonomia do aprendiz	5	83,3
Matriz humanizante	1	16,7

Os depoimentos dos tutores, transcritos integralmente, permitem uma visão mais abrangente, sobre o que pensam da metodologia adotada no Arteduca.

O curso seguiu sua proposta porque praticou a metodologia colaborativa, numa perspectiva de matriz humanizante, por meio das atividades em grupo e pelas interações ocorridas nos fóruns dos módulos de estudo. Também incentivou a autonomia do aluno já que este tinha de pesquisar e buscar conhecimento para realizar as atividades solicitadas.

O curso seguiu a metodologia proposta, o que fica evidenciado na estrutura em módulos, e suas respectivas atividades semanais, o que facilita o acompanhamento do andamento e do aproveitamento individual e coletivo. Por parte do tutor, o acompanhamento da auto-aprendizagem, em trabalhos colaborativos e na articulação de estudos teóricos individuais e coletivos envolve uma construção de sintonia entre as partes, um exercício da estética da sensibilidade.

Desde o início do curso, os alunos aprenderam a trabalhar em equipe, a publicaram atividades individuais e posteriormente as colaborativas. Após a realização das atividades práticas, foram solicitados relatórios individuais assim como análises comparativas entre os trabalhos dos membros as equipes, resultado na atividade colaborativa.

Concordo com a reflexão: “nossa metodologia é baseada em estratégias, em trabalhos colaborativos e na articulação de estudos teóricos com a prática profissional dos próprios estudantes”.

O programa do curso prevê a aplicação dessa metodologia e, tendo considerado as demandas apresentadas pela característica do grupo de professores-aluno, as orientações foram direcionadas para o desenvolvimento do desempenho individual, buscando também despertar o espírito de colaboração, por meio do trabalho em equipe. Desta forma, cada participante contribuiu para o progresso da turma em geral, tendo sido proporcionada a troca de experiências, permitindo que fosse levada para cada realidade de atuação uma nova prática, enriquecida pelos intercâmbios e pelas produções do decorrer do curso.

O curso segue essa metodologia e isso é o que faz a diferença de muitos cursos a distância conforme depoimento dos próprios alunos

Na segunda pergunta, buscamos saber se os tutores acreditavam que existiam situações nas quais os alunos aprendiam com autonomia. Todos disseram que sim, justificando suas respostas pela(s):

- interações ocorridas nos fóruns;
- elaboração do Projeto Interdisciplinar (PI);
- próprias atividades solicitadas;
- leitura dos textos teóricos disponibilizados a cada módulo e a necessidade de pesquisa para elaboração das atividades;

- pesquisas de campo nas escolas em que os PI foram implementados;
- escolha do grupo de trabalho que integrariam;

Na Tabela 21, apresentamos a quantificação dos resultados da análise realizada.

Tabela 21 – Situações de ensino em que se aprende com autonomia na visão dos tutores.

Situações de aprendizagem autônoma	Quantidade de citações	%
Nas interações nos fóruns	4	66,7
Na elaboração do PI	4	66,7
Por meio das atividades solicitadas	3	50,0
Leitura e pesquisa teórica	2	33,3
Pesquisa de campo	2	33,3
Escolha de equipe de trabalho	2	33,3

Registramos os depoimentos dos tutores, uma vez que permitem uma leitura mais ampla da questão abordada.

Existem várias situações, todas derivadas da própria maneira em que as atividades individuais e colaborativas são solicitadas. Temos as pesquisas que os alunos realizam, tanto de leituras teóricas, quanto as práticas (em escolas parceiras), quando vão começar a elaborar o PI. As trocas e os diálogos nos fóruns também. E, quando podem, finalmente, escolher a equipe de trabalho que vão formar.

Considero que o aluno tem diferentes oportunidades de exercitar a autonomia, principalmente nas pesquisas diagnósticas feitas nas escolas para identificação de situações problemas, e na escolha dos companheiros de equipes, que têm objetivos e problemas comuns. Não se pode ultrapassar essa etapa do curso, com sucesso, sem um mínimo de autonomia e crítica.

Observo que alguns alunos adquirem sua autonomia durante o curso, quando descobrem que o curso é muito importante na sua vida e que precisam estar “presentes” para acompanharem os debates, devido a dinâmica do curso. Além disso, sentem a necessidade da leitura dos textos para poder argumentar dentro do tema proposto. Assim, ele fica ciente que só depende dele o sucesso do curso.

Alguns teóricos falam que na rede mundial possibilita auto- aprendizagem, devido ao novo ambiente cognitivo que está se estruturando, tendo a configuração hipertextual dos temas apresentados um elemento de motivação.

Depois que o aluno compreende a metodologia do curso e percebe que o sucesso de seu aprendizado depende em primeiro lugar de sua postura frente ao que é proposto começa a melhorar o seu desempenho e principalmente a interação com seus colegas. O melhor exemplo que temos é no momento da construção do PI onde cada um precisa dar o melhor de si e realmente participar, pois nessa etapa todos agem plenamente conscientes de seu papel e do quão necessária se faz sua participação.

Durante os exercícios propostos, na participação nos fóruns e na apresentação dos trabalhos no final do curso, é possível observar a aprendizagem e a autônomoias dos mesmos.

A terceira pergunta visava complementar a anterior; neste sentido convidava o tutor a refletir sobre seu papel no processo de construção da autonomia do aprendiz. Ao

analisarmos os depoimentos, inferimos que a contribuição dada se fazia a partir das seguintes ações:

- estimular a participação dos alunos nos fóruns de debates/trabalhos colaborativos e no desenvolvimento das atividades propostas;
- adoção de estratégias afetivas, praticando o conceito de matriz humanizante;
- sanar dúvidas dos alunos;
- mostrar-se presente e disponível nos fóruns de debates/trabalhos colaborativos.

Na Tabela 22 oferecemos a quantificação das respostas sobre o papel da mediação pedagógica no processo de construção da autonomia do aprendiz, na perspectiva dos tutores.

Tabela 22 – Visão do tutor sobre sua contribuição para a construção da autonomia do aprendiz.

Ações dos tutores	Quantidade de citações	%
Estimular a participação do aluno e o desenvolvimento das atividades	6	100,0
Adoção da matriz humanizante	5	83,3
Orientar/acompanhar as atividades	4	66,7
Sanar dúvidas	3	50,0
Mostrar-se presente e disponível	3	50,0

Nos relatos extraídos dos comentários dos tutores, podemos depreender como percebem a sua participação no processo de construção da autonomia do aluno.

O tutor tem um papel importante para que o aluno seja autônomo na sua aprendizagem. A mediação realizada, orientando as atividades e acompanhando seu desenvolvimento, estando presente para tirar dúvidas, com retorno rápido, dão confiança para que o aluno siga em frente. É fundamental um relacionamento afetivo e atencioso, por que na comunicação online as relações são mais sensíveis.

Os tutores contribuíram, promovendo a participação nas atividades propostas, orientando as ações previstas e cuidando da retro-alimentação do processo, de forma a facilitar o acesso do professor-aluno ao material de estudo, incentivando o seu desempenho.

Os tutores contribuem incentivando os alunos ao longo dos seus estudos, mostrando da importância do cumprimento dos prazos das atividades. Por outro lado, nos trabalhos colaborativos, o tutor deve deixar que cada equipe caminhe “sozinha”, intervindo no momento certo, principalmente para mostrar-se presente. O tutor deve conhecer seus alunos, procurar saber das dificuldades e conquistas. O tutor não deve deixar o aluno sem resposta, assim, ele irá se sentir seguro para seguir adiante.

Com o uso das TIC no processo educativo, exige novas formas de ensinar e aprender, assim como um novo professor e um novo aluno. O professor- tutor contribui na reorganização do processo educativo de modo a promover ou motivar interesses para auto-aprendizagem e para a interação colaborativa. No curso Arteduca, a tutoria

como mediação, utiliza estratégias afetivas, de estímulo ao educando e a interação colaborativa.

As atividades propostas estimulam o desenvolvimento da autonomia de cada um e no decorrer do curso o tutor tem papel fundamental, pois precisa dar vida ao curso fazendo a ponte entre o que é proposto e o cursista, acompanhando e auxiliando em suas dúvidas e através de sua presença constante e estímulo contribuir para que cada um desenvolva suas potencialidades.

Existem alguns mecanismos, penso que é fundamental: (1) estimular o aluno a pensar na autodisciplina e na aquisição de hábitos de estudo, rumo a uma independência; (2) orientar o estudante a organizar o seu tempo de estudo; (3) conhecer o estudante, e incentivar a pesquisa e o diálogo; (4) cada estudante está em um estágio de dependência, é importante perceber e estimular o convívio com os colegas de equipe para troca de informações; (5) incentivar a reflexão em grupo e individual, pois cada um dos participantes pode opinar e se posicionar com criticidade, dinamismo e iniciativa; (6) tornar claro a questão do cumprimento dos prazos, com empenho, é importante, (7) responder com rapidez as mensagens e atividades enviadas pelo aprendiz e; (8) deixar claro que o atraso na entrega de um trabalho individual, que tem uma etapa colaborativa na sequência, pode comprometer o desempenho da equipe e, pode comprometer a confiança e a auto-estima do aprendiz.

A pergunta seguinte indagava aos tutores suas percepções sobre as principais dificuldades/limites que interferiram no desenvolvimento da metodologia do Arteduca.

Na síntese dos depoimentos, identificamos os seguintes aspectos:

- falta de domínio do computador (seus recursos e ferramentas) pelo aluno;
- dificuldade de relacionamento/interação dos alunos para a realização dos trabalhos colaborativos;
- dificuldade dos alunos em romper com o modelo tradicional de ensino/aprendizagem, centrado no professor;
- dificuldade dos alunos em navegar/utilizar os recursos do AVA;
- necessidade de aprimorar aspectos didático/pedagógicos para o ambiente virtual;
- limitações pessoais do tutor.

Na tabela que se segue, estão expressos os resultados desta análise.

Tabela 23 – Visão dos tutores sobre as dificuldades para a construção da autonomia na aprendizagem.

Aspectos destacados	Quantidade de citações	%
Dificuldade ou falta de domínio do computador pelo aluno	3	50,0
Dificuldade de relacionamento/interação dos alunos para a realização dos trabalhos colaborativos	2	33,3
Dificuldades dos alunos em romper com o método tradicional de ensino	2	33,3
Dificuldades dos alunos em navegar/utilizar os recursos do AVA	2	33,3
Aspectos didáticos/pedagógicos pouco adequados ao AVA	1	16,7
Limitações pessoais do tutor	1	16,7

Nos relatos apresentados a seguir, podemos identificar as variadas dimensões construídas por diferentes sujeitos, acerca de uma mesma situação:

Existem algumas dificuldades que realmente atrapalham o desenvolvimento da metodologia que são: muitos alunos não sabem usar o computador e, conseqüentemente, têm muita dificuldade em navegar no ambiente; a maioria espera encontrar uma mesma relação hierárquica e dependente aluno/professor; os trabalhos colaborativos, inicialmente, são atividades complicadas, pois além da dificuldade de diálogo, alguns alunos, de fato, “encostam” no outro e nada fazem.

As dificuldades mais comuns são relativas ao uso das tecnologias, questões como falha no equipamento, e uso de programas (softwares), mais as mais graves são as de dificuldade de romper o paradigma tradicional, pautado em uma pedagogia centrada no professor e na passividade do “aluno”. Há alunos que tem muita desenvoltura e podem ser conduzidos a uma ação cooperativa, auxiliando os colegas com dificuldades diversas.

A maior dificuldade que vivenciei nesta edição do curso foi no estudo de um dos módulos que não havia tido conhecimento anterior, tudo era novo. Concomitantemente aprendia e tentava orientar o aluno, mas não obtive sucesso. Em uma das atividades deste novo módulo, foi solicitada a instalação de um software, pela qual eu, como tutora não consegui... Fiquei muito triste. Graças a Deus que trabalhamos em duplas, e meu colega de tutoria prestou todas as orientações necessárias aos alunos e para mim.

O curso foi implementado tendo como referencial principal, as experiências no ensino presencial e alguma experiência na tutoria on line e/ou como alunos em cursos virtuais. Hoje, com a terceira edição do curso terminada, percebe-se que alguns aspectos didáticos pedagógico podem ser discutidos. Como a adequação da melhor mídia ao conteúdo proposto; os professores-tutores precisam ocupar o papel de orientadores/tutores no processo, precisam aprender a conduzir as orientações e solicitações das atividades; buscar formas afetivas de comunicação sem ser piegas, respeitando o outro como um ser em sua integridade intelectual, física, cultural, social e emocional, linearidade dos textos módulos.

As maiores dificuldades são sentidas no domínio da máquina e dos recursos necessários, pois a maioria dos professores tem pouca intimidade com a informática e a Internet. Esse fato é justificado pela entrada tardia dessas tecnologias na vida dos

adultos, diferente das crianças que hoje já nascem em um mundo informatizado. Então a primeira barreira que muitos precisam superar é como usar um ambiente virtual e todas as ferramentas necessárias para participar de um curso on line.

A dificuldade de alguns alunos para trabalhar em grupo, desenvolvendo atividades colaborativas. Esta dificuldade cria alguns entraves na execução de algumas atividades e, conseqüentemente, no desenvolvimento da metodologia proposta.

Seguindo os mesmos procedimentos utilizados com os alunos, para finalizar o questionário, indagamos aos tutores o que entendiam por autonomia na aprendizagem. Seguem-se os conceitos emitidos.

- É um processo social no qual o indivíduo é sujeito de sua aprendizagem, em que a mediação pedagógica é necessária e importante para que ocorra o aprendizado.
- É a capacidade de gerir a sua própria aprendizagem.
- É um processo no qual o aprendiz deve ser organizado, disciplinado e responsável para que possa construir/ampliar o conhecimento.
- É um processo no qual o aluno deve romper com a visão tradicional de ensino/aprendizagem, centrada no professor.
- É um processo no qual o aluno é protagonista na construção da aprendizagem.
- É vencer dificuldades e superar adversidades.
- É um processo no qual o aluno deve possuir um bom nível de compreensão de textos.

Quantificamos os dados para expressar a diversidade de definições e obtivemos os resultados que compõem a tabela a seguir:

Tabela 24 – Visão dos tutores sobre a construção da autonomia na aprendizagem.

Definições	Quantidade de citações	%
É ser sujeito da aprendizagem, num processo social em que a mediação pedagógica é necessária para que ocorra a aprendizagem	3	50,0
É gerir a própria aprendizagem	2	33,3
É um processo que exige organização, disciplina e responsabilidade do aprendiz	2	33,3
É um processo no qual o aluno deve romper com a visão tradicional de ensino/aprendizagem	2	33,3
É um processo no qual o aluno é o protagonista da aprendizagem	2	33,3
É vencer/superar dificuldades e adversidades	1	16,7
É um processo no qual o aluno deve possuir bom nível de compreensão de textos	1	16,7

Transcrevemos as definições construídas pelos tutores sobre o conceito de autonomia na aprendizagem:

Esta questão aparentemente simples, não é. Penso que há diferenças quanto a aprendizagem on line e a presencial. O conceito de autonomia, geralmente está ligado à Educação a Distância, em um contexto educacional totalmente presencial, não é praxe se discutir a autonomia do aprendiz. Parte desta questão está ligada ao paradigma tradicional e a sua superação. Deve-se procurar definir o que é autonomia e a qual caso estamos pensando em aplicar esse conceito, é na autonomia da escola? Do Professor? Do tutor? Do Aprendiz? Certamente vamos ter conceitos diferenciados. Quando acrescentamos a questão sobre as características da aprendizagem on line, versus a aprendizagem de forma presencial a questão fica mais abrangente e complexa. Em todos os casos acima citado não se pode aproximar ou identificar a autonomia com independência, mas pelo contrario, autonomia supõe características de troca, de interação com o outro. O ser autônomo não é isolado, ele é relacional e sabe gerenciar as diferentes possibilidades de superar as gradações de situações nas quais se pode estar em estado de dependência ou independência, em uma situação pedagógica ou não, on line ou não. Neste sentido as diferenças de ofertas rumo a construção da autonomia que ocorrem na aprendizagem on line, por conta do arsenal de ferramentas comunicacionais que são disponibilizadas nos cursos a distância, tais como chat, fórum, e-mail, podem colaborar nas situações de aprendizagem. Essas ferramentas características da EAD, podem sim favorecer o processo pedagógico como facilitadores da construção da aprendizagem e da autonomia.

Autonomia de aprendizagem: considero um perfil importante para um cursista que estuda na modalidade a distância, significa que ele é independente no estudo, disciplinado, organizado, mesmo estando sozinho, se mantém motivado ao longo de um curso EAD, tem capacidade para desenvolver trabalhos individuais e colaborativos, possuindo bom nível de compreensão dos textos. Num curso via Internet, consegue superar os problemas técnicos (com o computador que possui fácil acesso), indo em busca de outros meios para acessar o curso, recorrendo a casa de amigos, lan house, etc., por saber da importância que o curso representa para si mesmo. Acredito que, nem todos os cursistas que estão “iniciando” num curso Ead sejam autônomos de sua própria aprendizagem. A autonomia pode ser adquirida após iniciar os estudos, dependerá, principalmente, do grau de envolvimento com o curso, da sua motivação, interação com os tutores e colegas, do seu interesse, do ambiente virtual (design atraente) entre outros.

Acho que ser autônomo em relação à aprendizagem é o mesmo que ser protagonista dessa ação. Não é fácil conseguir romper com a postura tradicional, do professor como agente de transmissão de conteúdos por excelência e o aluno como um receptáculo, um agente mais ou menos passivo do seu processo de aprendizagem. Esse modelo já não é mais aceitável nem no ensino presencial. Acredito que para ocorrer uma aprendizagem significativa é necessário, que sejamos agentes ativos nesse processo de criação do conhecimento, que pode ser desenvolvido, por múltiplas fontes de informações a que temos acesso hoje, hábitos de pesquisas, análise e crítica. Essas ações enriquecem o desenvolvimento cognitivo.

Não se pode pensar em autonomia sem pensar numa atitude de auto disciplina principalmente por estarmos falando em aprendizagem on line. Desenvolver autonomia envolve desenvolver hábitos de estudo organizando seu tempo e sua maneira de registrar de acordo com suas observações, espírito critico e apreensão do que foi visto. Envolve também tomar iniciativa dentro do trabalho colaborativo, num processo constante de troca com o outro - seja nos momentos em que escolhem seus colegas de equipe, seja no momento em que definem atividades e propostas de ação dentro de sua

realidade, seja no momento em que vão as escolas para diagnosticar problemas ou levar seu projeto.

Se considerarmos autonomia como a capacidade de gerir sua aprendizagem. A educação institucional poderia criar condições ou motivar os alunos para aprendizagem de forma que ele reconhecesse que é responsável pela construção do seu conhecimento e sendo assim, o aluno tem autonomia para aprender o que desejar. Alguns teóricos falam que na rede mundial possibilita auto- aprendizagem, devido ao novo ambiente cognitivo que está se estruturando, tendo a configuração hipertextual dos temas apresentados um elemento de motivação. Paulo Freire fala em pedagogia da autonomia. O autor fala dos saberes necessários ao professor para uma prática educativa, que contribua e crie condições de aprendizagem, em que educadores e educandos vão se transformando em sujeitos da construção e reconstrução do saber. Neste sentido, o estudante é quem irá desenvolver seu processo de aprendizagem, mas este não é somente individual, e sim, social, o que leva a reforçar a importância da figura do professor, como mediador, para que ocorra a aprendizagem. Autonomia na aprendizagem corresponde à ação do estudante como sujeito responsável pela própria construção do conhecimento, demonstrando independência no desempenho, embora contando com a orientação de um mediador dessa aprendizagem. A aprendizagem online requer autonomia do aprendiz; no entanto, a autonomia deve ser desenvolvida em qualquer modalidade de ensino, como exigência do estágio em que se encontra a própria evolução do ser humano.

Integrando as falas dos tutores, encontramos uma síntese que nos oferece as percepções mais recorrentes acerca do curso e, mais especificamente, do processo de construção da autonomia do aprendiz:

- em relação aos objetivos, do total de 6 tutores, 5 consideraram que foram alcançados. Dos objetivos propostos, o situado como maior êxito relacionou-se às estratégias didáticas adotadas no desenvolvimento das atividades solicitadas (pesquisas, debates e uso de *softwares*);
- para 100% dos tutores, o curso seguiu a metodologia proposta, principalmente por ter desenvolvido atividades fundamentadas na colaboração entre os participantes;
- em concordância com a avaliação apresentada na pergunta anterior, os tutores argumentaram que, por meio das interações ocorridas nos fóruns, foram desenvolvidas situações de ensino nas quais o aluno aprendeu com autonomia;
- quanto ao seu papel de mediador no processo de construção da autonomia do aprendiz, consideraram que sua maior contribuição consistiu em estimular a participação dos alunos nos fóruns de debates/trabalho colaborativo e no desenvolvimento das atividades propostas;
- a principal dificuldade para a construção da autonomia do aprendiz relacionou-se à falta de domínio do computador pelos alunos.

- segundo 50% dos tutores a autonomia na aprendizagem é um processo social no qual o indivíduo é sujeito de sua aprendizagem, em que a mediação pedagógica é necessária e importante para que ocorra o aprendizado. Entretanto, é válido destacar que as outras seis definições elaboradas pelos tutores acerca deste conceito apareceram equilibradamente em seus depoimentos, de forma relacional e complementar.

4.4 A OBSERVAÇÃO DE CAMPO

Nesta seção expressaremos os dados coletados durante a observação participante da pesquisadora, ocorrida no período de um ano (julho de 2006 a julho de 2007), tanto no ambiente virtual de aprendizagem do Arteduca como no seu encontro presencial, no contexto da terceira edição do curso.

Focalizamos nossas observações e reflexões no desenvolvimento da proposta metodológica do curso, especificamente no que tange ao processo de construção/ampliação da autonomia do aprendiz.

A terceira edição teve três turmas regulares, atendendo a, aproximadamente, 45 alunos, em cada uma delas. Havia também uma turma de recuperação paralela oferecida durante 6 meses do curso (outubro de 2006 a abril de 2007).

A turma de recuperação paralela, conhecida como Sala de Apoio, tinha por objetivo dar uma atenção particularizada a todos os alunos que apresentavam dificuldades na realização das atividades propostas nos módulos de estudos e/ou navegar no AVA. Assim, além de apoiá-los no uso dos recursos e ferramentas do Moodle, orientávamos individualmente, sanando dúvidas, para que conseguissem elaborar as tarefas solicitadas.

Enquanto as turmas regulares contavam com uma dupla de tutores para a realização da mediação pedagógica, na Sala de Apoio a orientação era conduzida apenas por uma tutora. Cabe salientar que os alunos foram inscritos nesta sala por recomendação de seus tutores.

Atuamos, nesta edição, tanto em uma sala de aula regular (Sala 1) como na tutoria da Sala de Apoio, o que colaborou para que realizássemos uma observação abrangente em relação às questões de estudo de nossa pesquisa. As nossas atribuições como tutora nos permitiram fazer uma observação silenciosa, tanto dos alunos quanto dos tutores, nas turmas em que não éramos mediadora.

Por outro lado, o fato de estarmos à frente da mediação pedagógica em duas turmas (regular e de apoio) possibilitou que nos envolvêssemos diretamente com o desenvolvimento da metodologia adotada pelo curso, dando margem a uma leitura mais apurada do processo de construção da autonomia do aprendiz. Cooperou, também, para que nos relacionássemos positivamente com muitos dos sujeitos da pesquisa, tanto por meio da dimensão cognitiva do processo ensino-aprendizagem como da dimensão afetiva, fundamental para a prática da matriz humanizante.

Durante os três meses iniciais de nossa mediação/orientação pedagógica na sala de aula regular, as atividades visavam fundamentar o processo de construção de autonomia na aprendizagem. Nosso trabalho, neste sentido, não previa apenas atividades relacionadas ao conteúdo programático do curso, mas, igualmente, atividades práticas de navegação no AVA e uso de recursos da internet, tais como *e-mails*, *chats* e pesquisas em sítios para a busca de informação/conhecimentos.

O primeiro passo, nesta etapa, foi o estabelecimento de contato por *e-mail*, na semana anterior à data prevista de início do curso, com os alunos de nossa sala para dar boas-vindas e enviar um roteiro simples de acesso ao nosso ambiente virtual de aprendizagem (Anexo 4). Como o curso era totalmente *online* e para 71% dos alunos se tratava de uma novidade, este primeiro contato tinha por finalidade fazer com que o estudante se sentisse bem acolhido, seguro e amparado nesta modalidade de ensino.

A principal dificuldade neste início foi “colocar” o aluno dentro do curso, já que vários tinham pouca ou nenhuma familiaridade com o uso do computador e seus recursos, o que os tornava bastante dependentes de seus tutores e da ajuda de amigos e/ou familiares, principalmente dos filhos. Para esses alunos, a comunicação acontecia, preferencialmente por meio de *e-mails*, respeitando o seu ritmo de aprendizagem.

Para ampliar e sedimentar a participação desses alunos com dificuldades de acesso e navegação no AVA, elaboramos vários roteiros básicos tais como: (a) acesso ao fórum; (b) instalação do programa *Acrobat Reader*, para que pudessem abrir os textos disponibilizados no curso; (c) interação no fórum; e (d) publicação de atividades, entre outros. À medida que o aluno ia se tornando mais independente, passávamos a priorizar as interações e orientações por meio dos fóruns, pois desta maneira poderiam ser compartilhadas por todos (alunos, professores e coordenação); esta é uma estratégia para incentivar a construção da autonomia no ambiente de aprendizagem.

Foram necessários muito tato e paciência por parte dos tutores neste início, pois os alunos se sentiam muito inseguros no AVA, principalmente, por não contarem com a

presença física do professor, o “olho no olho” como gostavam de destacar. De um modo geral, a comunicação num ambiente *online* é questão delicada, por não dispor de determinados recursos característicos de um contato presencial, tais como o sorriso, o olhar ou um toque, ações que, muitas vezes, complementam uma fala e suavizam situações de debates.

No virtual, o aluno pode interpretar erroneamente uma mensagem publicada no fórum, gerando mal entendidos e até mesmo mágoas. Por isso, o conceito de matriz humanizante é fundamental na metodologia do curso e foi observado/aplicado todo tempo por seus tutores e, aos poucos, assumido pela maioria dos alunos, estabelecendo, a princípio, relações respeitadas e, no seu desenrolar, também as afetivas e de amizade.

Assim, após enviarmos o *e-mail* com o roteiro de acesso ao curso, a primeira atividade proposta aos alunos foi para se apresentarem aos colegas e aos tutores em um fórum especificamente criado com este objetivo (Figura 4, no Capítulo 2). Esta atividade permitiu ao aluno iniciar um diálogo com sua turma, contribuindo tanto para que construísse o primeiro pilar da matriz humanizante, como para que exercitasse o uso de alguns recursos e ferramentas do ambiente virtual, tais como: (a) acessar um fórum de trabalho; (b) responder e publicar mensagens; (c) publicar arquivos anexados e; (d) publicar sua foto.

Nos primeiros quatro dias do curso, solicitamos apenas esta atividade aos alunos, para que pudessem se conhecer e explorar os recursos dos fóruns, contando, sempre, com o apoio e orientação dos tutores. Deste modo, pudemos ter uma idéia dos estudantes que tinham características de aprendiz autônomo, o que nos levava a crer que estes apenas as ampliariam, visualizando também aqueles que eram mais dependentes e precisariam de maior apoio para construir esse processo.

Na segunda atividade proposta, intensificou-se a necessidade dos alunos exercerem sua autonomia, pois além de interagirem nos fóruns, deveriam realizar o *download* do texto disponibilizado para estudo. Após sua leitura, foi solicitado que realizassem uma atividade individual, publicando-a no fórum para que todos pudessem lê-la e, assim, iniciou-se um debate com base nos registros publicados.

Para ampliar a compreensão desta situação de aprendizagem autônoma, apresentamos parte do Fórum de Debates dos Fundamentos do Curso da Sala 1 (Anexo 5). Como ele contém 161 mensagens, sua publicação na íntegra ficou inviável, por isso selecionamos algumas delas para ilustrar o conteúdo desta atividade.

O módulo de introdução durou aproximadamente três semanas e se caracterizou por ser a base estrutural do processo de construção/ampliação da autonomia do estudante.

Na modalidade *online* é imprescindível que o aluno interaja e navegue com segurança e desenvoltura em sua escola virtual. Se não houver domínio deste espaço, a aprendizagem e autonomia ficam seriamente comprometidas.

Por isso, ressaltamos a relevância da mediação realizada pelos tutores, caminhando lado a lado com os alunos, orientando-os e acompanhando-os o tempo necessário até que se sentissem aptos a darem seus próprios passos. Aos poucos, os tutores foram “soltando as mãos” dos alunos, contribuindo para que se apropriassem de seu ambiente virtual de estudo, estimulando o trilhar de um caminho próprio de aprendizagem.

Quando iniciamos o módulo 2, os alunos já estavam mais familiarizados com o AVA e com o processo de ensino-aprendizagem na modalidade *online*.

Acreditamos que este módulo reforçou a importância da construção da autonomia na aprendizagem, por pelo menos quatro motivos. Primeiro, por ter seu conteúdo voltado para introduzir o aluno em uma atitude de aprendiz na educação *online*, já que esta, diferentemente da educação presencial, não está centrada na figura do professor, detentor do conhecimento instituído. Assim, foi enfatizado ao aluno que ele era o responsável por criar sua aprendizagem de forma significativa, participativa, interativa e colaborativa. Em seguida, com base nas leituras realizadas, solicitamos aos alunos que realizassem outra atividade individual acerca das características da educação a distância, elaborando o próprio conceito sobre o tema. Após formularem sua conceituação, deveriam publicá-la no fórum, no prazo estipulado pela coordenação, com vistas a um debate entre seus colegas e tutores.

O terceiro motivo se relacionou ao fato de termos dado início à metodologia colaborativa, na qual as atividades eram realizadas em equipes de até seis alunos cada. Esta primeira ação colaborativa foi uma situação de aprendizagem bastante importante pois, ao realizá-la, o aluno percebeu que sua participação e presença diárias no curso eram imprescindíveis para o sucesso do grupo como um todo. Podemos admitir que foi a partir dela que começaram a se conscientizar que o outro tinha, também, papel fundamental no processo de construção do conhecimento e autonomia na aprendizagem de cada um dos participantes. Para melhor entendimento, apresentamos no Anexo 5,

nove das 155 mensagens publicadas nos fóruns das equipes desta primeira atividade colaborativa.

Como quarto motivo situa-se o fato que foi a partir deste módulo 2 que passamos a solicitar, regularmente, avaliação dos textos dos módulos, das atividades solicitadas, do acompanhamento da tutoria e da coordenação, além de uma auto-avaliação da participação do aluno. Acreditamos que tais avaliações contribuíram para que o aluno estivesse permanentemente refletindo acerca do processo de aprendizagem e do papel de cada ator nele envolvido, realizando, assim, um *continuum experiencial*.

Estes procedimentos, a saber: (a) leitura reflexiva dos textos dos módulos; (b) realização de atividades individuais com base nesta leitura; (c) publicação dos textos produzidos nos fóruns de trabalho para posteriores debates; (d) elaboração das atividades coletivas e; (e) realização de avaliação e auto-avaliação, foram constantes em todo o desenvolvimento do curso.

O que pudemos perceber é que a cada novo módulo de estudo, a cada nova atividade solicitada, mais os alunos iam se tornando conscientes de seu papel de aprendiz *online* e, conseqüentemente, mais autonomia iam adquirindo. Essa mudança se refletia tanto na qualidade e quantidade de interações nos fóruns de trabalho e de convivência, como na busca de soluções para os desafios apresentados nas atividades solicitadas. Os alunos passaram a pesquisar mais, e por conta própria, em *sites*, livros, revistas e artigos, de forma a incrementar suas contribuições e ampliar seu conhecimento. É interessante destacar, que a maioria fazia questão de compartilhar suas descobertas, vivências e saberes anteriores e os construídos a partir de sua participação no curso.

A necessidade de pesquisar e compartilhar os conhecimentos se intensificava quando solicitávamos as chamadas atividades práticas. Nelas eram desenvolvidos exercícios artísticos que demandavam o uso de *softwares* específicos para sua realização. Como tínhamos muitos alunos cuja formação não estava ligada à educação artística, notadamente a visual ou plástica, o desafio se tornava ainda maior. Nesses momentos, os alunos que tinham mais experiência, fosse com artes plásticas ou com as técnicas que envolviam *softwares* utilizados, compartilhavam seus conhecimentos, dialogando com o colega, procurando contribuir para que realizasse a atividade solicitada.

Tais interações também contribuíam para a autonomia do aluno, tanto por meio da elaboração de roteiros de utilização de *softwares* e/ou “dicas” de *sites* de pesquisas

recomendados por alguns deles, quanto pela aprendizagem ocorrida em decorrência das trocas, favorecendo, desta forma, aqueles com dificuldades de realizar, por conta própria, os exercícios propostos.

Podemos ter uma visão mais ampla deste processo, por meio da leitura de algumas das 213 mensagens publicadas no fórum intitulado *Análise de Software* para Produção Artística, reunidas no Anexo 7.

Ilustramos, também, com algumas imagens, os exercícios artísticos realizados pelos alunos em atividades práticas, resultado tanto dos textos teóricos e das orientações dos tutores, como das trocas de conhecimentos realizadas nos fóruns de debate e de trabalhos em grupo. A Figura 5 mostra um desses exercícios, na qual a aluna utilizou *Coreldraw*, um *software* de ilustração e layout. Já na Figura 6, foi usado um *software* para edição de imagens conhecido como *Photoshop*. Na Figura 7, a autora trabalhou com *Paint*, uma ferramenta gráfica de edição de imagens mais simples que as duas citadas anteriormente.

Figura 5⁴¹ - O poder simbólico do signo flecha através dos tempos

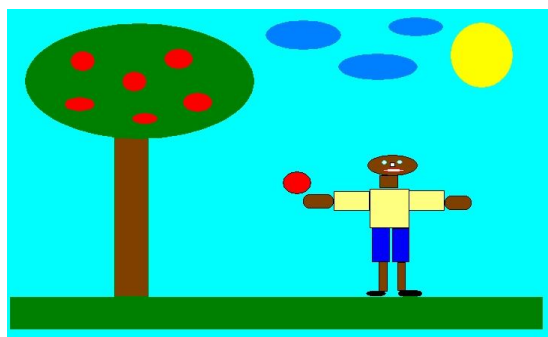


⁴¹ As figuras 5,6 e 7 são imagens produzidas pelas alunas Lílian França, Carolina Maria Silva Antônio e Júlia Nunes de Moraes. Para conhecer as outras 39 produções artísticas publicadas pelos alunos, acessar o sitio <http://arteduca.unb.br/galeria>

Figura 6 - Feirantes



Figura 7 – Alegria de criança



Acreditamos ser importante destacar que as interações ocorridas entre os alunos ao longo de todo o curso, nem sempre foram tão amistosas. O trabalho colaborativo exigia muita responsabilidade e comprometimento de cada um deles; necessitava, também, de solidariedade, respeito, tolerância e compreensão para com o outro. A cada atividade colaborativa, realizávamos um rodízio entre os alunos para compormos novas equipes de trabalho, de tal modo que trabalhassem juntos pelo menos uma vez ao longo do curso. Com tal estratégia criamos condições para que descobrissem afinidades cognitivas, afetivas ou simplesmente proximidades geográficas, de modo que quando chegamos a um determinado estágio do curso, os próprios alunos passaram a escolher seus grupos de trabalho de forma autônoma, responsável e consciente.

Foi um processo de difícil construção e que, algumas vezes, requereu uma intervenção mais incisiva do tutor para contornar situações de desentendimentos, discussões e conflitos nas equipes de trabalho. Apesar da dificuldade, os problemas ocorridos foram, em sua grande maioria, sanados, pois apenas alguns alunos (como

vimos no item 4.2) não conseguiram superar suas diferenças, fossem elas com outros alunos ou com tutores.

Verificamos a superação das dificuldades tanto ao longo do desenvolvimento dos projetos de aprendizagem como, posteriormente, em suas apresentações, ocorridas no encontro presencial. Todos os projetos foram construídos nas equipes de trabalho composta de alunos oriundos das mais diferentes regiões do país. Tais projetos resultaram de interações/diálogos/debates/negociações e pesquisas teóricas conduzidos num ambiente totalmente virtual, tendo sido, ainda, apoiados em pesquisas de campo nas escolas em que foram implementados, unindo, dessa maneira, teoria e prática pedagógica.

Com base em nossa observação participante, podemos dizer que os objetivos propostos, tanto na primeira quanto na segunda etapa do curso, foram alcançados, uma vez que: (a) ficou evidente a ampliação/construção da autonomia do aprendiz *online* com a utilização de estratégias inerentes à metodologia adotada pelo curso; e (b) foram realizados projetos interdisciplinares no contexto escolar, tendo a arte e a cultura como eixos norteadores e as novas tecnologias como ferramentas de apoio pedagógico no seu desenvolvimento.

Em relação à metodologia adotada, acreditamos que esta foi seguida ao longo do curso, pois: (a) promoveu a realização de atividades colaborativas, estimulando a interação, a partilha e a construção de conhecimentos entre os participantes, fundamentada no conceito de matriz humanizante; (b) valorizou o conhecimento prévio dos alunos; (c) permitiu a articulação entre teoria e prática; e (d) incentivou a auto-aprendizagem, contribuindo para a ampliação/construção da autonomia do aprendiz *online*.

Percebemos, ainda, que o curso colaborou para a aprendizagem autônoma principalmente a partir das seguintes situações: (a) interações ocorridas entre os pares (coordenador/tutor – aluno e aluno-aluno) nos fóruns de trabalho e de convivência; (b) pesquisas realizadas pelos alunos para a elaboração das atividades individuais e coletivas solicitadas a cada módulo; (c) exercícios de navegação no AVA e na Internet e utilização de recursos e ferramentas computacionais; (d) atividades práticas, nas quais além da necessidade de pesquisas teóricas, era também preciso fazer uso de *softwares* específicos para sua elaboração; (e) pesquisas de campo nas escolas em que foram realizados os projetos interdisciplinares; (f) escolha dos parceiros de equipe de trabalho; e (g) avaliações e auto-avaliações conduzidas regularmente.

No processo de ampliação/construção da autonomia do aprendiz *online*, os tutores tiveram papel fundamental, favorecendo sua concretização por meio das seguintes ações: (a) elaboração de roteiros de acesso, utilização e navegação no AVA; (b) orientação para a realização das atividades individuais e colaborativas; (c) prática da matriz humanizante; (d) estímulo à participação e ao diálogo nos fóruns de trabalho e de convivência e; (e) disponibilidade para interagir/orientar/mediar o processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, não foi um processo de fácil desenvolvimento, pois algumas limitações ficaram evidenciadas, entre elas situam-se: (a) a pouca ou nenhuma familiaridade do aluno com o computador, a Internet e o AVA, apresentada no início do curso; (b) a relutância do aluno em desconstruir sua expectativa de permanecer estudando em um modelo tradicional de ensino-aprendizagem, centrado no professor; e (c) a dificuldade do aluno trabalhar colaborativamente, seja por falta de afinidade entre os integrantes de uma equipe ou pela ausência de responsabilidade e comprometimento por parte de alguns estudantes na realização das atividades em grupo.

5 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos investigar a autonomia como possível caminho para o homem enfrentar um dos desafios da complexa sociedade contemporânea: saber se posicionar realizando suas escolhas de vida por meio de uma relação dialética que sintetize a capacidade de auto-regulação (autonomia) e a dependência ao contexto sócio-histórico no qual está inserido (heteronomia).

Direcionamos, então, nossa pesquisa para o estudo da autonomia na aprendizagem, entendendo-a como um instrumento que possibilita ao sujeito suprir suas necessidades e favorecer a permanente formação. Assim, a autonomia foi situada como exigência da contemporaneidade, demanda imposta pelo mundo atual, de grandes e aceleradas transformações, inclusive na forma de aquisição e construção de saberes.

Para apreender melhor este instrumento de ação humana, decidimos inquirir como se deu o processo de construção da autonomia na aprendizagem em um curso totalmente *online*, a partir das percepções de seus alunos e tutores, o que veio a ser o objetivo geral de nosso estudo.

Como vimos, o campo de pesquisa foi o Curso de Especialização (*lato sensu*) Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas, oferecido pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (IdA/UnB), no qual foram envolvidos 116 sujeitos, sendo 110 alunos (de um total de 136) e todos os seus seis tutores.

Do objetivo geral extraímos cinco questões de estudo, as quais responderemos ao longo deste capítulo, à luz da fundamentação teórica que embasou nossa pesquisa. A primeira delas refere-se à proposta do curso no que tange à promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem. Acreditamos que tal questão foi amplamente respondida no Capítulo 2, quando analisamos o contexto de nosso estudo. Apresentamos neste capítulo, mais sucintamente, os fatores que cooperaram para elucidá-la.

A partir da análise dos documentos consultados e dados obtidos ao longo da investigação percebemos que uma das grandes preocupações do curso foi contribuir para a promoção/ampliação da autonomia do aprendiz, esta considerada como condição fundamental para o sucesso de sua realização. Algumas ações evidenciaram tal preocupação, sendo a primeira delas o fato do curso ter sido dividido em duas etapas. Na etapa inicial, conforme exposto no programa do curso, os estudos e atividades

tinham como principal objetivo levar o aluno a compreender a importância de assumir uma atitude autônoma e colaborativa.

Concorrendo para o sucesso de tal objetivo, cremos que a adoção da metodologia colaborativa teve papel primordial, pois sua prática exigia dos estudantes responsabilidade na elaboração de sua parte nos trabalhos coletivos solicitados pela coordenação e tutoria. O êxito só era alcançado quando se atingia a meta grupal. Desta maneira, podemos entender que a “autonomia solidária pode corresponder à autonomia ética da responsabilidade coletiva” (BARBOT; CAMATARRI, 2001, p.42), reforçando a idéia da autonomia relacional, posto que para a concretização do processo de construção da autonomia o outro (seja ele, outro ser humano ou o próprio meio social) tem papel fundamental.

Como terceiro fator, indicamos a constante realização de avaliações e auto-avaliações pelos alunos e os respectivos *feedback* dos tutores. Esta ação contribuiu para que todos os participantes estivessem frequentemente refletindo acerca da importância da participação, desempenho e atuação não apenas deles próprios, mas, também, dos colegas e tutores para o desenvolvimento qualitativo do processo de aprendizagem. Neste sentido, a avaliação não é encarada como instrumento de poder, pois não há intenção de julgar ou comparar os estudantes, mas sim de possibilitar a redefinição de objetivos e caminhos que permitam aos alunos e tutores, meios para melhorar e aperfeiçoar suas produções (BARBOT; CAMATARRI, 2001, DEWEY, 1979).

A quarta ação tem a ver com a mediação propriamente dita. Nela pudemos perceber pelo menos três fatores que parecem ter contribuído para a construção/ampliação do processo de autonomia do aprendiz, a saber: (a) contar com dois tutores para cada turma de 50 alunos no máximo, possibilitando a geração de um relacionamento mais próximo entre os participantes, contribuindo para que os tutores conhecessem e valorizassem os conhecimentos prévios dos alunos, garantindo melhores condições para a concretização de aprendizagens significativas; (b) a adoção, por parte dos tutores e da coordenação de atitude amigável, respeitosa e cooperativa, na qual tanto se incentivou a interação, o diálogo e a partilha de vivências e saberes, como o conhecimento da zona de desenvolvimento proximal (VIGOTSKI, 2002) dos estudantes; e (c) a formação dos tutores fundamentada não apenas nos aspectos relativos ao exercício das mediações pedagógica e tecnológica, mas, igualmente, nos estudos conteudistas do curso, conferindo-lhes segurança e desenvoltura na orientação dos alunos ao longo do processo de aprendizagem.

A quinta ação proposta pelo curso, na qual evidenciamos a contribuição para a autonomia do aprendiz relacionou-se com o próprio ambiente virtual de aprendizagem. A ênfase dada, principalmente durante sua etapa inicial, à realização de exercícios de navegação pelo AVA, levou os alunos a conhecerem seus recursos e ferramentas permitindo que se apropriassem, conforme nos diz Kenski (2004), deste novo “espaço educacional” e que fossem, aos poucos, se descondicionando de determinados aspectos inerentes à sala de aula presencial, tais como a presença física dos professores e horários pré-determinados e fixos para as aulas acontecerem.

Assim, pudemos inferir que tanto na proposta como no próprio desenvolvimento do curso ocorreram ações concretas que buscaram contribuir para a promoção/ampliação da autonomia na aprendizagem.

A segunda questão deste estudo buscou saber como alunos e tutores definem construção da autonomia na aprendizagem online. É importante lembrar que esta pergunta não constava do questionário aplicado aos alunos durante o encontro presencial, realizado em julho de 2007. Esta foi a única questão em que tanto alunos como tutores responderam por meio de correio eletrônico. Acreditamos que por isto obtivemos um retorno pequeno por parte dos 136 alunos que finalizaram o curso (apenas 26,5% responderam à questão). Entretanto, mesmo não sendo um percentual tão expressivo quanto ao que conseguimos por meio do questionário aplicado presencialmente (81% dos 136 estudantes), pudemos obter algumas revelações interessantes.

Antes de apresentá-las, consideramos importante fazer duas ressalvas: (a) todos os tutores responderam à questão referindo-se especificamente à autonomia na aprendizagem *online*; (b) quanto aos alunos, apenas 25% assinalaram autonomia na aprendizagem *online*, enquanto 75% citaram autonomia na aprendizagem de um modo geral.

Ao analisarmos as respostas dos sujeitos da pesquisa, a primeira consideração a ser destacada é que apesar de alunos e tutores terem respondido de forma independente encontramos algumas percepções comuns sobre o conceito de construção da autonomia na aprendizagem, registradas na tabela a seguir.

Tabela 25 - Visão de alunos e tutores sobre a construção da autonomia na aprendizagem

Definições	Alunos		Tutores	
	Quantidade de citações	%	Quantidade de citações	%
É ser sujeito da aprendizagem, num processo em que a mediação pedagógica é necessária para que ocorra o aprendizado	9	25	3	50
É um processo que exige organização, disciplina e responsabilidade do aprendiz	6	16,7	2	33,3
É vencer/superar dificuldades	2	5,6	1	16,7

Constatamos, então, que a definição mais citada, tanto entre os alunos (25%) como entre os tutores (50%) foi aquela em que a autonomia na aprendizagem é vista como um processo no qual o indivíduo é sujeito da aprendizagem, em que a mediação pedagógica é necessária e importante para que ocorra o aprendizado.

Desse modo, podemos concluir que na visão de ambos – alunos e tutores – independentemente da modalidade educacional considerada (presencial ou *online*), a autonomia é um processo a ser construído a partir da determinação do sujeito, mas que não se concretiza solitariamente. Ao contrário, demanda o apoio e ação do outro, confirmando o pensamento apresentado por Morin (1990) que afirma sermos ao mesmo tempo dependentes e heterônomos, autônomos e livres, e por isto mesmo, seres complexos.

A segunda consideração é que para um percentual significativo de tutores (33,3%) e alunos (16,7%), a autonomia na aprendizagem é um processo que demanda responsabilidade, organização, disciplina, maturidade e compromisso. Acreditamos que tal posicionamento está relacionado à metodologia adotada no curso, que exige do aluno o desenvolvimento de tais características não apenas para garantir o êxito de seu próprio aprendizado, mas, também, o de seu colega, evidenciando, desta maneira, a interdependência entre os participantes. Na metodologia colaborativa todos os agentes são “potencialmente beneficiários e provedores de conhecimentos e cada um aprenderá com outros agentes [...] e ajudará os outros a melhorar sua competência” (DEPOVER, 2002, p. 157).

O terceiro ponto comum parece estar estreitamente relacionado ao anterior, remetendo-nos à necessidade do aluno adotar atitudes de organização, responsabilidade e comprometimento que o conduzam à construção do processo de autonomia,

transformando as dificuldades encontradas nesse caminhar em oportunidades e situações de crescimento e aprendizagem (SOUSA, 2006).

Mesmo não constando como percepção comum a ambos os sujeitos da pesquisa, é relevante salientar o fato de 22,2% dos alunos apontarem (ficando em segundo lugar como um dos fatores mais citados por estes) a importância da motivação como componente para a construção deste processo. Como vimos no Capítulo 3, a motivação é uma variável afetiva de extrema relevância para fomentar o interesse e o desejo de conhecer, contribuindo para o desenvolvimento do aprendizado.

Pareceu-nos, então, que os alunos viram o curso de forma motivadora. Não apenas por ser, para 80% deles, a primeira especialização e para 71%, o primeiro curso *online*, mas, especialmente, porque 99% dos pesquisados aprovaram a metodologia do curso e 94% consideraram que este correspondeu às suas expectativas.

Paralelamente, ao analisarmos as falas dos tutores acerca de seu papel no processo de construção da autonomia dos aprendizes, todos concordaram sobre a importância de estimulá-los neste sentido, seja para participarem dos fóruns de debate ou para a realização das atividades solicitadas.

Assim, se a motivação é um fator endógeno, indutor do desenvolvimento deste processo, o estímulo externo intencional realizado por meio da mediação pedagógica, cria condições para a aprendizagem ocorrer autonomamente a partir de “uma ação efetiva do ser aprendente” (MORAES, 2004, p.260), consolidando as visões apresentadas pelos sujeitos da pesquisa acerca da definição da construção do processo de autonomia na aprendizagem.

Em relação à nossa terceira questão de estudo, buscamos saber em que medida as práticas pedagógicas contribuíram para a promoção da autonomia na aprendizagem. Para respondê-la, lançamos mão de duas perguntas: (a) em que situações do curso o aluno aprendeu com autonomia; e (b) como os tutores contribuíram para que o aluno aprendesse com autonomia.

À primeira pergunta 98% dos alunos e 100% dos tutores responderam afirmativamente. Ao analisarmos suas respostas, levantamos quatro situações comumente mencionadas por ambos, o que é bastante representativo, visto a diferença quantitativa dos sujeitos pesquisados – 6 tutores e 110 alunos. A quantidade de percepções convergentes nos permite inferir que o curso, de fato, concretizou, por meio de ações pedagógicas, um dos principais objetivos a que se propôs, isto é, contribuir para ampliação/construção da autonomia do aprendiz.

Apresentamos, a seguir, uma tabela comparativa, mostrando as quatro situações mencionadas por tutores e alunos para evidenciar ações do curso, nas quais se aprendia com autonomia.

Tabela 26 – Situações de ensino em que se aprendeu com autonomia na visão de alunos e tutores

Situações de aprendizagem autônoma	Alunos		Tutores	
	Quantidade de citações	%	Quantidade de citações	%
Elaboração de atividades solicitadas ⁴²	51	55,4	3	50,0
Pesquisas realizadas	26	28,3	2	33,3
Interação nos fóruns	6	6,5	4	66,7
Elaboração do projeto interdisciplinar (PI)	3	3,3	4	66,7

Em relação à contribuição dos tutores para que os alunos aprendessem com autonomia, verificamos que todas as cinco ações citadas pelos tutores (ver Tabela 22) estavam também presentes nas falas dos alunos (Tabela 12). Segue, então, uma tabela comparativa dos dados encontrados nas Tabelas 12 e 22 que trataram da contribuição do tutor para a construção da autonomia do aprendiz na visão de alunos e professores, respectivamente.

Tabela 27 – Contribuição do tutor para a construção da autonomia na visão de alunos e tutores

Ações dos tutores	Alunos		Tutores	
	Quantidade de citações	%	Quantidade de citações	%
Orientar/acompanhar o aluno e as atividades	37	33,9	4	66,7
Estimular o aluno	29	26,6	6	100,0
Sanar dúvidas	20	18,3	3	50,0
Adoção da Matriz Humanizante	15	13,8	5	83,3
Mostrar-se presente e disponível	9	8,3	3	50,0

Da análise desses dados apresentados acima, pudemos depreender a importância do outro no processo de construção da autonomia, em uma perspectiva construtivista-interacionista (JONASSEN, 1996), baseada na adoção da metodologia colaborativa, como acontece no Arteduca.

⁴² Consideramos como atividades solicitadas tanto as individuais e colaborativas, como as práticas.

Percebemos que a partir das interações ocorridas por meio das atividades em grupo, da elaboração coletiva dos projetos interdisciplinares (PI) e da participação nos fóruns, ampliaram-se as possibilidades de relação entre sujeito e objeto de conhecimento.

Assim, com base nas atividades solicitadas, foram criadas situações de aprendizagem autônoma, seja por meio das pesquisas individuais ou por meio da relação dialética entre os sujeitos. A partir delas foi possível a realização de novas operações de reflexão, construção e sínteses de novos saberes, baseados nas experiências e conhecimentos prévios dos participantes (REGO, 2001, DEWEY, 1979).

Ficou, também, evidenciada a criação da zona de desenvolvimento proximal, visto que ao terem sido propostas atividades nas quais o conhecimento foi construído por meio da ajuda e interação entre os participantes, na busca de solução para os desafios apresentados, os estudantes foram se tornando, ao longo do desenvolvimento do curso, sujeitos de sua aprendizagem (VIGOTSKI, 2002).

Destacou-se, igualmente, a importância do papel do mediador assumido pelo tutor/professor, pois este não se apresentou como agente exclusivo da formação do aluno, mas sim como aquele que orienta e “estimula a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas” (PIAGET, 1998, p.15).

Acreditamos que para exercer tal papel dois aspectos mostraram-se relevantes. Primeiro, o estabelecimento do diálogo respeitoso e amigável, contribuindo não apenas, para que o tutor se inteirasse dos conhecimentos prévios dos alunos, orientando o aprendizado por meio de situações em que estes pudessem expressar aquilo que já sabiam, mas, também para a criação de laços afetivos. O destaque dado à adoção da Matriz Humanizante, tanto por tutores, quanto por alunos, mostra, como bem disse Freire (2006, p. 141), que a “afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”.

O segundo aspecto relacionou-se à formação teórica dos tutores do Arteduca que lhes possibilitou fundamentar sua prática pedagógica, de modo a poder sanar dúvidas, orientar e acompanhar as atividades solicitadas, permitindo ao aluno questionar, intervir e apresentar soluções próprias, proporcionando condições para o desenvolvimento de sua autonomia.

Após conhecermos as possibilidades de construção do processo de autonomia na aprendizagem, buscamos saber dos seus limites. Desta forma, nossa quarta questão de estudo investigou a respeito das dificuldades vivenciadas por alunos e tutores durante o curso e como estas interferiram na promoção/ampliação deste processo.

Ao analisarmos as Tabelas 15 e 23, sobre visão de alunos e tutores acerca das dificuldades na construção da autonomia, observamos que do total de seis aspectos destacados pelos tutores, quatro deles encontravam-se, também presentes, no relato dos alunos. Este número é bastante expressivo, indicando que tais aspectos configuraram-se como limitações para ambos os pólos do processo ensino-aprendizagem. Tais percepções são identificadas na tabela que se segue:

Tabela 28: Visão de alunos e tutores sobre as dificuldades na construção da autonomia na aprendizagem.

Aspectos destacados	Alunos		Tutores	
	Quantidade de citações	%	Quantidade de citações	%
Dificuldade de relacionamento/interação nos trabalhos colaborativos	24	22,9	2	33,3
Dificuldade ou falta de domínio do computador pelo aluno	20	19,1	3	50,0
Dificuldades dos alunos em acessar / navegar / utilizar os recursos do AVA	14	13,3	2	33,3
Dificuldades dos alunos em romper com o método tradicional de ensino e/ou de adaptação a um curso online	6	6,7	2	33,3

Parece-nos que os aspectos destacados da Tabela 28, derivam-se, na verdade, de uma situação que vai além do ambiente virtual de aprendizagem em que ocorreu o curso. Tais dificuldades, provavelmente, têm suas raízes no descompasso existente entre nosso sistema educativo (ainda fortemente embasado em parâmetros tais como a racionalidade científica, o pensamento cartesiano, a predominância do individualismo e a fragmentação do pensamento) e a ênfase dada, no mundo de hoje, à necessidade do indivíduo desenvolver múltiplas competências (MORAES, 2000). Dentre tais competências, podemos citar tanto a necessidade do uso crítico das novas tecnologias de informação e comunicação como a capacidade de autogestão e de “trabalhar em grupo de modo cooperativo e pouco hierarquizado” (BELLONI, 2003, p.5).

Inferimos, então, que um dos grandes desafios da educação parece estar em acompanhar as grandes mudanças que vêm ocorrendo no mundo, inovando os ambientes de aprendizagem, de modo a compatibilizá-los com a demanda exigida pela sociedade contemporânea, preparando-os para a era digital, interativa, interconectada e interdependente (MORAES, 2000).

Enfim, há que se buscar soluções, tanto nas instituições escolares como nas políticas educacionais, que minimizem a defasagem entre educação e desenvolvimento, nas quais dois aspectos devem ser considerados: (a) a importância de se investir na formação do professor por meio de sólida base teórica para que possa fundamentar sua prática pedagógica, dando-lhe subsídios para que saiba enfrentar, sem medo do novo, os desafios impostos pela sala de aula do contexto atual; e (b) a necessidade de integração e apropriação das tecnologias de informação e comunicação, como “ferramentas pedagógicas efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo” (BELLONI, 2003, p.6).

Por acreditarmos que a formação não deve ser dissociada da prática, nossa quinta questão de estudo direcionou-se especificamente aos alunos, buscando conhecer como a construção da autonomia na aprendizagem *online* se refletiu na sua prática pedagógica.

Ao nos reportarmos à Tabela 14, que apresentou a visão dos alunos sobre a relação teoria e prática, constatamos que o aspecto mais citado referiu-se à apropriação do uso do computador e da Internet. Verificamos nos resultados que a falta de domínio tecnológico foi uma das principais dificuldades apontadas por alunos e tutores para a construção da autonomia. Vencer a resistência às tecnologias digitais, segundo Alava (2002) representa recontextualizar a prática profissional do professor, contribuindo para que este reafirme seu papel de formador no contexto atual.

Desta maneira, podemos concluir que para 22,3% dos alunos respondentes (que no caso do nosso curso são também professores), conseguir superar essa limitação, vencendo o “medo da máquina” representou uma grande vitória. Não apenas por que significou a aquisição de uma competência técnica, mas, principalmente, por ter contribuído para que se sentissem capazes de aplicar este novo conhecimento às suas atividades pedagógicas e de formação continuada.

Os dois outros aspectos mais citados pelos alunos nos pareceram complementares e interdependentes, não apenas entre si, mas também, em relação às análises apresentadas na segunda questão de estudo. Detectamos que a construção da autonomia se refletiu na prática pedagógica por meio de mudança de atitude em relação aos estudos para 21,3% dos respondentes. Já para 18,1%, se deu por meio do incentivo à pesquisa, leitura e estudos teóricos na busca da resolução dos desafios propostos.

Concluimos que tais aspectos estão diretamente relacionados à necessidade apontada pelos alunos de desenvolver determinadas características (tais como

responsabilidade, organização, disciplina, maturidade e compromisso) requeridas pela metodologia adotada no curso. Com base em seus relatos (Anexo 3), pudemos inferir que ao adotarem ou desenvolverem tais características, estas se refletiram em uma mudança de atitude perante situações específicas de aprendizagem e, igualmente, naquelas de âmbito pessoal, conferindo-lhes autoconfiança e maior auto-estima.

Cremos ser relevante mencionar que 14,9% dos alunos relataram que se apropriaram e passaram a praticar a metodologia do Arteduca em sala de aula presencial. Ponderando que se trata de uma metodologia colaborativa, fundamentada em trabalhos em grupo e no conceito de Matriz Humanizante, percebemos, mais uma vez, a importância de considerar o processo de aprendizagem em suas dimensões cognitiva e intersubjetiva. Assim, constatamos ser possível a integração de alguns aspectos que são, na verdade, complementares, tais como teoria e prática e os saberes do mundo e os instituídos, superando a visão compartimentada do conhecimento, por meio da interação e diálogo baseados na afetividade, solidariedade, cooperação e respeito à diversidade (FREIRE, 2006, SOUZA SANTOS, 2003).

Diante dos resultados obtidos com nossa pesquisa, parece-nos importante reforçar dois aspectos que nela se evidenciaram. O primeiro refere-se à necessidade de abordagem (ou abordagens) teórica(s) que fundamente(m) a prática pedagógica cotidiana neste novo espaço virtual educativo. Em um ambiente inovador de aprendizagem, na perspectiva construtivista-interacionista, a parceria e cooperação entre os pares foram componentes fundamentais para o processo de construção do conhecimento e da autonomia do aprendiz. Neste sentido, constatamos que, conforme nos afirmou Becker (2002), a aprendizagem não é exclusividade do ensino, pois esta ocorreu, também, em função das interações/ações do aprendiz com o meio e seus pares, de tal maneira que este não se configurou como mero espectador ou copista de um conteúdo final, pronto e acabado, mas sim sujeito ativo e interativo na construção destes processos (de autonomia e de novos conhecimentos).

O segundo aspecto refere-se à importância de se ter respeitado as construções espontâneas dos alunos, promovendo o diálogo reflexivo entre seus conhecimentos prévios e os conhecimentos formais apresentados em sala de aula, promovendo a construção de aprendizagens significativas.

Acreditamos que a concretização desses dois aspectos no desenvolvimento das atividades pedagógicas contribuiu para que 98% dos respondentes considerassem o curso como instrumento favorecedor da construção de aprendizes autônomos. Cabe

ressaltar que sua proposta buscou fomentar processos de desenvolvimento da autonomia, tornando, assim, seus alunos agentes de sua própria aprendizagem.

Não podemos deixar de destacar que, para garantir a confiabilidade da pesquisa, foi criado no ambiente virtual do curso um fórum intitulado ‘Debate sobre Autonomia na Aprendizagem’, aberto a participação de todos os alunos e tutores do Arteduca. Neste fórum buscamos discutir o assunto direcionando-o às questões de estudo dessa pesquisa, de modo a dar um *feedback* do que apreendemos com base na análise dos questionários. Apesar de não termos contado com todos os 117 sujeitos da pesquisa, foram publicadas 68 mensagens, nas quais percebemos que os assuntos mais recorrentes referiram-se à conceituação de autonomia na aprendizagem e relatos do cotidiano escolar vinculados ao tema autonomia. Verificamos, então, que nestes registros as visões de autonomia confirmavam o que já tínhamos depurado das respostas oferecidas nos questionários. Seleccionamos algumas dessas visões e a transcrevemos a seguir por ser ela representativa da grande maioria que foi postada no mencionado fórum.

Eu acredito que a participação voluntária dos professores/alunos neste debate, dando continuidade ao compartilhamento de idéias, descobertas, pesquisas, significa, também, um exercício de autonomia de aprendizagem. Afinal, estamos todos buscando formas de aprofundar estudos, não é?

Acho que ser autônomo em relação à aprendizagem é o mesmo que ser protagonista dessa ação. Não é fácil conseguir romper com a postura tradicional, do professor como agente de transmissão de conteúdos por excelência e o aluno como um receptáculo, um agente mais ou menos passivo do seu processo de aprendizagem. Esse modelo já não é mais aceitável nem no ensino presencial. Acredito que para ocorrer uma aprendizagem significativa é necessário, que sejamos agentes ativos nesse processo de criação do conhecimento, que pode ser desenvolvido, por múltiplas fontes de informações a que temos acesso hoje, hábitos de pesquisas, análise e crítica. Essas ações enriquecem o desenvolvimento cognitivo.

*O Arteduca por meio de sua metodologia favoreceu o amadurecimento dessa autonomia. Em relação ao estudo on line, foi gratificante e desmitificador. O Arteduca é um curso virtual, on line, etc, não podendo assim, ser definido apenas como um curso a distância. O virtual me permitiu varias emoções, como choro, indignação, afeto e vou mais além, até o calor humano se fez presente. Se eu chegasse mais perto da telinha, poderia sentir a respiração da Leci, da Sheila e do Reginaldo. Creio que um curso do porte do Arteduca, não pode simplesmente ser definido como um curso a Distância, no conceito antigo da palavra. **E é essa virtualidade humanizada ou humanizante** que me permitiu sonhar, acreditar, mudar, chorar tantas vezes e me posicionar como sujeito da minha própria trajetória. Já estou emocionada de novo. É, o Arteduca tem disso, ele mexe com a gente. Volto depois. Beijos.*

Essa autonomia é exercida na medida da possibilidade de quem a pratica e conforme os recursos de que dispõe. Quanto mais interesse tiver no assunto, maior o tempo que será dispensado nessa aprendizagem autônoma e melhor será os resultados alcançados.

A autonomia me permiti buscar, conhecer, errar sem perder a auto-estima. Um ser autônomo seja adulto ou criança, não tem medo de errar, ele arrisca. Se errar, começa tudo de novo. Creio que a autonomia também se conquista com muito diálogo. É um escutar e um falar contínuo. Autonomia se conquista, é um processo que deve ser desenvolvido, construído aos poucos e de forma processual. Autonomia não é algo estático, que se conquista e pronto, não, ela esta sempre em desenvolvimento. Ela não pode ser estagnada. Ou pode? tudo vai depender do ser autônomo.

Finalizamos esta pesquisa com o depoimento de um dos alunos, no qual percebemos o nível de consciência e reflexão sobre o tema, pois de acordo com suas palavras *“percebo que este processo (de construção da autonomia) ainda está em construção. Constitui um processo contínuo desencadeado no Arteduca”*.

REFERÊNCIAS

ALAVA, S. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002.

ALMEIDA, M.E. *Informática e formação de professores*. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000.

_____. Incorporação da tecnologia de informação na escola: vencendo desafios, articulando saberes e tecendo a rede. In MORAES, M.C. (Org.). *Educação a distância: fundamentos e práticas*. Campinas: UNICAMP/NIED, 2002, p.71 – 90.

ALVES, J.R.M. *A educação a distância no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Avançada em Educação, 1994.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER F. *O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisas quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 2004.

ALONSO, K.M. Algumas considerações sobre educação a distância, aprendizagens e a gestão de sistemas não-presenciais de ensino. In PRETTI, O (Org.). *Educação a distância: ressignificando práticas*. Brasília: Líber Livro, 2005, p. 17-38.

BARBOT. M.; CAMATARRI G. *Autonomia e aprendizagem: a inovação na formação*. Porto: Rés-Editora, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BECKER, F. Construtivismo: apropriação pedagógica. In ROSA, D.E.G; SOUZA, V.C de. *Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BELLONI, M. L. *Educação a distância*. São Paulo: Autores Associados, 2003.

CAMPELLO, S. M. C. R. *Educação em Arte: uma proposta de formação continuada dos professores de artes visuais por meio da utilização das tecnologias de informação e comunicação*, Brasília, Distrito Federal: 2001.

_____. Modulo 1 do Arteduca. *Argonautas do Ciberespaço*. Brasília: UnB, Instituto de Artes, 2006.

_____. *A mediação pedagógica e a metodologia colaborativa na aprendizagem em rede*. Brasília, UnB, Instituto de Artes, 2007.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo:Cortez, 2003.

COTRIM, G.. *Fundamentos da filosofia: história e grandes temas*. São Paulo: Saraiva, 2005.

DÉLORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 2001.

DELUIZ, N. *Formação do trabalhador: produtividade e cidadania*. São Paulo: Shape Ed. 1995

DEPOVER. C. Um dispositivo de aprendizagem a distância baseado na partilha de conhecimentos. In ALAVA, S. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 153-170.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GONZALEZ, M. *Fundamentos da tutoria em Educação a Distância*. São Paulo: Avercamp, 2005

GOUVÊA, G; OLIVEIRA C.I. *Educação a Distância na formação de professores: viabilidades: potencialidades e limites*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

HATUGAI, M. R., *Contribuições para o desenvolvimento da autonomia de aprendizes de 5ª. série em escola pública: ensino de língua inglesa mediado pelo computador*- Universidade Estadual de Campinas Instituto de Ensino da Linguagem- Campinas, São Paulo – Campinas, São Paulo: [s.n.], 2006. (Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000384069>>) Acesso em 24 de fevereiro de 2007.

JONASSEN, D. O uso das novas tecnologias na educação a distância e a aprendizagem construtivista. *Em aberto*. Ano 16, n.70, abr/jun.1996, p.70-88

KENSKI, V. M. Novas tecnologias: o redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. *Revista Brasileira de Educação*, 1998 n.º 8 (Disponível em:

<http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE08/RBDE08_07_VANI_MOREIRA_KE_NSKI.pdf>) Acesso em 15 de junho de 2007

_____. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas, S.P: Papirus, 2004

KUENZER, A. Z. As políticas de formação: a constituição da identidade do professor sobrando. *Educ. Soc.*, dez. 1999, vol.20, no.68, ISSN 0101-7330.

LEMOS, A; CUNHA, P. (Orgs). *Olhares sobre a Ciberultura*. Porto Alegre, Editora Sulina 2003.

LEVY, P. *Ciberultura*. São Paulo: Editora 34, 2003.

_____. *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo. Editora 34, 2004

LEVY, P; AUTHIER, M. *As árvores do conhecimento*. São Paulo: Ed. Escuta, 1995.

LUQUE, M. Módulo 2 do Arteduca. *A mediação pedagógica em ambientes virtuais*. Brasília: UnB, 2006.

MANDU, E. N. T.. *Intersubjetividade na qualificação do cuidado em saúde*. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n4/v12n4a13.pdf>> Acesso em 26 de dezembro de 2007

MORAES, M.C. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 2000.

_____.(Org). *Educação a distância: fundamentos e práticas* Campinas: UNICAMP/NIED, 2002.

_____. *Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAN, J.M. *O que é Educação a Distância*. Disponível em < <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>> Acesso em 16 de novembro de 2007.

MOREIRA, M. A. *Ensino e aprendizagem: enfoques teóricos*. São Paulo, Moraes, 1985.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Paris: ESF éditeur, 1990.

OLIVEIRA, M. K. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997.

PACHECO, S. B. O jogo da imitação: o problema da avaliação da aprendizagem em ambientes virtuais. *Revista Brasileira de Tecnologia Educacional*, abril a setembro de 2003, n.º 157/158.

PETRAGLIA, I.C. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

PIAGET, J. *Para onde vai a educação?* Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

PRETI, O. Autonomia do aprendiz na Educação a Distância. In: PRETI, O. (Org). *Educação a Distância – construindo significados*. Brasília: Plano, 2000, p125-146. (Disponível em: <[http://www.nead.ufmt.br/documentos/Autonomia - Oreste_I07.doc](http://www.nead.ufmt.br/documentos/Autonomia_-_Oreste_I07.doc)>) Acesso em 6 de março de 2007.

_____. (Org.) *Educação a Distância: ressignificando práticas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

RANGEL, F. de O. *Ambientes multimidiáticos de aprendizagem: entidades mediando a autonomia*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas Instituto de Artes. – Campinas, SP: [s.n.], 2004. (Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000343834>>) Acesso em 24 de fevereiro de 2007.

REGO, T.C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

RIVERO, C.M.L; GALLO, S (Orgs). *A formação de professores na sociedade do conhecimento*. Bauru, S.P, Edusc, 2004.

ROCHA, A. C; CAMPELLO, S.M.C.R. Módulo 4 do Arteduca. *Autopoiese, construcionismo, construtivismo ou co-construcionismo*. Brasília: UnB, 2006

RUSSO, SGRÓ, DIAZ, Aprender a dizer sua palavra: do outro da razão à razão dos outros. Contribuições da ação educacional dialógica para a razão comunicacional. In: STRECK, Danilo R. (Org). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p.113-121.

SANTOS FILHO, J. C. dos. Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa. In: SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. (Orgs). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. São Paulo: Cortez, 1997, p.13-59.

SARAIVA. T. Educação a Distância no Brasil: lições da história. *Em aberto*. Ano 16, n.70, abr/jun.1996, p.17-27.

SCREMIN, S.B. *Educação a distância: uma possibilidade na educação profissional básica*. Florianópolis: Visual Books, 2002.

SOUSA. M. de .F G.; NUNES, I. B. *Abordagens técnico-históricas em educação a distância*. Brasília: SESI, 2003.

_____. Módulo 2 do Arteduca. *Aprender a aprender em Educação a Distância: a construção da autonomia do aprendiz*. Brasília: UnB, 2006.

SOUZA SANTOS, B.de. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2003.

SPRENGER, T. M., *Conscientização e autonomia em formação on-line de professores*. Tese (doutorado) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Lingüística Aplicada e Estudos de Linguagem – São Paulo, 2004 (Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200431433005010023P2>>)
Acesso em 24 de fevereiro de 2007

VALENTINI, C. B; FAGUNDES L.da C. Comunidade de aprendizagem: a constituição de redes sociognitivas e autopoieticas em ambiente virtual. In VALENTINI, C.B; SOARES. E.M.do S.(Orgs). *Aprendizagem em ambientes virtuais*: compartilhando idéias e construindo cenários. Caxias do Sul: Educs, 2005, p. 35- 42.

VALENTINI, C.B; SOARES. E.M.do S.(Orgs). *Aprendizagem em ambientes virtuais*: compartilhando idéias e construindo cenários. Caxias do Sul: Educs, 2005

VEIGA, I. P.; AMARAL, A. L. (Orgs). *Formação de Professores*: políticas e debates. Campinas, S.P: Papirus, 2003.

VIGOTSKI, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

Caríssimos Arteduquenses,

Depois de mais de um ano de convívio diário, estamos chegando ao fim de uma etapa da nossa jornada. Nossas mochilas, repletas de conhecimentos adquiridos e compartilhados ao longo do caminho, transbordam afetos e amizades construídos nas salas de aula e nos cafés do nosso ambiente virtual.

Neste momento, acreditamos ser fundamental refletirmos juntos, coordenadoras, tutores e estudantes sobre nosso processo de aprendizagem, para completarmos o ciclo **ação – reflexão - depuração – ação**. Sua participação nesta atividade é muito importante para que possamos avaliar nossas ações, nossa metodologia, nossos objetivos, enfim, todo o nosso processo de ensino-aprendizagem.

Vocês se lembram logo no primeiro módulo do curso Estratégias de Aprendizagem a Distância, em que falamos da importância de adquirirmos uma postura de aprendizagem ao mesmo tempo **autônoma** e **colaborativa**? Vamos pensar sobre isso?

Pedimos a todos que respondam, ao questionário abaixo. Tenham certeza de que a realização desta atividade não apenas contribuirá para que reflitam acerca da trilha de aprendizagem que construímos em nossa caminhada, mas, também, para que possamos aprimorar cada vez mais a qualidade do nosso curso.

Contamos com vocês!

Carinhosamente,

Coordenação e tutoria

1. Características básicas dos alunos:

1.1. Nome:

1.2. Tutores:

1.3. Sexo:

1.4. Cidade/Estado em que reside:

1.5. Escolaridade: Bacharel () Licenciado () Especialista ()

Mestre () Doutor () Pós-doutor ()

1.6. Curso de graduação:

1.7. Foi seu primeiro curso *online*? Sim () Não ()

1.8. Possui Internet em casa? Sim () Não ()

1.9. Se possui Internet em casa, ela é: Discada () Banda larga ()

1.10. Se não possui Internet em casa, como fez para acessar o curso?

1.11. Com que frequência você acessava o curso? Diariamente () Três vezes por semana () Fim de semana () Outros ()

1.12. Você está atuando em escola? Sim () Não ()

1.13. Qual é o segmento escolar em que atua?

1.14. Como você tomou conhecimento do Arteduca?

1.15. Que o motivou a fazer sua inscrição neste curso?

2. Objetivos:

2.1. Você conhece os objetivos do curso? Sim () Não (). Comente:

2.2. Acredita que eles foram alcançados? Sim () Não (). Comente:

2.3. O curso atendeu às suas expectativas? Sim () Não (). Comente:

3. Metodologia: - nossa metodologia é baseada em estratégias fundamentadas na auto-aprendizagem, em trabalhos colaborativos e na articulação de estudos teóricos com a prática profissional dos próprios estudantes.

3.1. O curso seguiu essa metodologia? Sim () Não (). Comente:

3.2. Você aprovou essa metodologia? Sim () Não (). Justifique:

3.3. Você considera que neste curso existem situações nas quais você realmente aprende com autonomia? Sim () Não (). Exemplifique:

3.4. Como seus tutores contribuíram para que você aprendesse com autonomia?

3.5. O curso contribuiu para que você se constituísse em um aprendiz autônomo?

3.6. A construção da autonomia em sua aprendizagem *online* refletiu nas suas práticas cotidianas? Sim () Não (). Explique:

3.7. Quais as dificuldades/limites vivenciados no curso que interferiram na construção/ampliação de sua autonomia na aprendizagem?

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO DOS TUTORES

4. Características básicas do tutor:

- 4.1. Nome:
- 4.2. Sexo:
- 4.3. Cidade/estado em que reside:
- 4.4. Escolaridade: Bacharel (☐) Licenciado (☐) Especialista (☐)
Mestre (☐) Doutor (☐) Pós-doutor (☐)
- 4.5. Curso de graduação:
- 4.6. Foi seu primeiro curso *online* como tutor? Sim (☐) Não (☐)

5. Objetivos:

Nosso curso se dividiu em duas etapas. Na primeira (Estratégias de Aprendizagem a Distância), seu principal objetivo era contribuir para a promoção/ampliação de uma aprendizagem autônoma e colaborativa em EAD. A segunda etapa (Arteduca) centrou-se em promover a formação de professores e profissionais da educação para o planejamento e implementação de projetos interdisciplinares (PI) relacionados com a arte e a cultura, em que fossem utilizadas novas tecnologias como ferramentas de apoio pedagógico para seu desenvolvimento.

- 5.1. Acredita que eles foram alcançados? Sim (☐) Não (☐). Comente

6. Metodologia: autonomia de aprendizagem - Nossa metodologia é baseada em estratégias fundamentadas na auto-aprendizagem, em trabalhos colaborativos e na articulação de estudos teóricos com a prática profissional dos próprios estudantes.

- 6.1. O curso seguiu essa metodologia? Sim (☐) Não (☐). Comente:
- 6.2. Você considera que neste curso existem situações nas quais o aluno realmente aprende com autonomia? Sim (☐) Não (☐). Exemplifique:
- 6.3. Como os tutores contribuíram para que o aluno aprendesse com autonomia?
- 6.4. Quais as dificuldades ou limites vivenciados no curso que interferiram no desenvolvimento/aplicação da metodologia proposta?
- 6.5. O que você entende por autonomia na aprendizagem *online*?

ANEXO 3

RESPOSTAS DOS ALUNOS ÀS QUESTÕES DE ESTUDO

1. O que você entende por autonomia na aprendizagem online?

Autonomia de aprendizagem é você conseguir pesquisar através da rede e livros sobre algo que precisa aprender ou realizar sem necessariamente ter a explicação de um professor. É também a facilidade que você encontra para vencer dificuldades, sendo que você é o sujeito de sua aprendizagem

É autônomo de sua própria educação aquele aluno que, consciente de suas necessidades, busca estudar para supri-las. O aluno que consegue desenvolver autonomia em sua aprendizagem cresce como ser humano, torna-se mais confiante e responsável consigo e como consequência a todos em sua volta. A maior dificuldade que um aluno experimenta é a falta de motivação. Sua falta causa pouca consciência, dificulta o aprendizado em sua mais profunda base: estudar o que? e pra quê? Escolher o que se estuda é um ato de mais clara consciência e a partir daí se pode criar uma verdadeira autonomia na sua própria aprendizagem.

Entendo como autonomia na aprendizagem o seguinte: A aprendizagem ocorre quando passamos por várias etapas do desenvolvimento, e adquirimos experiências através da relação com o outro e com o meio, o qual nos permite apropriação do que é ensinado do que se pretende aprender, fazendo uma relação com o nosso cotidiano, assimilando conceitos, que são construídos e aprendidos por meio de assimilação e trocas para serem utilizados por outras vivências. Assim, se forma a autonomia na aprendizagem, e o aprendiz faz deste aprendizado os seus momentos de reflexão, aquisição e apropriação da aprendizagem.

A aprendizagem online se caracteriza principalmente como uma aprendizagem autônoma, independente e voluntária, pois eu faço algum estudo online quando, onde, e se eu quiser. Estudo online, exige mais do interesse, da organização e do esforço pessoal do estudante, já que é ele mesmo quem decide sobre o seu próprio estudo, não tem professor ou instituição exigindo a frequência e a realização das atividades deste. O sucesso neste tipo de aprendizagem depende mais do interesse do estudante e da persistência dele em permanecer conectado com o ambiente virtual, buscando um aprendizado mais autônomo e independente de ter uma cobrança externa.

Eu penso que autonomia de aprendizagem é quando o professor joga uma semente de curiosidade ao aluno e o orienta por quais caminhos ele pode percorrer para aprender mais sobre esse assunto. A aprendizagem é autônoma pelo tempo e caminhos percorridos, mas nunca é solitária. Sempre precisa do orientador. Assim como pai e mãe existe para guiar seus filhos, os professores existem para orientar o aprendiz.

O aprendiz na EAD é senhor de si, do seu tempo e deve buscar alternativa para que não acabe sem motivação devido ao acúmulo de atividades. Por outro lado cabe a nós educadores oferecer alternativas prazerosas a nossos estudantes.

Entendo por autonomia na aprendizagem a vontade de querer aprender e participar de atividades desenvolvidas à distância, com responsabilidade, interesse e empenho em contribuir com um grupo de maneira a engrandecer o conhecimento de todos.

Penso eu que a Autonomia na Aprendizagem está diretamente ligada à concepção de educação que o aluno/aprendiz tem, e ao mesmo tempo como ele encara a evolução tecnológica. Aprender para mim é um instrumento de evolução em razão da minha concepção filosófica, pois ser Espírita implica estar envolvida no conceito da interpretação da simbologia das asas do anjo (sabedoria e amor), portanto estar ligada ao estudo, a pesquisa, a compreensão do meu eu, meu posicionamento diante da vida e das atitudes que tomo, ao mesmo tempo da compreensão da atitude do outro, do qual

sou espelho segundo diz Ângelo Gayarsa. Essa postura direciona o saber, o aprender com a base na autonomia, ou seja, querer entender, descobrir e abrir novos horizontes, através de leituras diversas, em tecnologias distintas. Como a evolução não está destituída do fator tempo e do progresso da humanidade estar atenta aos instrumentos que possibilitam entender o mundo e estar ligada às oportunidades de avanço na profissão de educadora, torna-se uma extensão da autonomia. Ser autônomo significa buscar o próprio caminho e cursos on-line ampliam esse horizonte, derrubam barreiras, nos colocam frente a desafios e contribuir para que haja ampliação na tarefa de aprender, de ser aprendiz.

Para mim, autonomia na aprendizagem on-line é um estado muito pessoal de maturidade. O aluno precisa ter um perfil adequado para poder assumir esse compromisso, uma vez que será ele mesmo quem decidirá como irá trabalhar essa autonomia, portanto, será o responsável pela garantia do seu sucesso ou não.

Nesse processo todo de estudo a distância tivemos momentos de muito trabalho e estudo e a autonomia estava presente em todo momento do processo. Buscamos sempre no decorrer das nossas vidas alguém que nos dê um SIM ou um NÃO, ou seja, buscamos um tutor para nos obrigar a trabalhar... pensar... e ser feliz... e a distância não. Nós mesmos somos como os controladores de nós mesmos.

Pensar em autonomia de aprendizagem me leva de imediato a pensar no “dom”. Assim comecei a refletir, assustei. Comecei a pensar a experiência arteduca, quando aprendemos que autonomia pressupõe cooperação. Ainda que considerando o “dom” só terá validade como ponto de partida para argumentar o movimento possível de se realizar e nunca para justificar uma diferença estável, portanto a autonomia é um estado móvel que no instante em que aprendo, alguém está possibilitando-me sentir autor. Nesse sentido a autonomia se constitui de aprendizagens bem sucedidas, que são enriquecidas por lembranças por meio dos signos. Autonomia de aprendizagem é o reconhecimento de um ser que aprende incessantemente, ativado por outro e legitimado por si mesmo para relembrar ou produzir conhecimentos para uso coletivo a ponto de perder a autoria original. Como nesse instante onde já não sou sozinha, mas unida com outros educadores comprometidos de algum modo na minha formação bem como outros termos que vão surgindo: identidade, direitos, compromisso e amor, convergindo no dom humano de criar e recriar relações.

Para mim ter autonomia da aprendizagem é quando o aluno/sujeito se reconhece como responsável e ativo pelo seu processo de aprender, que reflete sobre o seu desenvolvimento, tendo uma postura dialética frente ao conhecimento.

O fato de que a centralidade do papel do aluno torna-se elemento de fundamental importância e a figura do professor fica reduzida. Coloca-se em destaque a autonomia do aprendiz que pode escolher o que estudar, o que ler, de que forma e quando quer. Entretanto, isso não significa liberalidade, ou seja, total ausência de regras, mas a possibilidade de que, mesmo seguindo um ritmo próprio, o aluno alcance a aprendizagem pretendida.

É estudar por prazer, sem ser obrigado. É quando você consegue estudar sozinho e separa determinados tempos/ horas para fazê-los. É quando você procura além do que lhe é oferecido.

Entendo que a autonomia de aprendizagem seja uma das metas da aprendizagem eficaz. Digo, meta porque penso que o ato de aprender careça de mediação e de facilitação do seu processo e por meio desta mediação, o educando pode alcançar a autonomia, ou seja, pode aprender com sede, com vontade, com desejo, com independência, mas nunca sozinho. Esta aprendizagem deve ser colaborativa e mediada.

Entendo autonomia na aprendizagem como sendo um processo aonde o educando constrói e reconstrói, a partir de relações que se manifestam em um ambiente motivador de ensino-aprendizagem, metodologias que lhe sejam capazes de acessar, processar, internalizar, operacionalizar e aplicar o conhecimento sistematizado. Embora autonomia, num primeiro momento, indique a idéia de independência, é impossível o conhecimento ser produzido e adquirido sem que as relações (sociais, acadêmicas, culturais e pessoais) entre educadores e educandos aconteçam.

Considero que a autonomia na aprendizagem seja: a condição realizada pela consciência adquirida pelo educando como agente e autor do seu processo educativo. Estando este processo educativo voltado para uma educação analítica, reflexiva e não bancária...que os conteúdos educativos realizem a simultaneidade, aonde o educando transforme o conteúdo sobre suas ações, capte a realidade e expresse por meio de sua linguagem criadora.

Para me situar no debate vou contar um pouco de minha prática em sala de aula. Trabalho com crianças de 5 anos de idade, aqui na rede de ensino da prefeitura do Recife é o GV. Os meus alunos são bastante autônomos para a idade deles. Apresentei em uma socialização de experiências da rede um projeto que desenvolvi em sala de aula cujo tema foi autonomia na aprendizagem. Tudo na minha sala de aula é combinado, os alunos são quem decidem, sob a minha orientação, o que vamos ver durante o período em que estamos na escola. Portanto eles são protagonistas da própria aprendizagem. Parto do princípio que ninguém ensina a ninguém, o professor exerce o papel de facilitador, e também o motivador para determinados assuntos, tudo centrado em uma prática interdisciplinar. Quando o aluno está motivado a aprendizagem ocorre de forma natural. Depois relatarei as experiências que temos dentro da sala de aula.

A independência de organização do próprio aprendizado de acordo com o ritmo, associações e inter-relações que cada pessoa cria, torna esses arranjos importantes dentro de uma visão combinável, benéfica para a sociedade.

Autonomia é desenvolver o gosto pela pesquisa e criar sua capacidade de experienciar seus estudos. Com a aprendizagem a distância isso fica evidente pois depende muito do interesse e pela busca do aprendiz. Quando estamos no presencial almejamos muito essa prática autônoma e na educação à distância fica nítido esse valor. É claro que devemos estudar e o tempo é favorável ao aprendiz quando se organiza no processo de aprendizagem. Contudo, a aprendizagem autônoma pra muitos é complexa para o aluno que não tem iniciativa pra buscar o conhecimento. Já para o discente que tem vontade de conhecer e saber essa forma de aprender se encaixa a todas as expectativas e anseios.

Entendo que autonomia de aprendizagem é a pesquisa e construção do conhecimento realizado independente, onde o aluno é o responsável pela sua produção a partir de pesquisas e leituras complementares que contribuam para o enriquecimento do tema em estudo. Acredito que para a construção de uma postura autônoma o aluno deve ser estimulado a buscar o conhecimento sem necessariamente esperar que todos os conteúdos sejam oferecidos pelo professor. Procuro estimular meus alunos a formarem uma postura autônoma, mas muitas vezes percebo que eles se confundem, realizando pesquisas na internet e copiando tudo o que encontram, não retiram de suas pesquisas os elementos essenciais para a construção do conhecimento e este tipo de postura precisa ser discutido e trabalhado constantemente para que possam cada vez mais assumir uma postura autônoma de aprendizagem.

Eu entendo autonomia da aprendizagem como uma etapa de um processo onde se oferece a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre um determinado assunto.

Essa autonomia é exercida na medida da possibilidade de quem a pratica e conforme os recursos de que dispõe. Quanto mais interesse tiver no assunto, maior o tempo que

será dispensado nessa aprendizagem autônoma e melhor serão os resultados alcançados.

O que entendo de autonomia de aprendizagem, é aprendizagem significativa, é quando nós mesmos temos a maturidade de examinar de forma criteriosa o conhecimento que estamos produzindo e assimilando, e também se tal conhecimento não tem um fim em si mesmo.

Em minha opinião autonomia na aprendizagem são formas novas de se buscar conhecimento.

Sobre a Autonomia da Aprendizagem, penso que é um processo de aprender a aprender motivado por um forte interesse pessoal, favorecido pela razão emancipatória dos sujeitos, é singular, é intransferível e garante a aprendizagem da autonomia.

É a aprendizagem construída através de estímulos e interesses próprios do aluno. Para que esta aprendizagem ocorra, é necessário que o aprendiz tenha disciplina, motivação e um objetivo a alcançar. Este processo é cumulativo, pois leva-se em consideração os saberes adquiridos ao longo do percurso por parte do aluno e a competência que ele possui para avançar nos estudos. A presença de um educador é fundamental para que o aprendiz seja orientado e acompanhado no desenvolvimento de seus estudos, no sentido da aquisição de estratégias de aprendizagem.

Autonomia na aprendizagem significa controle do aprendiz sobre aquilo que está buscando e não necessariamente que busque um determinado conhecimento ou esteja sendo conduzido a uma busca sistemática e planejada. A amplitude do termo leva a buscarmos uma definição que pode até compreender-se na existência de uma liberdade de ação pelo aprendiz e que possa ocorrer uma busca sem finalidade específica: essa de finalidade pode ou não levar a apreensão de conhecimento. Por sua vez, o ensino à distância, mediatizado, planejado, não se aproxima dessa autonomia que comparamos ao navegador de Internet, o internauta, pois que não possui em si o caráter de busca de conhecimento, situação que ocorre raras vezes, levando mais ao aprimoramento da técnica de buscar informações do que propriamente de incorporar novas informações que possam conceder autonomia e crescimento que notoriamente o processo de ensino a distância se propõe. Por isso que um curso a distância difere-se da navegação pura e simples em sites que possam apresentar conteúdos didático pedagógicos. A rede concede autonomia total quando se trata de navegação, porém, a autonomia na aprendizagem só ocorre se existir a intenção de buscar o conhecimento. A proposição, portanto, do ensino a distância mediatizado, que sugere, informa, dialoga, cobra, orienta e determina ações tem o caráter de evitar que ocorra solução de continuidade com o conseqüente abandono. Aliás, a característica do navegador, do internauta é abandonar o site a primeira dificuldade. A mediatização funciona como o instrumento que permite o prosseguimento e a manutenção da autonomia no processo de aprendizado. O termo, então, pode ser um sinônimo para navegar na Internet ou ler um livro e obter informações diversas, mas precisa de uma outra palavra ou abordagem para significar aprender conhecimento autonomamente via novas tecnologias em ações mediatizadas e possibilitadas através do ensino e da educação a distância, se é essa a tradução e o significado que se pretenda atribuir para o termo. Penso eu, salvo a turma da academia.

Aprendizagem autônoma, o aluno deve ser responsável pela sua aprendizagem, o que não está subentendido a eliminação do professor na mediação dessa aprendizagem.

Autonomia na aprendizagem, como um caminho que vou construindo a medida em que formulo novos conceitos. Eu diria não apenas formular conceitos, mas, ser capaz de mudar conceitos ou concepções já estabelecidas. Ser um construtor-mor, não significa não ter por perto, tutores, educadores, etc Mas, como sujeito construtor, conduzo minha aprendizagem de forma significativa; faço escolhas, agrego saberes que considero relevante no meu processo de aprendizagem.

Comecei a refletir sobre a questão da autonomia na aprendizagem e algumas idéias sobre o assunto vieram à tona, na minha visão. Para mim, a capacidade da busca pelo conhecimento transporta o homem a idéias e a novos ideais muitas vezes fora de uma realidade. A faculdade de imaginar, de criar novos horizontes é sempre algo positivo, pois assim podemos crescer, cada vez mais, num patamar que permita crescimentos e proporcione pequenas transformações, que, ao longo do tempo, tornam-se fundamentais para novos desenvolvimentos. Pensando dessa forma, o processo autônomo da aprendizagem apresenta-se, na prática, aliado à intervenção indagadora, à curiosidade, ao estímulo da reflexão crítica do indivíduo, somado à sua formação cultural crítico/apreciadora. Afinal, cada indivíduo é proveniente de uma estrutura cultural com significações fundadas na sociedade em que vive. Portanto, o sistema permite a promoção da auto-reflexão e o desenvolvimento da percepção, explorando a capacidade crítica e recriadora, incitando a curiosidade e a criatividade, influenciando julgamentos e desafiando padrões sócio/culturais preexistentes, permitindo que múltiplas informações e significações adquiridas que são compreendidas a partir de uma vivência própria. Baseada em princípios da aprendizagem significativa, a autonomia da busca do saber envolve a apreensão da realidade e a convicção de que a mudança é possível, com vistas à superação das dificuldades. Esse método pretende estimular a auto-aprendizagem e interferir no processo de reflexão de cada um, rumo a garantir o desejo de aprender e a busca por novos conhecimentos pelos participantes, proporcionando, assim, um sucesso no processo de aquisição de um novo saber.

Após ter feito o curso "aprendendo a distância", obtive grande avanço no sentido de aprender com autonomia e responsabilidade, todas as etapas do curso contribuíram para essa autonomia, fundamental para todo o processo de aprendizagem. No decorrer do curso tivemos todo apoio necessário dos tutores e coordenador, assim pudemos concluir com qualidade o curso. O material didático utilizado me proporcionou contato com esse mundo virtual, eu que não tinha muito conhecimento, passei a gostar e querer mais. Terminei a pós "Arte Educação e Tecnologias Contemporâneas" onde finalizei com um projeto de inclusão, Arte e Tecnologia. Agora não quero mais parar. Quero continuara meus estudos, quem sabe a distância.

Autonomia na aprendizagem é para mim a condição que uma pessoa, no caso o aprendiz, adquire de ir por si mesmo em busca do conhecimento. Aprender de acordo com suas condições e capacidades, sem que haja "pressão", "cobrança" por parte do ensinante. Não há dúvida de que o ARTEDUCA contribuiu para a ampliação de minha capacidade de autonomia de aprendiz. Hoje sei onde buscar e como trabalhar os conhecimentos de adquire em minhas aprendizagens

É maravilhoso sentir esta proximidade virtual e porque não dizer, esta mudança ocorrida nas nossas vidas através da matriz humanizante. Pelo visto, ela também é responsável pela nossa autonomia no ato de aprender, pois através dela nos disciplinamos e criamos mais responsabilidade no ato das nossas responsabilidades.

Autonomia é a capacidade que uma pessoa tem para buscar, ler, interpretar os hipertextos que podem ler na mídia atendendo a sua pesquisa em determinados assuntos.

2. Você considera que neste curso existem situações nas quais você realmente aprende com autonomia?

No momento em que são propostas as atividades. Principalmente individuais.

Marquei os dois pelo seguinte: muitas vezes eu particularmente tive que recorrer a outros colegas ou meus familiares, mas acredito que isso ocorre com toda novidade em sua vida, por outro lado, tinham atividades em que a autonomia fluía naturalmente.

Os estudos dos módulos e cada síntese que tenha que elaborar.

A autonomia, como também a relação entre grupos é essencial para aprendizagem e convivência em qualquer situação.

Quando realizava pesquisas, porque tinha dúvidas procurava descobrir as respostas aos meus questionamentos.

No uso das ferramentas digitais para um curso online.

Creio que desde o começo do curso, somos instigados a desenvolver esta autonomia.

As produções práticas que o curso proporciona.

Realmente é preciso criar disciplina de estudo, por não ter horário marcado. Eu precisei criar este hábito.

E como! Para alguém como eu que nunca fez um curso de computação, hoje já uso recurso online que não saberia ficar mais sem eles, para o meu dia a dia.

Proporcionou, a mim, educanda, liberdade de reflexão. Total liberdade.

Precisamos pesquisar, relacionar, buscar e questionar. Mas questiono a minha falha no conhecimento básico da arte-educação: eu não me encaixo no perfil pois todos já possuem esta base? Ou a base poderia ter sido mais contemplada?

Com certeza. O aprendiz que desperta esse gosto percebe que a prática é muito importante e que devemos ir a busca pra não ficarmos estagnado. Principalmente nos momentos dos apuros e compromissos a autonomia fica evidente.

No módulo, quando estávamos com o desafio de construir uma obra artística para construção de nossa 1ª mostra de trabalhos na galeria do Arteduca.

Em quase todos os módulos.

Na minha opinião, o tempo todo exige um perfil de autonomia. Você tem que participar e construir o conhecimento.

A troca de experiências com as coordenadoras, tutores e colegas são resultados satisfatórios.

Pois os tutores nos guiam, e não nos adestram.

Já de início no curso estratégico de ensino a distancia é um exemplo, pois tive que mudar o meu modo entender esse formato de ensino.

O debate sobre os textos nos fóruns.

Quando temos atividades para desenvolver toda semana com leitura e exercícios.

No módulo da professora Suzete Venturelli, tive que buscar outros caminhos para conseguir realizar a atividade, assim como foi interessante aprender a utilizar o Photoshop CS2, no módulo que tratava das imagens.

Sim porque para se obter autonomia é preciso também ter disciplina e o próprio curso exigia esta disciplina o que nos levou à pesquisas e estudos direcionados.

Quando se tem que buscar e construir seu espaço, material e tempo.

Dentro desta metodologia e compromisso com as atividades e estudos propostos, se temos responsabilidade, aprendemos com autonomia.

Quando tenho que estar presente no AVA, isso favorece, os primeiros vínculos com o AVA depois minha autonomia é que vai permitir a qualidade da minha formação.

Na exigência de participar com eficiência dos trabalhos colaborativos, necessitando pesquisa e estudos.

Os módulos não trazem tudo pronto, você precisa complementar com outras leitura e deve ser responsável por reservar determinados horários pra estudo.

O curso é a própria autonomia, sem ela não existiria trabalhos tão especiais como neste 3º encontro.

No Módulo de Suzete, por exemplo, só conseguiu concluir os exercícios quem realmente atuou, refletiu, depurou e agiu novamente... foi maravilhoso!

É uma constante busca para aprender. O Arteduca planta uma semente que não nos deixa quietos, queremos sempre mais.

O estudo dos textos e as produções artísticas virtuais.

Quando se acessa o ambiente recebe um módulo e tem-se que dar conta de estudar e realizar as atividades de acordo com o esforço e tempo de cada um.

Todas as situações o aluno aprende com autonomia (no curso)

Primeiro pela disciplina que adquiri, pela rotina de estudos, e principalmente pela necessidade contínua de aplicação dos conceitos apreendidos.

Com certeza sim. Poderia exemplificar um momento bastante significativo ara mim, porque o mais desafiador, que foi o módulo 6 – imagem interativa, no qual tive que elaborar uma imagem que se movia na tela, criada por mim, a partir de dados que até então eu desconhecia totalmente. Foi um grande aprendizado autônomo, contudo com muito apoio de tutores, da Suzete Venturelli e da coordenação.

Organização do tempo para o estudo. Coletividade.

A disciplina já é uma autonomia, e nos acompanha durante todo o processo. Precisamos procurar outros materiais, fora os que o Arteduca já proporciona, para nos atualizar, entender e aprender sobre temas propostos nos variados módulos, pois, certamente, muitos foram as novidades para mim!

Os textos, bibliografia complementar, links e debates possibilitam que seja desenvolvida a autonomia na construção do conhecimento.

Como sou da área de música e não tinha familiaridade em usar o computador, senti que através dos estímulos em buscar as pesquisas que fomos motivados a realizar na Internet, livros, revistas, jornais e materiais que comentassem o uso da tecnologia.

É uma autonomia viabilizada por materiais escritos e reflexões de outros

Leituras, trocas (fórum) conhecimento, resumos, resenhas, pesquisas etc

Em momentos antes de procurar os colegas e me surpreendia, conseguindo superar meus limites, especialmente em relação ao uso das ferramentas, o que foi muito bom para meu discurso e prática cotidianos.

Busca por autores, artigos, que acrescentem o que se estuda.

As produções práticas: como o módulo da professora Suzeti, as atividades e leituras.

As propostas de atividades; as avaliações processuais; a responsabilidade consigo e com o outro.

Na realização dos trabalhos individuais e nas datas estipuladas para postar os trabalhos.

A produção de relatos, pesquisas, etc.

Sim, no curso, ou você desempenha as atividades ou sai fora. Se não levar a sério você se sentirá discriminado perante o conteúdo proposto. Um exemplo de autonomia seria a minha capacidade de defender os módulos estudados.

Diversificar as atividades que relaciona arte.

A exemplo, ainda na 1ª etapa, da pesquisa de site que falassem sobre a Escola Bauhaus e seguindo com a escolha de um artista para que o estudássemos; na atividade proposta sobre os games, quando também tivemos que buscar sites que complementassem nossos conhecimentos sobre o tema.

Um exemplo é que os tutores disponibilizam o tema a ser estudado e um pouco de conteúdo o resto fica por nossa responsabilidade.

Em todo o tempo, cada reflexão, cada atividade, até mesmo a sua rotina de aprendizagem e estudo, tem de ser feita por você mesmo.

Uma situação muito particular, quando me deparei com o módulo 6 – imagem interativa com a professora Suzete Venturelli, eu fiquei chocada, não tinha repertório, não tinha vivências para contar, etc... daí mergulhei de cabeça e comecei a pesquisar o que podia me alicerçar para dar conta do módulo. Busquei o histórico dos jogos eletrônicos, dos vídeo games, entrevistei pessoas que jogavam muito, fui visitar casas que ofereciam jogos eletrônicos e me lancei nesta aventura, enfim foi uma riqueza de aprendizado aquele momento.

No módulo da professora Suzette onde eu não sabia de nada em tecnologia e consegui dá conta do conteúdo, exceto no que diz respeito a minha Internet aqui que é péssima.

Na realização das tarefas.

Após a leitura dos módulos, o desenvolvimento das atividades muitas vezes era individual e depois colaborativa. Isto desenvolve a regularidade e autonomia.

A partir do momento em que nós determinamos os nossos horários de estudo e buscamos em fontes de pesquisas um crescimento na área estudada.

Quando nos é proporcionado ferramentas digitais para desenvolvimento das atividades.

Porque nós é que temos que pesquisar e ler sobre o assunto e os tutores só mediam a aprendizagem.

Um exemplo é que os tutores disponibilizam o tema a ser estudado e um pouco de conteúdo o resto fica por nossa responsabilidade.

A todo o momento. No desenvolvimento de cada atividade, na busca de informação, na construção de relacionamentos, etc.

Por exemplo, quando observamos ou não sabemos um determinado conceito, e começamos a pesquisar sobre ele, e realizar um processo de busca com investigação a partir da curiosidade em saber sobre algo que não se conhece.

Os aspectos que mais me chamaram a atenção: as discussões nos fóruns e os prazos para a realização das tarefas (respeito ao calendário)

O tempo todo isto esta posto a prova. Aprende mais quem deseja.

As propostas de trabalhos do curso permitem de maneira motivadora essa aprendizagem.

A própria criação do PI.

A autonomia no processo de aprendizagem permeia todo o curso! Não só pela modalidade a distancia, mas pela forma, pela metodologia utilizada na proposta das tarefas, na liberdade na forma de organização da sua própria participação...

Em todo momento. Não acredito que alguém ensina a alguém. Acredito que eu aprendo. Somos seres autônomos e autodidatas também.

Na verdade acho que a autonomia é relativa, pois de um modo geral sempre temos ajuda e orientação de alguém. Valorizo a busca, a iniciativa de buscar meios para aprender. Em tecnologias, por exemplo, não conheço ninguém que saiba tudo, então sempre você recebe ou dá ajuda. Há sempre uma interação para aprendizagem.

O aluno tem que buscar o tempo todo construir o conhecimento e fomos estimulados para isso.

O módulo de imagem interativa da professora Suzette Venturelli.

O curso exige disciplina, organização e independência.

A construção do PI nos deu, realmente, muita autonomia.

No meu caso, assumi um compromisso comigo mesma em estabelecer o meu “tempo” destinado ao cumprimento de todas as atividades propostas, dessa forma, consegui aprender com autonomia.

Muitas vezes se fez necessária a presença de um mediador para que apoiasse a busca da autonomia.

As atividades individuais; o próprio acesso do curso e as pesquisas extras.

Como sou da área de música e não tinha familiaridade em usar o computador, senti que através dos estímulos em buscar as pesquisas que fomos motivados a realizar na Internet, livros, revistas, jornais e materiais que comentassem o uso da tecnologia na arte, aprendi a ser autônoma no uso do computador, e isso é um dos maiores ganhos na minha jornada deste Curso, pois meus alunos nascem com a tecnologia e como professora, sentia e sinto que preciso sempre estar próxima desta realidade como recurso para transmitir e deixar minhas aulas fascinantes e motivadoras, não só para os alunos, mas para minha realização pessoal como apaixonada pela educação musical.

Muitos. Embora essa autonomia também há um pouco (ou muito) de sócio-construtivismo.

Teve textos nos módulos que necessitavam de aprofundamento teórico, onde era imprescindível que, por conta, própria, pesquisássemos, buscássemos as informações.

Você é o responsável pela construção do seu conhecimento.

A necessidade de aprender com autonomia a cada módulo, interagindo colaborativamente nas atividades.

O trabalho final cujo resultado é fruto de diversas experiências.

Ao realizar as etapas individuais e depois coletivas e socializar as aprendizagens nos fóruns.

Na minha opinião o aprendizado ocorreu com certa autonomia, pois, o aluno tinha espaço para expor suas opiniões e usar sua criatividade.

Situações que requerem a exploração de programas para executar as tarefas.

Acho que a busca do conhecimento, aconteceu na motivação de cada um, a matriz humanizante fator principal para sermos “construtores” do próprio caminho.

Os tutores fazem a proposta e o próprio aluno busca ampliar seu conhecimento através da pesquisa e da socialização daquilo que achou mais significativo.

A busca por maiores informações sobre assuntos tratados, aplicação na vida pessoal e prática educativa.

Os estudos dos textos teóricos, as pesquisas, relacionadas aos conteúdos dos módulos, etc.

Quando os tutores nos orientam a descobrir por nossa conta novos horizontes educacionais e intelectuais.

A preocupação de não deixar tudo por conta de uma só pessoa faz uma diferença danada, pois, todo assunto tem que ser tratado por igual e quando um não sabe do que se trata, é preciso estar antenado e seguro para ajudar e contribuir com alguma coisa.

3. Como seus tutores contribuíram para que você aprendesse com autonomia?

Levantando questões para que eu respondesse de acordo com as atividades propostas.

Sempre com estímulos de carinho, reforço, dizendo que somos capazes.

Orientando a resumir os módulos e entregando no prazo certo

Com orientações objetivas e acompanhamento detalhado.

Por meio de motivação/ estímulo, cobranças e ajudas nas dúvidas.

Com incentivos e sugestões para atividades.

Mostravam caminhos e dicas em relação ao que tinha sido proposto, mas questionavam

Nos mostrando possibilidades (e realizando reflexões) diversas para nossas reflexões e disponibilizando ferramentas digitais assim como os textos/módulos norteadores do curso.

Nos deram todo suporte em todo o curso, e deram sugestões de leituras, sites para que pudéssemos acessar.

Na orientação de todas as atividades e estudos propostos.

Eles eram bastante presentes, sempre que tinha algum questionamento, era sempre atendida.

Através do incentivo e principalmente da colaboração dos colegas do curso, que acabavam criando um afeto de amizade no incentivo dos trabalhos.

Participando das reflexões; sugerindo bibliografias, “apontando” relevância nos temas.

As tutoras foram maravilhosas guias, companheiras sempre compreensivas e até apaziguadoras.

Minhas queridas tutoras atingiram totalmente esse objetivo. Com base da conquista e percepção consegui aprender e entender a autonomia proposta pelo curso.

Se posicionavam e dialogavam frequentemente nos fóruns e atuavam conforme as atividades.

Estimulando a execução das tarefas.

Orientação profícua o tempo todo.

Orientando a correta interpretação da metodologia.

As contribuições da tutoria foram ganhos real para que fosse adquirida a autoconfiança e para aplicação da nossa proposta nas escolas. Esta foi uma equipe integrada que revestiu-nos de estímulos, motivação e de experiências significativas.

Porque nos conduziam para executarmos nossas atividades e não nos adestravam ou faziam por nós.

Oferecendo informações sobre as tarefas, através do ambiente e e-mail (ex: arquivo Excel)

Apenas com as orientações, mas havia qualquer pressão para estudarmos. Bom, não somos crianças de colégio.

Com dicas e com apoio sempre ou quase sempre que solicitado.

Orientando e estimulando os educandos em todas as etapas.

No início praticamente seguravam na mão, mas aos poucos, conforme a metodologia do curso, somente davam algumas dicas.

Incentivando a busca da autonomia.

Mostrando o caminho do estudo e só intervindo no momento em que era necessário.

De forma positiva com incentivos, explicações, acompanhamento.

Dando apoio e liberdade de ação, mostrando o quanto somos capazes de seguir sozinhos apenas com a mediação do tutor.

Quando estiveram presentes contribuindo com seus comentários e referências.

Incentivando a participação e cobrando resultados

Interferindo quando necessário e nos ajudando, nos fazendo refletir e organizar nossos pensamentos.

A partir das sugestões de leituras e das reflexões postadas que nos proporcionaram e estimularam a buscar novas leituras.

Não muito, pois quando precisava nunca os encontrava, aprendi mais com os colegas de equipe.

Através do incentivo e dos esclarecimentos, quando necessários.

Dando liberdade, força, cuidado.

Intervindo apenas nos momentos em que realmente estávamos nos desviando do foco da atividade, deixando-nos construir e reconstruir nossas intervenções ao nosso tempo.

Sempre dispostos e disponíveis para nos motivar.

Nas orientações e sugestões de caminhos e bibliografias.

Motivando e orientando (mediando).

Incentivando os cursistas, e desafiando-os diante dos temas apresentados.

Orientando e conduzindo de forma humanizante a construção dos meus pensamentos e aprendizagem.

Os tutores contribuem com a nossa autonomia fazendo a proposta de trabalho mas cada aluno realiza conforme o seu próprio conhecimento.

Propondo atividades enriquecedoras.

Eles sempre estiveram presentes auxiliando orientando, mas nunca fizeram por mim, investindo no meu crescimento.

Sempre dando respostas aos questionamentos que fiz com prontidão e carinho.

Orientando, mostrando o caminho, mas deixando-nos ir atrás da construção.

A tutoria auxiliava, dava um suporte básico para caminhar sozinhos. Nas dúvidas e esclarecimentos, me sentia instigada a procurar e pesquisar. A paciência e o estímulo delas, me ajudavam na caminhada pela busca a cada módulo.

Ao invés de responderem diretamente, estruturam os argumentos e sugeriam novas releituras ou aspectos a serem revistos.

Os tutores estiveram sempre presentes, com comentários, estímulos, praticamente diários, nos orientando e apoiando.

Dando sugestões de leitura e incentivando a leitura e estudo dos módulos.

Orientaram, acompanharam, porém se houvesse um horário pré-estabelecido ou plantão para aproximar e facilitar o contato seria melhor.

A sintonia deles com tudo que acontecia me permitia arriscar corajosamente, e a forma como acolheram meus equívocos me permitia rir destes e em seguida partir para superação.

Fazendo intervenções nos momentos apropriados.

Orientando e propondo trilhas para a aprendizagem.

Acompanhamento da participação e realização das atividades de cada módulo oferecendo pistas, mas que sempre me levaram a decidir que caminho tomar.

Orientando, estimulando e se ausentando do fórum por dias consecutivos.

Orientando, dando dicas, incentivando etc.

Orientando, discutindo, preocupando-se com cada detalhe e até elogiando se necessário.

Deixaram-me buscar as minhas respostas sozinha, procuravam orientar as algo de relevante ao conteúdo.

Orientando quando necessário, intervindo quando solicitado, responsabilizando-nos pela auto-avaliação.

Nos enviando mensagens de incentivo e nos fazendo acreditar que éramos capazes de fazer essa aprendizagem acontecesse.

Acho que nesta função os tutores não influenciaram tanto, porque isso depende mais de uma tomada de consciência do aluno. Ou ele compreende isso e adota essa postura desde o início, ou ele não conseguirá concluir o curso. Houve momentos em que os tutores foram um pouco omissos e até deixaram de interferir em situações onde uma posição clara da parte deles seria necessária, talvez até por estarem tentando fomentar nos alunos essa capacidade de serem autônomos, mas acho que faltou um pouco de equilíbrio neste sentido. Proporcionar autonomia para o aluno e orientar quando se fizer necessário são coisas igualmente fundamentais e importantes e, não são opostas entre si. A omissão de alguns tutores, em alguns casos, acabou contribuindo ainda

mais para uma maior autonomia do aluno, mas gerou problemas pessoais desnecessários, que poderiam ser evitados, se as coisas tivessem sido feitas de forma mais equilibrada.

Sempre estiveram presentes fazendo as intervenções devidas, chamando no eixo, indicando referências, desequilibrando os conceitos já formados, estimulando novas descobertas.

A cada cobrança a cada incentivo, a cada palavra de carinho eu avançava no processo de aprendizagem e tinha certeza que eu ia conseguir.

Sempre orientando e mostrando caminhos sem interferir diretamente nas produções.

Eles vinham em meu socorro quando viam que estava em apuros. Sugeriam e deixavam por minha conta. Foram dicas valiosas na construção deste processo.

Dando dicas, informações, direcionamento.

Através dos textos disponibilizados no ambiente, dando-nos orientação sobre o assunto e fazendo-nos refletir sobre o mesmo por meio de atividades individuais e colaborativas.

Orientando e indicando os caminhos, as bibliografias.

Nos enviando mensagens de incentivo e nos fazendo acreditar que éramos capazes de fazer essa aprendizagem acontecer.

Confiando em mim, permitindo que o meu conhecimento e minha trajetória fosse construída com autonomia.

Eles exerceram seu papel de orientadores, intervindo somente nos momentos em que realmente o grupo se perdia, na realização das atividades propostas.

Acima de tudo porque praticaram e conscientizaram os alunos a praticarem a “matriz humanizante”.

Acompanhando o processo.

Demonstrando sempre interesse por minhas colocações, orientado nos momentos necessários, mas acima de tudo respeitando minha maneira de ser, apreender e transmitir meu conhecimento.

Intervindo somente quando necessário

Mantendo uma distância e uma proximidade suficientes. Sabíamos que estavam lá, mas eles esperavam para ver até onde íamos.

Ficando atentos a todas intervenções.

Quando me deixaram ir produzindo sozinha e só interferiram quando solicitei ou quando estava totalmente errada. Isso dá segurança.

Estimulando a pesquisa, a reflexão e incentivando-nos a buscar e construir o conhecimento.

As intervenções da tutoria foram realizadas de modo que esse objetivo fosse alcançado.

Os tutores contribuíram para a minha autonomia através do incentivo.

Os tutores foram ótimos no seu papel de mediadores do conhecimento incentivando o estudo autônomo.

Mostrando o caminho.

Sugerindo sites, leituras e diálogos, mas deixando que nós construíssemos esses diálogos.

Meus tutores sempre souberam a hora certa de interferir.

Deixando nós mesmos buscar a solução dos problemas.

Me incentivaram a participar dos fóruns.

Intervinham nos momentos de divulgação de meios para melhorarmos o trabalho, uma palavra de animo, quando solicitados e/ou nos momentos de dúvidas.

Orientou em questões que eu acreditava estar certa e no entanto não eram bem isso.

Foram muito indagadores e provocadores.

Na maioria das vezes, nunca uma resposta pronta, mas conseguiam em suas respostas, instigar meu pensamento.

Cobrando as atividades e nortando nossos trabalhos.

Incentivando e exigindo as contribuições a cada atividade.

Orientação fundamental e também a “cobrança”.

Orientando mas dando liberdade e flexibilidade na apresentação das idéias.

Quando sugeriam bibliografias, sites e deram um retorno crítico aos trabalhos realizados, acompanhando todas as etapas.

Sempre atentas as minhas dúvidas e anseios.

Orientando, sem impor suas opiniões de entendimento, permitindo que o aluno encontrasse suas respostas sozinho.

Os meus tutores não interferiram muito nas minhas considerações. Então presumi estar andando em linha correta.

Indicando caminhos, interferindo no processo, sendo direcionadores.

Não davam muito palpite, normalmente apareciam para incentivar e dizer que o processo estava acontecendo de acordo com as expectativas, porém davam os “pitécos” quando achavam necessários.

Incentivando, motivando e alertando sobre as dificuldades encontradas ao longo da trajetória.

Dentro da matriz humanizante, com muito incentivo, compreensão e motivação.

Orientando-nos com atenção, dedicação e nos induzir-nos a abrir nosso próprio caminho.

Pelos direcionamentos e pelas intervenções e sugestões.

Apontando caminhos de referências, colocando suas reflexões já adquiridas, sinalizando que o caminho trilhado está coerente com a realidade do que se espera.

4. Quais as dificuldades/limites vivenciados no curso que interferiram na construção/ampliação de sua autonomia na aprendizagem?

Foram várias fases: primeiro a presença física de um professor, ter que interagir, falando palavras amáveis com pessoas que você não via, não conhecia, sentia que as pessoas não entendiam o que eu escrevia, a discussão para realização de uma atividade.

A própria parte tecnológica, que pra mim era limitadíssima, eu não sabia nem clicar o mouse. Foi realmente buscar pelo esforço íntimo e o querer dominar aquela máquina.

A maior dificuldade que vivenciei foi a construção de trabalhos colaborativos.

Acompanhamento mais freqüente dos tutores.

Trabalhos profissionais, problemas com conexões e problemas de ordem pessoal.

No início, para realização de algumas atividades, devido ao vício que temos da realização de atividades de cursos presenciais.

Não senti dificuldades.

Nenhuma.

Não tive nenhuma dificuldade, apenas falta em alguns momentos de tempo.

Um acompanhamento constante, pois é preciso muita dedicação e persistência para acompanhar a formação à distância.

A cada módulo foi abordado assuntos pertinentes com estímulo a reflexão. O que deve ser melhorado é o retorno do trabalho postado a cada atividade. Me refiro ao retorno com interferências pedagógicas, como por exemplo, PI

A dificuldade da conexão, pois a minha Internet é discada, e muitas vezes não conseguia acessar o ambiente.

O domínio da tecnologia digital.

Acredito que por eu não ter base nenhuma em arte; por termos muitos trabalhos não fui em busca de aprofundamentos maiores e hoje sinto que não posso deixar de buscá-los para poder falar com confiança.

A busca pelo tema, falta de tempo, dificuldade de diálogos mas isso ocorreu muito pouco, dificuldade de acessar uma atividade, entregar os trabalhos dependendo do tempo do outro dentro dos prazos estipulados.

Acredito que nas atividades individuais era mais fácil, mas nas atividades colaborativas... Quando não se estava em um grupo atuante, onde as pessoas de trabalho não entravam com freqüência, isto atrapalhava a construção e a elaboração das atividades.

Acho que na 2ª etapa de 2007 o ritmo do curso caiu, parecíamos que estávamos começando o curso novamente. Deve ser porque as salas foram reagrupadas.

A dificuldade foi minhas limitações com os suportes técnicos.

Maior afinidade com a pesquisa de meus colegas.

Eu não dominava o uso do computador.

Um referencial metodológico.

Tive dificuldades com o grupo nos trabalhos coletivos, pois eu enviava a contribuição e às vezes havia um silêncio.

Divergências no grupo, falta de afinidade com o tutor.

Nenhuma.

A maior dificuldade foi desaprender a estudar no formato presencial e aprender no formato de autonomia. Outro limite foi entender o uso das ferramentas e aprender a lidar com o computador.

Minha vivência em – ARTE – era limitada, por isso tive muita dificuldade para entender termos técnicos ou artistas mencionados, assim como alguns teóricos que foram trabalhados ao longo do curso.

Dificuldades externas não relacionadas ao curso (problemas pessoais).

A falta de conhecimento anterior, limitações já existentes.

Muitas vezes não consegui entrar no site ou nos grupos que algumas vezes dificultava o andamento das atividades e por conseguinte a construção da aprendizagem ficava prejudicada

O pouco tempo para refletir e contextualizar determinados blocos.

Dificuldade em encontrar alguns recursos no ambiente; na falta de domínio de alguns programas utilizados; demora em me inserir no contexto do curso.

Nenhuma.

Deveria ter mais conhecimento sobre computação.

Em alguns momentos, os prazos corridos me atrapalharam para realizar outras leituras (não dava tempo)

A máquina.

A necessidade de constante pesquisa.

Não tive dificuldades, porém tive que pedir auxílio às minhas irmãs professoras para escrever melhor, pois o curso exigia.

A questão da aleatoriedade com que éramos divididos para os trabalhos em grupo algumas vezes interferiu em minhas atitudes e, por consequência, nos resultados esperados por mim mesma com relação à aprendizagem.

Acho que um feedback mais formal, ou melhor, uma interferência nos textos elaborados teria ajudado melhor na elaboração escrita do PI.

Algumas poucas vezes que não tive respostas da tutoria.

O nível muito baixo de muitos alunos nas atividades colaborativas.

Falta de tempo para se dedicar ao curso e depender de outras pessoas (cursistas) para realizar os trabalhos colaborativos

A divisão do grupo e a não interação de alguns companheiros

Conhecer mais recursos e conhecer certos símbolos próprios do ambiente virtual.

Acredito que se não fosse o cansaço do dia a dia eu teria aprendido mais e produzido mais.

Alguns prazos eram muito curtos, ou seja, não explorava o máximo do meu potencial, pois tinha pouco tempo para entregar a atividade.

Os exemplos citados nos itens 3.3 e 3.6 foram os mais expressivos para a ampliação e construção de minha aprendizagem mais autônoma.

Não vejo uma dificuldade ou limite que possa citar. No início (estratégias) procurei me esforçar quanto ao uso das TIC, com determinação e vontade.

O tempo foi um vilão, inclusive minha maior dificuldade foi adequar o meu tempo para participar de cada etapa dos módulos. Muitas vezes achava que uma semana era tempo demais, mas quando ia ver o prazo já estava acabando e ainda não havia finalizado o trabalho. É difícil!

No meu caso os únicos limites se deram por problemas de saúde na família. Quanto ao curso, considero perfeito.

A maior dificuldade que enfrentei durante o curso, foi a criação do desenho da Galeria de Arte, onde meu grupo escolheu o tema: "Catador de papel". Foram muitas tentativas, erros, dias trabalhando e perdendo todo trabalho..., não sei como consegui chegar no resultado final, pois não tinha habilidade suficiente para realizar a tarefa. Foi um grande desafio!

Alguns módulos foram necessários realizar mais pesquisas para entender o conteúdo.

Enfrentei problemas gravíssimos (morte na família e desemprego) e não consegui negociar, pacificamente, o que gerou um grande stress e desgaste, porém persisti para não perder o curso. Acredito ser necessário rever.

A ausência física do outro, que foi superado com as amizades virtuais construídas e pela gratidão aos que contribuíram com suas informações e pude usá-las em contextos fora do ambiente virtual.

É complicado conjugar a correria do dia-a-dia com mais uma atividade, aos poucos isso foi se resolvendo.

Não percebi nenhuma.

Bom, eu não sabia nem ligar o computador, meu filho me auxiliou, sempre que foi necessário e me sinto vitoriosa.

A maior dificuldade para mim foi à autodisciplina e minha organização de meus horários.

Comecei quase leiga, foi muito difícil. Ao longo do curso percebi que não era impossível. Hoje, sou quase independente! Agradeço ao Arteduca, por proporcionar o curso.

As dificuldades foram em relação ao domínio da linguagem computacional.

Em relação ao curso não tive dificuldades nem limites, o limite que sofri foi em relação a minha condição de saúde.

Talvez ferramentas mais avançadas de pesquisa, ou meios mais ousados de comunicação virtual, como as videoconferências, ou até mesmo, a possibilidade de conversarmos online com os nossos grupos, através da utilização de programas relativamente simples de implementar como o SKYPE. No meu caso específico, tive algumas vezes durante o curso, liitações de tempo, devido ao acúmulo de trabalho em alguns períodos e, viagens de trabalho por períodos longos, também problemas pessoais e de saúde. Coisas que tornaram a minha rotina meio confusa e difícil, mas apesar de tudo isso, deu pra ir tirando o atraso, com a ajuda da Adriana, que foi, a meu ver, a tutora mais eficiente e impecável do Arteduca e, possibilitou que esses problemas não inviabilizassem para mim a conclusão do curso.

As atividades colaborativas. Em algumas equipes que não delineavam de fato seus objetivos em relação ao curso, isto muitas vezes me angustiou, pessoas que não se envolviam com as atividades, não davam a importância devida ferindo muitas vezes os nossos desejos.

Principalmente a interação.

Senti dificuldade no módulo da Suzete Ventureli. Por não dominar jogos eletrônicos fiquei perdida no início. Com ajuda de colegas, tutores e seguindo as orientações fornecidas, consegui realizar as atividades.

No início falta de entendimento de como funcionava as ferramentas no ambiente, falta de companheirismo e compromisso de alguns colegas.

De modo geral não tive dificuldades, talvez houve um momento em que foi complicado o acesso ao ambiente, por estar lento demais, mas isso não veio a limitar meus conhecimentos.

Mais no sentido, às vezes, da autonomia vir junto com a matriz humanizante, e com isto ter que esperar pessoas para dar continuidade ao trabalho.

Em relação ao curso não tive dificuldades ou limites, o limite que sofri foi em relação a minha condição de saúde.

Não encontrei nenhuma dificuldade nessa construção. Na época em que eu fiz a minha primeira produção foi um desafio que me levou a valorizar meu fazer artístico.

Acho que a superação das dificuldades, principalmente no início, no manuseio dos recursos, contribuíram para o aprender a aprender superando cada obstáculo com autonomia.

Às vezes, quando precisava da cota de contribuição de um colega a fim de cumprir uma atividade em grupo.

Trabalhos realizados em grupo – muito difícil!

Para mim, talvez os curtos prazos para realizar as atividades, tendo em vista minhas dificuldades de acesso e localização, interferiram para pesquisas e atividades mais detalhadas e completas, tendo que às vezes aceitar de pronto os trabalhos dos companheiros.

Talvez o meu conhecimento limitado com relação à tecnologia.

Organização autônoma dos horários de estudo, a falta da figura presencial do professor

Honestamente esses meses, foram por demais!!!

No “Olá Universo”, apanhei bastante, mas consegui. Penso que faltou mesmo foi o passo a passo bem organizado, pois falar é uma coisa, escrever é outra. Acho que em alguns momentos são tantas as informações que a gente se perde. É preciso ser sistemático e organizado.

Acho que o ambiente favoreceu bastante a nossa construção da autonomia. O que dificulta é o nosso tempo. (falta de tempo).

Penso que em alguns módulos pelas próprias dificuldades teóricas encontradas haveria a necessidade de maior aprofundamento, nem sempre alcançado de forma autônoma.

Nenhum limite.

Acho que poderia haver um maior tempo para aplicação e escrita do PI. Foi muito corrido. Talvez começar mais cedo.

O módulo da Suzette Venturelli.

Os limites são colocados pelos próprios seres humanos. Eu penso que a minha liberdade vai até onde começa a do meu semelhante... e sempre procuro fazer pelo outro aquilo que eu gostaria que fizessem por mim. Dessa forma, o mais desafiador é trabalhar colaborativamente.

Não houve dificuldades ou limites.

A falta de tempo para dedicar-me mais ao curso.

As dificuldades serviram como aprendizado ao transpor problemas.

Achei bom, mas sou ansiosa e pensei que às vezes as respostas e comentários demoravam.

O módulo de animação que havia um programa “Cortona” foi extremamente complicado entender como fazia as imagens se movimentarem. Depois foi muito fácil. Quase desistir do curso nesse momento.

Acho que o maior problema é a lentidão de estar online, e depender das postagens alheias. Isto torna o curso e o aprendizado, um pouco lento.

Em algumas situações a falta da conexão com a internet e o tempo disponível para acesso a rede. Quem tem mais tempo livre, tem participação mais atuante.

Nenhuma.

A principal dificuldade foi passar a acessar o ambiente sistematicamente e também, por ter formação na História e Arquivologia, ser um neófito no estudo teórico da área.

As dificuldades foram mais instrumentais (meio físico, computador) do que intelectual.

Os meus desconhecimentos tecnológicos foram superados com a colaboração dos colegas e tutores. Colaborativamente aprendi a aprender em um ambiente humanizante e virtual.

A maior dificuldade que senti foi com relação ao trabalho com computador.

A dificuldade na minha opinião foi na forma que eram feitos os debates no fórum, pois em várias oportunidades os debates eram interrompidos, já que os colegas não davam sequência nas argumentações e os tutores não acompanhavam tal situação.

Houve momentos em que precisávamos de orientações mais freqüentes, como no final do curso.

Boa parte da minha dificuldade foi de acesso por minha Internet ser discada (lenta) e de durante o processo ter novas turmas para lecionar (reduziu meu tempo).

O tempo que dispomos para estudar é muito pouco, seria necessário ter um período maior e também penso que tutores disponíveis de plantão online seria muito interessante.

Bem no início, a interação com os demais colegas.

Em alguns momentos, o tempo para a realização das atividades.

Falta de micro e espaço de aplicação. Pois em Teresina só podia entrar nos fins de semana na casa de primos e por estar desempregada.

A resistência de alguns colegas que se mostraram inflexíveis ou muito afobados, não respeitando o processo de cada um.

O tempo. Por ser uma pessoa que tenho muitos afazeres e gosta muito da educação, não é nada fácil.

5. A construção da autonomia em sua aprendizagem *online* refletiu nas suas práticas cotidianas?

Não espero mais que todo o grupo dar uma direção decidirmos alguma coisa, resolvo logo da melhor maneira possível, para não perdermos tempo.

Refletiu muito, em minha vida profissional, dei um pulo, faço provas e envio por emails, e outros.

A autonomia me fez crescer na forma de “pesquisa” em meu trabalho.

Desenvolvi maior motivação para pesquisas pessoais.

Estimulando a busca por resultados rápidos e satisfatórios, o espírito de trabalho colaborativo.

Sim, para a autonomia em outras situações do cotidiano.

Vi que é possível ser autodidata, traçar metas de estudo, pesquisar e refletir sobre nossas ações pedagógicas tanto online quanto no presencial.

Pois constatei que é possível, a aprendizagem online e que a mesma pode abrir um mundo de novas possibilidades que contribuem no processo da autonomia.

Exige que tenhamos uma disciplina para acompanhar a jornada do curso.

Por meio da metodologia do Arteduca compreendi melhor minha prática com estudo das teorias e as referências teóricas e passei a aplicar o que aprendi .

Sobre trabalhos em grupo.

Colabora na organização e na forma prevenida de lidar com os prazos. Aprendi a tentar adiantar quando possível, mas não “morrer” quando impossível (e esta última também foi um crescimento importante porque me cobro muito).

Exercitar essa prática como docente faz com que percebemos a importância do aprendizado e que nos tornamos orientador do processo educativo.

Na busca de informações para constituir um conhecimento que será usado ou que precisa ser usado de imediato.

Buscando o uso da tecnologia junto com os alunos.

Não tem como não refletir. Autonomia na aprendizagem e na resolução dos “problemas” (demandas) cotidianas.

A construção da autonomia na aprendizagem reflete na prática cotidiana de qualquer maneira. A aprendizagem não precisa ser online para isso.

Nas relações de trabalho, respeito às diversidades dos colegas e maior desenvoltura ao me posicionar.

Eu não tinha contato com este mundo virtual, somente por email.

Pois só aplicava alguns conceitos.

Não tinha pensado sobre o tema, mas é possível que sim. Como diz a Rosinha “somos muitos” e estamos interligados

Depois de conhecer esta metodologia comecei a introduzi-la em minhas aulas.

Creio que todos os educadores saíram fortalecidos desse curso que favoreceu mudanças na nossa prática educacional, incorporando o que aprendemos e vivenciamos.

Desde criança somos acostumados a dependência de um professor que tudo ensina. E quando nos tornamos professor temos esta referência profissional. Com a autonomia descobrimos um processo mais coeso de formação de um ser humano independente e responsável por seus atos.

Levei a metodologia do Arteduca para a sala de aula, pois é importante mostrar ao aluno, que um planejamento no horário, no tempo diário, produz resultados positivos no aprendizado.

Utilizo a Internet como fonte de pesquisa para diversos assuntos. Isto foi possível após ingressar no curso, pois melhorou meu conhecimento tecnológico.

Pois consegui superar minhas limitações e dificuldades.

Sim, tornei-me viciada com ambiente online, a ponto de ter que estudar todos os dias e mostrando aos meus alunos a importância do estudo no cotidiano.

Modificando a maneira pessoal de buscar pela aprendizagem, mais livre e permanente.

Sim, principalmente no quesito leituras e pesquisas, sendo que os professores da área de artes sempre privilegiaram a prática.

Muito, todos os módulos nos faziam refletir sobre nossa prática, aguçando nossos sentidos para tal!

Para buscar novos instrumentos para a minha prática.

Aprendi a lidar com o computador e me tornei mais autônoma em meu aprendizado.

Hoje a procura por cursos online, mesmo como mestrado torna-se menos amedrontadores do que antes.

O buscar, o agir, o refletir, construir e desconstruir, ressignificar, todas essas ações passaram a fazer parte de cada atitude, virou “mania”, por assim dizer, em qualquer situação que me encontrasse em dificuldade, além de aumentar minha tolerância com relação ao tempo de assimilação e aprendizagem do outro.

Aprendi que tudo é possível quando se quer, precisamos ter um objetivo e lutar para alcançá-lo.

Fui a autora de todo o processo.

Por que possibilitou experimentação de um novo olhar e de uma nova prática docente ao aplicar o que e o como aprendi no curso.

Passei a me interessar e buscar novas ferramentas e novas tecnologias. Me apaixonei!!!

Hoje, tenho mais facilidade em realizar pesquisas online, mais independência nas questões das tecnologias.

Muito, melhorei a qualidade de minhas aulas e acredito que melhorará a cada dia.

Pela mudança de postura, mais disciplina, reflexiva e voltei a acreditar na arte-educação!

Hoje percebo que ao me deparar com um assunto que ainda não tenha o domínio, dedico-me muito mais em desvendá-lo e a fazê-lo com o apoio dos alunos, não trabalhando sozinha como costumava fazer. Como foi no caso da criação da radionovela para a web rádio do CEFET Campos.

No início do curso me programei para conseguir conciliar as duas coisas.

Acredito que disciplina e autonomia caminham juntas. Precisava me organizar diariamente e sempre manter em minha rotina esse estudo autônomo e a adequação dos meus horários pra cumprir os compromissos do Arteduca.

De certa forma, foram desenvolvidos novos padrões de pesquisa, estudo e produção.

Fiquei tão próxima do computador, que acrescentei o seu uso como recurso na confecção das minhas aulas diárias, como as pesquisas nos sites educacionais.

Trabalho com pesquisa na área de EAD e já possuo esta prática de aprendizagem.

Por demais, melhorei muito meu poder de argumentação, especialmente com profissionais de área diferentes da minha, na defesa do que cria.

Foi necessário a organização de alguns espaços para o estudo pois realizei várias atividades simultâneas ao curso.

Nos tornamos capazes de buscar caminhos.

Consigo ter mais horas de estudo.

Apesar da minha escola não possuir computadores (mas terá ainda neste ano), pretendo trabalhar os artistas brasileiros com meus alunos.

Não foi fácil, porém senti a necessidade de aprender e usar o que aprendi com meus alunos, filhos e etc.

Refleti no sentido, a minha prática precisa ser mais dinâmica em relação ao cotidiano.

Eu passei a estabelecer este objetivo em meus projetos de ensino-aprendizagem. Quero comentar como fiquei encantada com a eficácia e como era clara a construção da autonomia a auto-aprendizagem e nos trabalhos colaborativos e a articulação de estudos teóricos com a prática profissional, o que logo adotei esta metodologia em minha prática com os meus alunos.

Com esse tipo de aprendizagem nos faz acreditar mais no nosso potencial e a correr atrás dos nossos objetivos tanto como educador como na nossa vida pessoal.

A partir do momento em que tomei consciência da importância de benefícios da autonomia do aluno no processo de aprendizagem, passei a incentivar e motivar meus alunos a que procurassem fazer o mesmo.

Muito, estou disciplinada “por excelência” em relação a prazos, administração do tempo, aperfeiçoando minhas habilidades de síntese, pesquisa.

Na minha organização, em não atribuir aos outros as minhas responsabilidades.

Principalmente a não esperar de instituições ou do governo uma formação continuada, mas buscar tal formação por outros caminhos.

Me tornei mais hábil e mais disposta a pesquisar.

Tive que organizar meus horários, apliquei a teoria e a metodologia em sala de aula descobrindo meus próprios caminhos.

Pois à medida que percebi importância de termos autonomia nos estudos, posso informar aos alunos que eles também são capazes.

Porque agora sei que o computador é um ótimo recurso para dar asas aos nossos alunos

Com esse tipo de aprendizagem nos faz acreditar mais no nosso potencial e a correr atrás dos nossos objetivos tanto como educador como na nossa vida pessoal.

Hoje me sinto arte-educadora e com desejo de fazer pesquisa voltada para arte.

A reflexão da minha prática à partir do Arteduca foi muito significativa, partindo dos pressupostos teóricos estudados, ajudou a olhar e ver melhor o antes visto.

Encaminhando atividades escolares, em sala ou fora dela, na perspectiva de o aluno saber qual o seu papel nas relações de ensino e aprendizagem.

Treinei minha disciplina.

Essa construção foi muito bem alicerçada, mesmo estando muito longe de todos e de tudo, sinto os reflexos dessa autonomia na minha maneira de agir diante dos novos saberes e diferentes situações em minha vida em geral.

A busca pelo conhecimento para a prática em sala de aula, as propostas já elaboradas e planejadas desde antes, são algumas mudanças significativas que incorporei através da metodologia do Arteduca.

Com certeza. Desde 2005 trabalho no NTE e a cada dia me envolvo mais com a Internet, por força do trabalho e com a aprendizagem do curso, não vivo mais sem Internet, mas não dispenso um bom livro. Até já experimentei ensinar pela Internet. Algumas colegas de grupo tem muita dificuldade com o computador e acabei dando

“aulas” pelo MSN ou enviando apostilas que montei para os meus alunos daqui com passo a passo e claro, recebi muita ajuda também. Foi muito bom.

Aprendi a pesquisar mais para montar as minhas aulas e utilizar as tecnologias. Estou estimulando o meu aluno a utilizar as tecnologias contemporâneas para construção do conhecimento.

Em minha prática já existia anteriormente parte do tempo destinado ao aprendizado autônomo

Disciplina nos estudos e conseqüentemente nos afazeres diários.

Percebi o quanto a Educação a Distância pode ser proveitosa e prazerosa.

Na verdade, eu me identifiquei muito com esse tipo de aprendizagem por eu exatamente, na minha prática de vida, ter esse perfil.

Com maior organização dos compromissos e periodicidade das ações diárias nas salas virtuais.

Tenho buscado refletir minha própria prática pedagógica.

Sim, pois aplico alguns módulos simples via e-mail.

Acho que estou me tornando uma pessoa que vai atrás da solução de um conflito, um problema, um desafio, sem ficar esperando que essa solução caia do céu.

Percebi que a organização de horários é fundamental para a execução de tarefas.

Trabalho no laboratório de informática da escola, alguns dos temas e procedimentos incorporei à minha práxis.

No tentar passar essa autonomia (responsável) para o meio onde atuo.

Sim, passei a valorizar mais a autonomia dos meus alunos e a capacidade criativa de se auto expressar.

Passei a ver a tecnologia online como um instrumento muito importante para a construção do meu conhecimento.

A buscar mais informações pela Internet.

Talvez à princípio isso não tenha ficado tão evidente fui me transformando. Hoje vejo minha presença na escola e da disciplina como agentes de mudança.

Já sou do tipo de pessoa que busca pesquisar sobre novidades para a prática profissional, esse curso ampliou minhas possibilidades no sentido de indicar recursos na área de informática, uma vez que eu não explorava esse aspecto.

Desmistificou o ensino tradicional e enfatizou a importância do ensino a distância e os seus resultados.

Foi preciso organização e disciplina para o cumprimento das atividades propostas.

Pelas experiências do mesmo, aprendi, com o Arteduca, a melhor planejar as minhas estratégias de ação com meus alunos.

Buscando ampliar, apropriar e colocar em prática tudo que tenho aprendido.

ANEXO 4

CARTA DE BOAS-VINDAS AOS ALUNOS DO ARTEDUCA

Seja bem vindo (a) ao Arteduca!

Estamos iniciando o curso de extensão ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA, oferecido, por meio do ambiente virtual de aprendizagem Moodle, pelo Grupo Arteduca, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Como nossos primeiros contatos ocorrerão também, através de e-mail, gostaríamos de solicitar que verifiquem diariamente suas caixas de mensagens, mantendo-as sempre com espaço suficiente para o recebimento de nossas orientações e comunicados.

Estão animados? Acreditamos que a expectativa é grande!

Caríssimos, a partir de agora, estaremos juntos nesta jornada, desbravando e trilhando novos caminhos, tecendo nossa rede de saberes! Contem conosco ao longo desta aventura! Estaremos sempre por aqui, abertas ao diálogo, à interação e à colaboração, certas de que teremos muito a compartilhar e a aprender.

Vamos ao trabalho? Estamos enviando neste mesmo e-mail as orientações para se cadastrarem no curso com nome de usuário e senha, dando, assim, os primeiros passos para percorrermos nosso caminho e descobrirmos, juntos, cada espaço que foi especialmente preparado para nossa interação neste ambiente virtual.

Não se preocupem se, no início, dúvidas surgirem. Confiem que vocês não estarão sozinhos e que nossa palavra-chave neste curso será: colaboração! Estaremos sempre juntas com vocês, apoiando em tudo que for necessário!

No fim desse e-mail elaboramos um roteirinho para efetuarem sua inscrição no curso, ok?

Quaisquer dificuldades não hesitem em nos solicitar ajuda.

Teremos o maior prazer em ajudá-los!

Sejam muito bem-vindos ao Arteduca!

Com carinho,

Adriana e Sheila

Passo-a-passo para acessar o Curso no Moodle

1. Na barra de endereços de seu navegador digite www.arteduca.unb.br/ava/
2. Na página que se abrirá, clique em cadastrar novo usuário, no canto esquerdo da tela.
3. Preencha o formulário que se abre e clique em envie. Lembre-se de anotar com cuidado o nome de usuário e a senha criados por você ao preencher o formulário.
4. Uma mensagem será enviada para o seu endereço de e-mail, contendo instruções para completar a sua inscrição.
5. Vá até seu e-mail e procure por essa mensagem que será enviada por Alexandre Ataíde, o administrador do nosso ambiente virtual de aprendizagem.
6. Abra a mensagem e siga as orientações contidas no texto.
7. Ao clicar no link que aparece na mensagem, você será direcionado para a página do curso.
8. Selecione a categoria Formação Geral e na página que se abre, clique no nome do curso: Estratégias de Aprendizagem a Distância.
9. Acesse o curso digitando nos campos próprios, seu nome de usuário e senha.
10. Ao entrar na sala, clique no link [Notícias - leia sempre que acessar o curso](#) e siga as orientações encontradas por lá.
11. Se você encontrar dificuldades envie um e-mail para suas tutoras:

Adriana - adrianarteduca@gmail.com e Sheila - sheilacampello@unb.br.

Aguardamos vocês por lá!

ANEXO 5
FÓRUM DE DEBATES DOS FUNDAMENTOS DO CURSO



Fundamentos do curso

por [Adriana Conde Rocha](#) - quinta, 6 julho 2006, 15:57

Turma,

Este fórum foi criado para conversarmos a respeito dos fundamentos do nosso curso. Vamos esclarecer todas as dúvidas, conversar sobre nossos objetivos, metodologia, programa, formas de avaliação e tudo o que possa ser debatido para que possamos prosseguir os estudos com um bom aproveitamento.

Portanto, leiam com bastante atenção o texto do Módulo 1 e podem começar a interagir!

Vamos lá?

Com carinho,

Adriana

Re: Fundamentos do curso

por [juliana](#) - quinta, 6 julho 2006, 17:32

Adriana, eu li o texto e vejo que realmente o mais difícil é criar a autonomia de estudo e a responsabilidade pelo caminhar da aprendizagem à distância. Exige uma maturidade e um "olho no olho" que não é algo fácil de ser substituído. Dizem que no ensino à distância temos que ser educadores que motivem a procurar, que não dêem as coisas prontas. Estou muito curiosa em relação à didática das três estratégias de mediação pedagógica,

um abraço,

Juliana

Re: Fundamentos do curso

por [MARIA HELENA](#) - quinta, 6 julho 2006, 20:19

Oi Adriana!

Este é o meu 1º contato com você no ambiente, pois ainda não tinha conseguido acessar o mesmo. Bom com relação ao texto concordo com o parecer da Juliana como criar uma autonomia, uma forma de motivação dos aprendizes com relação a EAD se a prática é voltada para o tradicionalismo da sala de aula. Estou na expectativa com relação ao curso em juntar as estratégias de aprendizagem a distância em pro da melhoria da aprendizagem que o texto cita várias vezes.

Abraço.

Helena

Re: Fundamentos do curso

por [Salatiel](#) - quinta, 6 julho 2006, 19:24

Boa Noite

Estou com um problema. Não consegui acessar o texto.

Já havia mandado um e-mail para o [acataide@](#) ... e não obtive resposta. Ocorreu-me de após fazer meu cadastramento tentar dar prosseguimento e aparecer uma notícia dizendo não ser possível ser registrado no curso ou algo parecido, porém as

alterações que fiz no perfil constam normalmente. Será que estou errando em que? Os e-mails chegam para mim, conseguir ler algumas apresentações, todavia há pedras no caminho.Socorro!!!

Obrigado
Salatiel



Oi Salatiel!

por [Adriana Conde Rocha](#) - quinta, 6 julho 2006, 19:31

Fique tranquilo! No começo estamos todos tateando e reconhecendo o ambiente. E você está indo bem, pois conseguiu chegar nesse fórum.

A falta de acesso ao texto pode ter sido um problema momentâneo com a rede, entende? Olhe, vou te enviar o texto por e-mail, ok?

Aproveite e se apresente no outro fórum, o fórum de apresentações. Nos conte um pouquinho de você.

Assim todos podem conhecê-lo.

Seja muito bem- vindo!

Um abraço,

Adriana

Re: Fundamentos do curso

por [Bruna](#) - sexta, 7 julho 2006, 15:57

Oi Adriana.

Eu só tenho palavras para concordar com as colocações e preocupações das colegas quanto a questão da autonomia e da dificuldade que, a primeira "vista", parece existir num curso ministrado à distância.

Além disso, penso também que a dicotomia instituída pela nossa experiência tradicional entre autonomia e colaboração pode obscurecer nossas primeiras relações com o desenvolvimento da proposta aqui apresentada. Nossa experiência cultural aparece como marcante na forma de perceber e desempenhar nosso papel no processo do trabalho/estudo à distância.

Mas, é por tudo isso, que acredito que estas reflexões iniciais provocaram as transformações sob forma de uma ampliação na nossa visão/atuação possibilitando que as experiências anteriores sejam somadas e que estas novas estratégias sejam adicionadas a nossa prática como uma forma de experienciar o mundo e então produzir um trabalho educacional como o que vimos proposto neste primeiro módulo.

Um abraço a todos!

Bruna

Re: Olá, Adriana.

por [Salatiel](#) - terça, 11 julho 2006, 01:07

Olá, Adriana.

Saudações cordiais.

Recebi sua mensagem no meu e-mail, juntamente com o texto "Fundamentos do Curso". Muito Grato.

Li o texto. Acho que é bastante pertinente o que está ali colocado. De minha parte acredito que não haverá problema algum, pois me considero um autodidata na minha formação. Prezo muito meus ex- professores, mas tão logo que entrei em sala de aula

tive de me fazer profissional pelas próprias garras. Terei isto sim, de ser vigilante quanto a co-participação, mas acredito que o meio me levará a isso.

De tempo em tempo acompanho meus filhos nos programas da TV Cultura e num dos programas há um que trata de uma certa "corrida no espaço" - CYBER CHASE" ???.

Ali fica claro a necessidade da composição, da divisão de tarefas e ao mesmo tempo do posicionamento de cada integrante do grupo para que Hacker não desrtua a CPU, ante as informações dadas ao grupo pela Placa Mãe. A coesão do grupo e o compartilhamento, mesmo das aflições, tornam, a tarefa do grupo, menos estressante na medida em que pensam juntos e agem prontamente para impedir o avanço de Hacker. Acho que é um pouco disto. Nós os argonautas somos responsáveis pelo sucesso da empreitada neste novo caminhar.

Destarte, a diversidade faz a qualidade.

Ao iniciar a leitura do texto da profa Maria de Fátima Guerra de Souza, quando ela apresenta seu empréstimo que faz de Kipnis, ocorreu-me a lembrança de umas das introduções que por alguns anos povoavam as memórias de meus alunos nas introduções filosóficas/artísticas do início do ano letivo. Como não sei em que momento isto pode ser colocado aguardo o momento, ou orientação para fazê-lo, se for o caso.

Abraços.

Salatiel

p.s. fiz minha apresentação para o fórum, mas infelizmente minha velha máquina me traiu, com aquelas surpreendentes travadas em que só um "reset" resolve. Daí foi tudo para o espaço. Irritado não tive forças para fazê-la novamente. Desculpem-me. Mas farei outra assim que puder.

Aliás só vejo desfilando por aqui, senhoras e donzelas! Cadê os homens deste terreno?

Re: Fundamentos do curso

por [Natássia](#) - terça, 11 julho 2006, 23:31

Acabei de ler o texto... achei bem interessante as metáforas utilizadas numa construção bastante objetiva. Bem, eu nunca tive contato com ensino à distância. Pra mim tudo é muito novo e, confesso, um tanto surpreendente. Fiquei muito curiosa pra desvendar outros caminhos que este curso pode tomar, mas ao mesmo tempo bem cuidadosa pra caminhar passo a passo. Acho importante a construção de uma autonomia nos estudos para qualquer trabalho em grupo. E particularmente gosto bastante de processos colaborativos e a autonomia do "educar-se..." Tenho uma grande expectativa em conseguir vencer dificuldades num processo como este e poder contribuir para um trabalho consistente pensando nos pilares de "arte e cultura" na práxis da educação. Falo assim, porque há pouco estou criando o hábito de navegar na internet e me familiarizar com programas de computador, por exemplo (o que antes era muito difícil). E tudo que fazemos aqui é on line, né? Por último quero dizer que sempre tive muita vontade de estudar mais a fundo alguns autores... e vejo que este curso me trará mais vontade ainda... É porque como fiz bacharelado em Artes Cênicas não consegui dar prioridade a leituras de "teóricos da educação", embora tenha lido. Penso que alguns nomes podem ser mais valorizados por mim daqui pra frente como possibilidades de pensamentos a serem organizados em minha mochila.

Grande abraço. Natássia.

Re: Fundamentos do curso

por [Simone](#) - quarta, 12 julho 2006, 00:59

A aprendizagem num curso como o nosso depende de alguns elementos essenciais:

- responsabilidade (com as atividades individuais e com as atividades em grupo)
- muita vontade (não desistir na primeira dificuldade, seja ela como computador, seja com o conteúdo)

- interesse (estar sempre focado para não desanimar)
- colaboração (valorizar a experiência do outro e sempre estar disposto a dividir)
- pontualidade / disciplina

Um vasto mar de conhecimento está a nossa frente para ser desbravado e conquistado!!!!

Sigamos juntos!!!! 🤗

Re: Fundamentos do curso

por [Dangela](#) - quarta, 12 julho 2006, 22:48

Oi pessoal,

Concordo com as meninas em relação a autonomia e tudo mais. Contudo vejo que como aluna estou me comportando de forma diferente, fico observando as minhas atitudes e as dos colegas e as vezes acho até engraçado... Na faculdade, por mais que eu fosse responsável, a coisa da presença física nem sempre foi garantia de bons resultados, e olha que eu sempre tentei ser boa aluna, mas só fui perceber realmente que a maior responsável pelo meu crescimento era eu mesma quando tive orientações para a monografia, que no primeiro dia a professora disse "E aí? O que vai ser? Quais autores vamos trabalhar?" E ao perceber que era eu quem direcionava o peso da responsabilidade caiu em meus ombros, sabia que se fizesse algo mal feito a autora seria EU.

Dessa maneira observo minhas atitudes nesse espaço e a postura dos colegas tb, vejo o colega dizendo "Ei! Não recebi o texto", é a fala de alguém que quer ler, quer estudar e sabe que tem que correr atrás para garantir qualidade em sua formação. O momento que estamos vivendo é muito especial, é quem o torna especial assim somos nós!

Bjs para todos!

Re: Fundamentos do curso

por [Juscilene](#) - domingo, 16 julho 2006, 23:26

Oi Adriana, Sheila e toda turma.

Li o módulo 1 e como todas achei muito interessante, principalmente a análise das metáforas que muito se assemelham ao início desse meu (nosso) caminhar. Minha grande dificuldade nesse processo da autonomia será o tempo e eu sei que preciso construir uma alternativa, rever minhas opções, pois a importância que eu dou a cada uma definem o tempo que eu dedico a cada uma também. E esse curso é muito importante para mim.

Nessa nossa conversa no fórum, da qual até agora fui mais leitora que participante, já senti a importância da colaboração tão bem trabalhada no módulo 1, pois as idéias de cada uma já iluminaram algumas dúvidas minhas.

Achei importante também Sheila trazer presente, principalmente, a partir de Paulo Freire, nosso educador universal, a importância de uma metodologia pautada no amor, na solidariedade, no diálogo, na compreensão; valores humanizantes importantes, mas que estão cada vez mais distantes do cotidiano e da prática diária nas escolas, o que torna mais urgente que nós, educadores(as), contra a corrente daqueles que não mais reconhecem esses como valores nessa sociedade capitalista, falemos e vivenciemos

esses valores. Falar e viver o amor não pode nunca sair de moda. Valeu Sheila!
Estou me encantando mais e mais com esse curso.

Beijos, turma.

ANEXO 6 FÓRUM DA PRIMEIRA ATIVIDADE COLABORATIVA DO CURSO



Equipe 03- Fátima, Elba, Isis, Magali, Lourdete
por [Sheila Maria Campello](#) –

Olá pessoal!

Agora vocês têm um espaço só de vocês para realizar o trabalho deste módulo.
Publiquem suas atividades individuais aqui e aguardem as orientações para dar continuidade ao trabalho, está bem?

Beijos,
Sheila.



IMPORTANTE: ATIVIDADE 3 DO MÓDULO 2
por [Adriana Conde Rocha](#) - quarta, 26 julho 2006, 19:18

Querida equipe,

Já temos mais uma atividade a ser desenvolvida. E, desta vez, vocês vão fazê-la colaborativamente aqui, no fórum de sua equipe e, também, se quiserem, podem se encontrar para dialogarem sobre essa elaboração, na sala de bate - papo e no msn. Lembrando, porém, de sempre relatarem nesse fórum o que foi decidido e conversado por meio dessas outras ferramentas, está bem? Vamos ao trabalho? Após lerem as atividades 1 e 2, individuais, publicadas pelos integrantes de sua equipe nesse fórum, conversem entre si e elaborem uma questão, ou um comentário, sobre os assuntos tratados no texto que fundamenta nosso Módulo 2 - **Criar aprendizagem: ofício e desafio do aluno a distância.**

A versão final desse trabalho (a questão ou comentário) deverá ser publicada em um fórum de debates que será criado **31/07**. Esse fórum será intitulado **Conversas com os tutores do Arteduca, que contará com a participação dos tutores do Arteduca.** Vamos caprichar na questão e procurar manter a pontualidade, para aproveitar bastante a presença deles por aqui? **Lembrem-se: o prazo final para a publicação da versão final da atividade será no dia 31/07/2006 - no Fórum Conversas Com os tutores do Arteduca, que será criado nessa data.**

**Carinhosamente,
Sheila, Adriana e Márcia**

Re: Equipe 03- Fátima, Elba, Isis, Magali, Lourdete
por [Maria de Fatima](#) - quarta, 26 julho 2006, 01:30

Atividade 1- Análise Comparativa.

As duas conceituações sobre EaD são muito próximas, ambas estão focadas nas relações entre comunicação e tecnologias e na possibilidade dos sujeitos construírem autonomia para criar aprendizagem. Especialistas em educação, são unânimes em reconhecer uma mudança definitiva na EaD no final do séc.XX, as novas tecnologias da informação e da comunicação revolucionaram a EaD, possibilitando interações que abrem caminho para processos educacionais com elevado padrão de qualidade. Segundo Carmem Neves(2005), "estas tecnologias trouxeram contribuições essenciais ao processo de educar e educar-se a distância, especialmente ao possibilitar interações síncronas e assíncronas de educandos e tutores e de educandos entre si, prática que favorece o trabalho colaborativo."

Convém salientar, que há uma diferença entre a terminologia utilizada Educação a Distância e Ensino a Distância. A Educação a Distância encontra-se num contexto amplo, na perspectiva do desenvolvimento das capacidades humanas, contribui para a democratização e a ampliação do acesso à educação. Já o Ensino a Distância está na perspectiva de metodologia, estratégias para propiciar esta educação e as tecnologias facilitam esse processo ,modificando o papel do educador e do educando.

Nesse cenário das tecnologias da informação e da comunicação e com o aumento do uso das redes, de modernos equipamentos e de possibilidades de encontros síncronos, nota-se um esgotamento da expressão "educação a distância". Em alguns países, a denominação "educação a distância" está sendo abolida, para representar um projeto educacional mediado por tecnologias

em que as interações ora podem ser presenciais, ora a distância. Na Suécia, é "educação flexível", na Inglaterra, "educação combinada", na China, "educação móvel".

Refletindo a luz da literatura de Carmem Neves(2005)," a verdadeira evolução será quando não for preciso adjetivar a educação como presencial ou a distância: simplesmente educação" e soubermos integrar harmoniosamente espaços e tempos de aprendizagem, trabalho individual e colaborativo, a produção de textos, sons e imagens. Trata-se de aprender de forma intencional, profunda e ética, valorizando os sujeitos, educadores e educandos.

São características básicas da Educação a Distância: autonomia para criar e gerenciar a aprendizagem; interatividade e colaboração; uso integrado de múltiplas linguagens e tecnologias; novas formas de diálogo(e-mail, chat, fóruns, tele/vídeoconferências..).

Fátima - Feira de Santana / BA.

Re: Equipe 03- Fátima, Elba, Isis, Magali, Lourdete
por [Maria de Fatima](#) - quarta, 26 julho 2006, 01:48

Atividade 2 - Construção do Conceito de EaD e suas principais características:

A Educação a Distância é uma modalidade de educação calcada nas tecnologias da informação e da comunicação que possibilita interações entre os sujeitos envolvidos, favorece o trabalho colaborativo, constrói autonomia para criar aprendizagem , abre caminhos para novas fontes de pesquisa e conhecimento e para o processo de educar e educar-se.

Características:

Autonomia; Interatividade; Colaboração; Flexibilidade; Intencionalidade; aprendizagem Significativa; Uso integrado de múltiplas linguagens e tecnologias; Novas formas de diálogo: chat, e-mail, fóruns, tele/vídeoconferências.

Fatima - Feira de Santana /BA

RE: Equipe 03 vamos ao fórum?

por [Isis](#) - quinta, 27 julho 2006, 23:06

Consegui encontrá-las, companheiras!

O texto que segue, compartilho com todas (os). E resultado de minhas devagações sobre ensino a distância...

Sexta à noite virei para conversármos!

Beijos!

"Tecnologia da Educação/ Ensino a Distância

Enquanto aluna, algumas ocorrências em sala de aula (dependendo da disciplina e do professor, ou até mesmo de momentos de cada indivíduo) provocavam em mim a sensação de estar desmotivada, principalmente com a idéia de obrigatoriamente estar ali, numa situação que, embora na maioria das vezes fosse envolvente e evolutiva, em outras, tornava-se maçante e improdutivo. Não desmerecendo o ensino presencial, a flexibilidade do ensino a distancia torna-o vantajoso, pois dá a cada um a possibilidade (com o mesmo compromisso e mais anseio pelo processo) de digerir e refletir sobre os conhecimentos que são adquiridos. Desta forma, a aprendizagem e a Educação ocorrem intensamente. Muitas vezes, brinquei com meus alunos dizendo: “a televisão é um meio de transporte e ônibus, um meio de comunicação” (sempre que andava de ônibus, conversava com alguém durante toda a viagem e até aprendia algo do que as pessoas têm a dizer...de qualquer forma tinha alguma reflexão ao fim do percurso). O conceito do que é comunicação, distância ou presença é bem mais complexo do que se limita frequentemente a conceituar. Pode haver, em uma aula presencial, ausência (ou um distanciamento) com mais facilidade do que em um processo em que o professor exerce um trabalho ímpar de delegar aos seus pupilos o papel da reflexão e ser autor de sua própria aprendizagem (que de fato é autônoma), agindo e interagindo somente como tutor e orientador. Quando esta tecnologia – o computador, a web- é aliada ao processo educacional, o professor, que antes só poderia auxiliar os alunos em espaço de tempo muito limitado e com uma demanda tão grande de pessoas, vê-se agora com a possibilidade de atender às necessidades de um grupo muito maior, numa qualidade de tempo e espaço sem igual. O que parece então impossível na Educação convencional se expande no ensino a distância. Um processo (o convencional) que corre o risco freqüente de cair em adestramento, possibilita a troca e a aprendizagem. *Adestramento* (no sentido de instruir, preparar para fim específico) carrega em seu sentido a idéia de tendenciosamente e uniformemente impor uma verdade sem reflexão, o que se difere do “ensino – aprendizagem” - raro e em aulas convencionais e previsíveis. De fato, o que é presencial é o que se processa dentro do indivíduo. Os recursos usados para que o resultado da educação/da aprendizagem seja garantido precisam ser considerados e repensados. A convivência não precisa ser necessariamente uma experiência física, mas sobretudo, o que propõe o ensino a distância quando considera as diferenças e necessidades de cada indivíduo, a flexibilidade de horários e espaços geográficos, a diversidade cultural e acadêmica: HUMANITARIA."

Isis



Sobre a atividade

por [Adriana Conde Rocha](#) - sábado, 29 julho 2006, 15:42

Pessoal,

Não fiquem esperando todos os colegas chegarem para vocês começarem a elaborar a questão ou comentário para o dia 31.

Vocês devem já começar esse debate e a se reunirem, pois alguns colegas estão com algumas dúvidas quanto ao ambiente e por isso estão demorando a acessar.

Mas, daqui a pouco, estarão todos "craques" por aqui e as interações serão mais intensas.

Sugiro que vocês mandem e-mails aos colegas que ainda não chegaram, oferecendo ajuda para o acesso, inteirando-os das decisões e conversas de vocês, convidando-os a participarem dessa elaboração.

Meu msn é adrianacrocha@hotmail.com

Fico bastante tempo on line.

Bom trabalho!

Beijos,

Adriana

Re: Equipe 03- Fátima, Elba, Isis, Magali, Lourdete
por [Elba](#) - domingo, 30 julho 2006, 19:08

Sobre o texto lido confesso que caiu bem e na hora certa. Ele não me fez refletir apenas com relação ao curso, mas me auxiliou na maneira que devo organizar minha vida, distinguindo minhas metas e prioridades, além de criar meus próprios horários.

Despertou-me o desejo de seguir adiante e de acreditar nas minhas capacidades. Pensei bastante em alguns pontos destacados no teste e confesso que preciso melhorar muito, mas digo, também, que a mudança já começou. Eu realmente gostei do texto; é extremamente claro, bem escrito e direto.

Re: IMPORTANTE: ATIVIDADE 3 DO MÓDULO 2
por [Elba](#) - domingo, 30 julho 2006, 19:33

Bom, após a leitura do texto, percebeu-se a responsabilidade que o aluno deve ter sobre sua própria aprendizagem, ou seja, a tão falada autonomia, mas um dos pontos bastante discutidos hoje é a questão da motivação. O que deve ser feito por parte dos tutores mesmo, ou o que o ambiente deve oferecer além do que já existe para motivar a aprendizagem do aluno ? Elba Maria.

ANEXO 7

FÓRUM DE ANÁLISE DE SOFTWARE PARA PRODUÇÃO ARTÍSTICA



Fórum nº 5: Tema em debate - análise de software para produção artística
por [Sheila Maria Campello](#) - quarta, 13 dezembro 2006

Tutores participantes: Adriana, Andréa, Dani, Fátima.

Alunos participantes: Adriana P., Alexandre, Alexsandro, Alice, Andréa H., Andréia S., Carolina D., Carolina M., Cledja, Cristiane, Edicélia, Edna, Emanuele, Erocilda, Fabiana, Fausta, Glaudistonia, Graciela, Janaina, Jucilene, Kátia, Lilian, Lucilene, Nádia, Paulo Severino, Raquel, Regina, Roberta, Roseli, Rosimar, Ruth, Sylker, Terezinha, Valéria, Zeny.

Neste fórum iremos analisar programas que possam ser utilizados para a produção artística em ambientes virtuais, nas diferentes linguagens - literatura, visuais, teatro, música e imagens em movimento.

Tendo em vista que as escolas não dispõem de recursos para a compra de programas, creio que seria bom direcionarmos as pesquisas para os programas disponíveis na Internet (livres). Nada nos impede, entretanto, de analisar outras possibilidades de uso de software proprietários, que vocês utilizem em suas práticas.

Nosso objetivo é trocar figurinhas. Que cada um possa contribuir, encaminhando dicas, passo-a-passo, avaliação de desempenho e todo o tipo de informações que possam ser úteis aos colegas. Este deverá ser um debate sobre as possibilidades de aplicação prática dos recursos computacionais para produção de trabalhos.

Quem entra nesta roda?

Beijos,

Sheila.

Re: Fórum nº 5: Tema em debate - análise de software para produção artística
por [Alexsandro](#) - quarta, 13 dezembro 2006, 20:05

Um software legal para trabalhar com ilustração e pintura é o corel painter (antigo fractal painter)... pena que os softwares que proporcionam melhores produções e qualidade profissional custem muito caro para os meros mortais e mais caros ainda para serem adquiridos por estudantes, principalmente de escola pública... vou tentar me recordar de algum freeware bom...Cabe ainda ressaltar, que os softwares são apenas ferramentas, assim como os pincéis, as espátulas, as "markerdesign", apenas mais flexíveis no uso, pois nos proporciona corrigir e experimentar com mais facilidade... mas o que vale mesmo e é precioso está em nossos cérebros...

Re: Fórum nº 5: Tema em debate - análise de software para produção artística
por [Roseli](#) - quarta, 13 dezembro 2006, 18:10

Olá pessoal, gostaria de ficar aqui com vocês.

Será que dou conta do recado?

Confesso que foi a primeira vez que utilizei o recurso **PAINT**...e encantei!

Gostaria de conhecer e aprender novas possibilidades...

Tenho verdadeira adoração por fotografia!

Morei entre 2002 e 2005 em Brasília, voltando agora em 2006 para minha casa em

Valinhos(interior de São Paulo, terra do figo) e trouxe comigo uma mostra fotográfica denominada "Um olhar sobre Brasília", composta por fotografias tiradas no decorrer do ano de 2005 e um DVD que se subdivide em "Imagens " "Cores de Brasília" feito no **STUDIO 9 da Pinnacle.**

Passei com minhas mostra por 4 lugares no decorrer do ano de 2006.

Atualmente estou envolvida com minha nova mostra para 2007, cujo tema é Café.

Quem sabe descubro novas possibilidades com vocês!!!

Volto depois.

Softwares Livres de Produção artística

por [Sylker](#) - quarta, 13 dezembro 2006, 19:59

Vou iniciar minha contribuição apresentando a vocês dois softwares livres que fazem o que chamamos de "pintura digital".

Eles simulam técnicas artísticas, pinceladas, telas, entre outros efeitos.

O primeiro é o ArtRage, que traz ótimas ferramentas como lápis, pincéis, sprays, além de ter muita precisão nos traços, gerando um resultado bastante natural.Vocês podem encontrar o ArtRage em:

<http://superdownloads.uol.com.br/redir.cfm?softid=27305>

O segundo software é o Artweaver. Não trabalhei muito com este não, mas o pouco contato que tive mostrou que trata-se de um software bastante completo, com muitas opções de personalização e ferramentas complexas.

O download pode ser feito aqui:

<http://superdownloads.uol.com.br/redir.cfm?softid=40272>

Bom, depois volto com mais dicas e um tutorial, ok?

Abraços ;)

por [Cristiane](#) - quinta, 14 dezembro 2006, 17:11

Esses são alguns dos softwares que já utilizei em sala de aula: Windows Movie Maker (editor de vídeo) - é um software para trabalhar mais os imagens, pois com pequenos vídeos ele fica muito lento.Nero Movie (na verdade tenho que rever o nome correto) - editor de vídeo - funciona melhor com vídeo que o movie maker.Photoshop - Editor de imagens - software pesado que vc não tem uma boa maquina.Paint - gosto de utilizar para criação livre - principalmente usando para a abstração.Agora estou tentando achar um programa de animação para trabalhar em sala.

Cristiane Ugolini - Florianópolis – SC

Re: Fórum nº 5: Tema em debate - análise de software para produção artística

por [Lucilene](#) - sexta, 15 dezembro 2006, 06:21

Oi, Ale!!! Acho que vc pode me ajudar.... Quais são os tipos de imagem digital? Com quais a gente pode trabalhar na EAD? Conhece alguns teóricos? bjkssssssss Lu

Vou ficar no fórum ref interpretação de imagens que tem mais a ver comigo, mas gostaria da ajuda de vcs para responder esta pergunta que faz parte do meu mestrado. Quero entender melhor ref a imagem digital!!! Ela ajuda na aprendizagem na EAD? Cada um lê de uma maneira e a interpreta... Qual o tipo de imagem digital que melhor se adapta a EAD para facilitar a aprendizagem? Alguém pode me indicar alguns teóricos?

1. Quais os instrumentos teóricos existem hoje para analisar a imagem digital e sua função comunicativa?

2. Quais são os tipos de imagem digital utilizados hoje para facilitar a comunicação entre o aluno e o conteúdo por meio do computador?
3. Flash, simulação e animação são tipos ou funções da imagem digital?

bjks Lucilene

Re: Fórum nº 5: Tema em debate - análise de software para produção artística
por [Alexandre](#) - sexta, 15 dezembro 2006, 09:28

olá Lu! vou tentar responder algumas... de trás pra frente, Flash é um programa que permite a interatividade, produz imagens ou animações que podem ser controladas pelo usuário. Simulação podemos exemplificar com os programas de 3D, onde se pode construir objetos ou ambientes e animação pode ser feita neste dois programas ou em programas de edição de imagens e vídeo. Quanto as "imagens digitais" tudo que for produzido no computador é imagem digital, não existe melhor, mas sim a melhor maneira de adaptá-las às suas necessidades. Espero ter ajudado um pouco. beijos ale